



Contributo para a Valorização do Património Cultural nos Núcleos Urbanos

Caso de estudo – Concelho de Alcochete

Débora Glória Miguel Guerra

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura Paisagista

Orientadora: Doutora Maria Cristina da Fonseca Ataíde Castel-Branco

Júri:

Presidente: Doutor Luís Paulo Almeida Faria Ribeiro, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa.

Vogais: Doutora Maria Cristina da Fonseca Ataíde Castel-Branco, Professora Associada com agregação do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa;

Doutor João Pedro Teixeira de Abreu Costa, Professor Auxiliar com agregação da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Lisboa, 2015

AGRADECIMENTOS

A obtenção dos resultados expostos ao longo desta dissertação, em muito se deve à excelente orientação da Professora Doutora Cristina-Castel Branco, que através do seu acompanhamento, da sua exigência e rigor na exposição das matérias e pela disponibilidade prestada, fez com que entre dificuldades e progressos este trabalho se tenha realizado.

Presto também um agradecimento à equipa ACB, que sempre me apoiaram e acompanharam ao longo deste ano de trabalho.

À Câmara Municipal de Alcochete pela disponibilidade na cedência da informação solicitada, em especial à Dra. Cíntia Mendes.

Às minhas amigas que apesar de distantes, sempre me apoiaram, fortalecendo esta amizade que nos une pela dedicação e carinho demonstrados.

Ao Marco, pelo carinho, a força e o apoio infinito prestado ao longo desta caminhada.

E por fim, o meu profundo agradecimento às pessoas que contribuíram para a concretização de todo este percurso académico, a minha família. Mãe, pai, mano, Tina e Erich, sem o vosso constante apoio, confiança e dedicação seria impossível chegar até aqui, por tudo o que me proporcionaram, o meu sincero obrigado. Dedicando-vos esta dissertação.

RESUMO

O presente trabalho analisa os métodos que contribuem para a valorização do património cultural nos núcleos urbanos, tanto através de uma revisão bibliográfica dos princípios do urbanismo, como através de exemplos em que os núcleos culturais serviram para dinamizar a valorização urbana. A forma como estes núcleos podem contribuir para o desenvolvimento urbano, através da sua valorização e divulgação, foi tentativamente aplicado à vila de Alcochete.

Os métodos para aplicar a este estudo, foram escolhidos depois de uma análise a diversas teorias urbanísticas que nos mostram a forma como as cidades evoluem e se relacionam com as suas memórias e a sua identidade cultural. Constatou-se que para conseguir o sucesso dos núcleos culturais são úteis abordagens multidisciplinares, em torno da perspetiva cultural dentro dos núcleos urbanos e desenvolver o interesse das comunidades locais para promover o seu uso e a sua divulgação.

Como caso de estudo escolhemos Alcochete, tentando-se criar uma nova perspetiva de utilização pública que confira uma nova centralidade e dinâmica à vila. Foram sendo analisadas as possibilidades de oferta num contexto turístico, a partir do conhecimento e prática dos seus usos, dos costumes e tradições e dos produtos locais. Identificou-se assim, a necessidade de introdução de elementos práticos que preservem, valorizem e divulguem as qualidades de um pólo cultural que alavanque o desenvolvimento urbano, social, turístico e económico através do uso da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Patrick GEDDES, Identidade, Dinamização cultural, Desenvolvimento urbano, Turismo, Alcochete

ABSTRACT

This paper analyzes the methods that contribute to the enhancement of cultural heritage in urban centers, both through a literature review of the principles of urbanism, as through examples in which cultural cores served to boost the urban recovery. The way these nuclei may contribute to urban development through its development and promotion, was tentatively applied to the village of Alcochete.

The methods to implement this study were chosen after an analysis of several urban theories that showed us how cities evolved and have related their memories and their cultural identity. It was found that to achieve the success of cultural cores are useful multidisciplinary approaches around the cultural perspective within the urban core and to develop the interest of local communities in order to promote their use and disclosure.

As study case we chose Alcochete and tried to create a new perspective of public use which gives a new and dynamic centrality to the village. The opportunities it offers in a tourism context were analyzed, from the knowledge and practice of their habits, customs, traditions and local products. It was identified as well, the need to introduce practical elements that preserve, enhance and publicize the qualities of a cultural center that leverages the urban, social, economic and tourism through the use of culture.

PALAVRAS-CHAVE: Patrick GEDDES, Identity, Cultural dynamism, Urban development, Tourism, Alcochete.

EXTENDED ABSTRACT

The image transmitted by Alcochete regarding its memories and cultural elements brings us into a reality, where you need a more intense use of culture and hence its public disclosure. The Chapter III of this dissertation reveals the existing cultural richness in Alcochete, highlighting the size of its symbolism and local identity. Its privileged location, rich history and traditions are marked by people with strong ties to agriculture, desalination (formerly linked to fisheries), religious traditions and bullfighting. It was with the quality of this set of elements in mind that was intended to invest in the development and promotion of Alcochete's heritage, with a proposal for cultural promotion.

From this strategic objective, we began to study the European cities evolution since the nineteenth century, where a review between the pre-urbanism and current urbanism is done. It was identified in the two specific urban models, which Françoise CHOAY divided into Progressivism and Culturalism approach. The first is characterized by large technical and scientific changes in the cities and the second assertion by the affirmation of the aesthetic but also marked by the advancement of certain techniques and the introduction of nature in the urban environment. We chose to highlight the Culturalist model, specifying in detail the principles and methods of five authors: Camillo SITTE, Ebenezer HOWARD, Raymond UNWIN, Frederick Law OLMSTED and Charles ELIOT. Emphasis was given to the analysis of the biologist Patrick GEDDES, author of theories that proved essential in this work and responsible for crossing various areas of knowledge, such as geography, history, science and nature, focusing on urban and regional planning. His scientific contribution is marked by several concepts, such as "city-region", "conurbations" and "section of the Valley", leaving us an important milestone, which reveals each of his teachings, the museum - the Outlook Tower, emerging as a hub of culture to foster urban quality.

The importance of interconnection and relationship between theoretical and practical subjects will be exposed throughout the chapter II, where was elaborated a summary of five case study as an introduction to heritage in the city, two of them international (Palais des Papes in Avignon, France and the Guggenheim Museum in Bilbao, Spain) with a great relationship between culture, tourism and urban space, where we tried to understand how access to cultural elements of art and traditions improve urban development. The remaining three case studies, nestled in Lisbon (Portuguese World Exhibition 1940, Calouste Gulbenkian Foundation in 1959 and the EXPO '98), which were implemented during the twentieth century, with intervals of 20/30 years between them, but with different strategies within the city. We intend to examine each of these spaces, realize the source of its

implementation and the way it contributed to the development of the city, cultural, social and economic level.

As case study was chosen Alcochete and the aim was to create a new perspective of public use which gives a new and dynamic centrality to the village. The opportunities it offers in a tourism context were analyzed, from the knowledge and practice of their habits, customs, traditions and local products. It was also identified the need to introduce practical elements that preserve, enhance and publicize the qualities of a cultural center that leverages the urban, social, economic and tourism through the use of culture.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract	III
Extended abstract	IV
Índice geral	VI
Índice de anexos	VIII
Índice de figuras e quadros	IX
Lista de abreviaturas.....	XI
Introdução.....	1
Capítulo I. Teorias do urbanismo	3
1.1. O Pré-Urbanismo	3
1.1.1. O modelo pré-progressista.....	4
1.1.2. O modelo pré-culturalista	6
1.2. Urbanismo.....	6
1.2.1. O novo modelo progressista: a cidade do futuro	9
1.2.2. O novo modelo culturalista: elementos culturais na cidade	11
1.2.2.1. Camillo Sitte.....	11
1.2.2.2. Ebenezer Howard e Raymond Unwin.....	15
1.2.2.3. Frederick Law Olmsted e Charles Eliot	20
1.2. O urbanismo da continuidade: Patrick Geddes e seus seguidores	23
1.4. Kevin Lynch e o seu seguidor Carl Steinitz.....	299
1.5. <i>Landscape urbanism</i>	322
1.6. O Património e os processos culturais na cidade	399
1.6.1. Processos culturais dentro do tecido urbano.....	399
Capítulo II. Valorização da cidade em função do património - desenvolvimento cultural e turístico	466
2.1. Casos de sucesso de introdução de património na cidade como elemento turístico	477
2.1.1. Despertar da história e da cultura – Palais Des Papes em Avignon, França	488
2.1.2. Novo coração de Bilbao – Museu de Guggenheim, Espanha.....	522
2.2. Casos de sucesso de introdução de património na cidade	555
2.2.1. A simbologia e historicidade – Exposição do Mundo Português em 1940, Lisboa.....	555

2.2.2. Pioneiro na dinamização da cultura em Portugal – Fundação Calouste Gulbenkian	577
2.2.3. Uma nova centralidade – EXPO '98, Lisboa	6060
Capítulo III. Caso de estudo – Alcochete	655
3.1. Enquadramento	655
3.2. História	666
3.3. Caracterização do património cultural	677
3.3.1. Património classificado	677
3.3.2. Outros elementos históricos com interesse	688
3.3.3. As salinas de Alcochete	688
3.3.4. Costumes e tradições	699
3.3.5. Estratégias culturais existentes	7070
Capítulo IV. Proposta de valorização do património cultural em Alcochete	733
4.1. Como atrair os visitantes	733
4.2. Forma de atrair a população local	744
4.3. Forma de atrair a população regional e nacional	744
4.4. Proposta	755
Conclusão	799
Bibliografia	811
Anexos	877

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO A: Patrick GEDDES	87
ANEXO B: Caso de estudo de Avignon.....	88
ANEXO C: Caso de estudo de Bilbao.....	89
ANEXO D: Exposição do Mundo Português de 1940.....	90
ANEXO E: Caso de Estudo da Fundação Calouste Gulbenkian.....	91
ANEXO F: Caso de Estudo de Alcochete.....	92
ANEXO G: Outros elementos históricos com interesse no Concelho, baseado na análise do PDM de Alcochete.....	95
ANEXO H: Caso de Estudo de Alcochete, Fotografias.....	97
ANEXO I: Questões estratégicas de atração turística dirigida a três grupos: população local, visitantes regionais e visitantes internacionais.....	99
ANEXO J: Tabela com os números relativos aos visitantes do Museu Municipal de Alcochete (três núcleos) e do Fórum Cultural de Alcochete.....	100
ANEXO K: Esquema de percursos marítimos entre concelhos.....	101
ANEXO L: Rota turística de Alcochete.....	102

ÍNDICE DE FIGURAS E QUADROS

FIGURAS

Figura 1: Processo de conurbação de Patrick Geddes.....	87
Figura 2: A <i>Outlook Tower</i> de Patrick Geddes, em Edimburg.....	87
Figura 3: Localização de Avignon, em França.....	88
Figura 4: Mapa turístico de Avignon.....	88
Figura 5: Vista do rio Rhône para a Ponte de Saint-Bénézet e para o Palais des Papes.....	88
Figura 6: Localização de Avignon, em França.....	89
Figura 7: Museu de Guggenheim, em Bilbao.....	89
Figura 8: Plano da Exposição do Mundo Português.....	90
Figura 9: Localização de Alcochete.....	92
Figura 10: Igreja São João Batista, Matriz de Alcochete.....	97
Figura 11: Igreja da Misericórdia de Alcochete.....	97
Figura 12: Capela de Nossa Senhora da Vida.....	97
Figura 13: Pórtico do antigo Convento de São Francisco.....	97
Figura 14: Olaria Romana do Porto dos Cacos.....	98
Figura 15: Fragmento do Pelourinho de Alcochete.....	98
Figura 16: Praça de Touros.....	98
Figura 17: Esquema de percursos marítimos entre concelhos.....	101
Figura 18: Rota turística de Alcochete.....	102
Figura 19: Aproximação ao núcleo histórico.....	103

QUADROS

Quadro 1: Quadro representativo do número de visitantes nos três primeiros anos de abertura do Museu Guggenheim de Bilbao e dos últimos três anos.....	89
Quadro 2: Atividades distributivas da Fundação Calouste Gulbenkian com os respetivos números e custos (Euros) correspondentes ao ano 2011.....	90
Quadro 3: Iniciativas da Fundação Calouste Gulbenkian com os respetivos números e custos (Euros) correspondentes ao ano 2011.....	91
Quadro 4: Atividades permanentes da Fundação Calouste Gulbenkian com os respetivos números de visitantes e custos (Euros) correspondentes ao ano 2011.....	91
Quadro 5: Monumento Nacional, Igreja de São João Baptista, Matriz de Alcochete.....	92
Quadro 6: Imóveis de Interesse Público, Igreja da Misericórdia de Alcochete e Capela de Nossa Senhora da Vida.....	93

Quadro 7: Interesse Municipal, Pórtico do antigo Convento de São Francisco.....	94
Quadro 8: Sítio de Interesse Público, Olaria Romana do Porto dos Cacos.....	94
Quadro 9: Questões estratégicas de atração turística pensadas para três grupos: população local, visitantes regionais e visitantes internacionais.....	99
Quadro 10: Tabela com os números relativos aos visitantes do Museu Municipal de Alcochete (três núcleos)	100
Quadro 11: Tabela com os números relativos aos visitantes do Fórum Cultural de Alcochete.....	100

LISTA DE ABREVIATURAS

AML – Área Metropolitana de Lisboa
CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
CMA – Câmara Municipal de Alcochete
ETAR – Estação de Tratamento de Águas Residuais
ETRS – Estação de Tratamento de Resíduos Sólidos
EUSTAT – Euskal Estatistika Erakundea – Instituto Vasco de Estadística
EXPO '92 – Exposição Universal de 1992
EXPO '98 – Exposição Mundial de 1998
ICOMOS – International Council of monuments and cities
IM – Interesse Municipal
INE – Instituto Nacional de Estatística
IIP – Imóvel de Interesse Público
IPCC – Inter-Governmental Panel on Climate Change
IUCN – International Union for the Conservation of Nature
MAB – Man and the Biosphere
MN – Monumento Nacional
PDM – Plano Diretor Municipal
PIB – Produto Interno Bruto
RNET – Reserva Natural do Estuário do Tejo
RPAA – Regional Planning Association of America
SIG – Sistemas de Informação Geográfica
SIP – Sítio de Interesse Público
UNEP – United Nations Environment Programme
UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
ZEP – Zona Especial de Proteção

INTRODUÇÃO

A imagem que transmite Alcochete quanto às suas memórias e elementos culturais presentes no concelho transporta-nos para uma realidade direcionada, com a falta de um uso mais intenso da cultura e consequentemente a sua divulgação pública. O capítulo III desta dissertação revela-nos a riqueza cultural existente em Alcochete, realçando a dimensão da sua simbologia e da identidade local. A sua localização privilegiada, a riqueza histórica e tradicional marcado por um povo com fortes ligações à agricultura, à salinicultura (outrora ligado às pescas) e às tradições religiosas e tauromáquicas. É a partir da qualidade deste conjunto que se pretendeu, no capítulo IV, apostar para a valorização e divulgação do seu património, através de uma proposta de dinamização cultural. Recorreu-se à identificação de elementos prioritários, na criação de formas de valorização cultural, que estrategicamente podem promover o desenvolvimento urbano, turístico e económico da região.

A partir deste objetivo estratégico, iniciámos no capítulo I, o estudo sobre a evolução das cidades europeias, procedentes do século XIX, onde é feita uma revisão compreendida entre o pré-urbanismo e o urbanismo atual. Identificou-se numa abordagem específica aos dois modelos urbanos, que Françoise CHOAY dividiu em Progressismo e Culturalismo. O primeiro é caracterizado pelas grandes mudanças técnicas e científicas nas cidades e, o segundo pela afirmação da estética mas também marcado pelo avanço das técnicas e pela introdução da natureza no meio urbano. Optou-se por realçar o modelo Culturalista, especificando detalhadamente os princípios e métodos de cinco autores: Camillo SITTE, Ebenezer HOWARD, Raymond UNWIN, Frederick Law OLMSTED e Charles ELIOT. Deu-se ênfase à análise do biólogo Patrick GEDDES, autor de teorias que se revelaram essenciais no decorrer deste trabalho. Responsável pelo cruzamento de diversas áreas do conhecimento, tais como a geografia, a história, a ciência e a natureza, incidindo sobretudo no planeamento urbano e regional. O seu contributo científico é marcado por vários conceitos, como a “cidade-região”, “conurbações” e “seção de Vale”, deixando-nos um marco importante, que nos revela cada um dos seus ensinamentos, o seu museu da cidade – a *Outlook Tower*, surgindo como núcleo cultural dinamizador da qualidade urbana.

Foi também aprofundado os métodos projetuais de Carl STEINITZ, que consolida uma visão ambiental com o fator essencial na melhoria do funcionamento urbano e paisagístico. Tornou-se fundamental a complementaridade e a flexibilidade das componentes de análise, auxiliadas pelos Sistemas de Informação Geográfica, de modo a obter melhores resultados na organização ambiental do tecido urbano.

Ainda neste capítulo é analisado outra vertente do urbanismo, uma área intitulada de *landscape urbanism*, onde é analisado o desenvolvimento das cidades que ao longo do tempo foram alvo de diferenciações (entre a cidade e o campo). A paisagem torna-se assim, num aspeto central para a organização urbana, praticado por equipas multidisciplinares capazes de compreender a paisagem e o urbanismo.

A importância da interligação e do relacionamento entre as matérias teóricas e as matérias práticas serão expostas ao longo do capítulo II, onde é feito um resumo de cinco casos de estudo de introdução do património na cidade, dois deles internacionais (Palais des Papes em Avignon, França e o Museu Guggenheim em Bilbao, Espanha), com maior relacionamento entre a cultura, o turismo e o espaço urbano, onde se tentou perceber como é que o acesso aos elementos culturais da arte e das tradições melhoram o desenvolvimento urbano. Os restantes três casos de estudo, sítos em Lisboa (Exposição do Mundo Português de 1940, Fundação Calouste Gulbenkian em 1969 e a EXPO '98), foram implementados durante o século XX, com intervalos de 20/30 anos entre eles, mas com estratégias diferentes no seio da cidade. Pretende-se analisar cada um dos espaços e perceber a origem da sua implementação e o modo como contribuíram para o desenvolvimento da cidade, a nível cultural, social e económico.

Procurou-se obter uma abordagem a diversos temas pertinentes para a valorização do património cultural de Alcochete e para o seu desenvolvimento económico e urbano, sem perder a sua originalidade como oferta cultural, a sua beleza e a sua autenticidade entre o Tejo e a campina.

CAPÍTULO I. TEORIAS DO URBANISMO

No final do século XIX, com a expansão das áreas industriais, surge a necessidade de otimizar os meios de mecanização, neste sentido Gaston BARDET (1907-1989) apresenta como estudo da rápida expansão urbana, o termo “*urbanismo*”, em resposta à necessária melhoria das condições de vida das sociedades.¹

As novas formas urbanas surgem como um fenómeno dominante a partir da revolução industrial. É a partir deste momento marcante na história do urbanismo que as cidades se deparam com a inadequação da organização das mesmas. Executada para o lucro foi, por várias vezes, posta em causa a metodologia adotada na construção das cidades industriais. Diversos pensadores e políticos do século XIX, entre os quais, Robert OWEN (1771-1858), Charles FOURIER (1772-1837), Etienne CABET (1788-1856) a Pierre-Joseph PROUDHON (1809-1863), John RUSKIN (1818-1900) a William MORRIS (1834-1896) e Karl MARX (1818-1883) a Friedrich ENGELS (1820-1895), questionaram ao longo do seu percurso a problemática atravessada pelas cidades, apelando à união entre a estrutura das cidades e o relacionamento com as sociedades. A estas teorias CHOAY designa de “*pré-urbanismo*”.

1.1. O PRÉ-URBANISMO

O efeito caótico do crescimento das cidades industrializadas fazia-se sentir um pouco por todas as grandes cidades e decorrente desta situação, o planeamento urbano faz surgir dois pontos de vistas distintos analisados em seguida – “*quantitativo e estrutural*”,

O ponto de vista quantitativo surge em função da elevada concentração populacional nas cidades e a fuga da população em direção aos pólos centrais industrializados resultando na desertificação dos campos e dando origem ao crescimento caótico das cidades. Este fenómeno resultou do crescimento avassalador da população nas grandes cidades, como é exemplo o caso de Londres que viu a sua população aumentar cinco vezes mais num espaço de cem anos.²

O ponto de vista estrutural visa a necessidade de reestruturar as cidades antigas em função das necessidades sociais e económicas, criando uma nova ordem que se desprende das estruturas densificadas dos núcleos tradicionais. Nesta nova ordem a especialização dos setores urbanos e os grandes equipamentos públicos vêm alterar a configuração das cidades. Neste sentido, o contributo de George-Eugène HAUSSMANN (1809-1891), foi

¹ BARDET, Gaston – *L’urbanisme*, 6ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1967, pp.5-7

² CHOAY, Françoise - *O Urbanismo, Utopias e realidades, uma antologia*, 5ª ed., São Paulo, Perspectiva S.A.,1998, pp.1-3

fundamental para perceber essas transformações, adaptando às ruas de Paris as exigências económicas e sociais durante o Segundo Império. Esta massificação das funcionalidades conduziu a mudanças radicais na cidade, nomeadamente, a implementação de novas vias de comunicação, o alargamento das vias existentes, a criação de estações, assunto que será desenvolvido com maior detalhe adiante.^{3, 4}

A finalizar o crescimento desmesurado desta nova ordem encontram-se as áreas suburbanas, que foram ocupadas quer pela indústria na periferia das cidades, quer pelas zonas habitacionais do operariado e das classes médias, criando cidades diferentes das cidades tradicionais.

A mudança imposta por esta nova ordem é acompanhada pela sociedade de um modo irreconhecível e estranho às suas origens. Numa primeira fase de análise, as cidades do século XIX foram abordadas por CHOAY, organizando com os seguintes métodos:

1. *Descritivo*, que observa as cidades através de leis de crescimento, onde as cidades seriam vistas como acontecimentos isolados e ordenadas quantitativamente. Pensamento polémico, que visava o método de desenvolvimento das grandes cidades industriais.
2. *Humanitário*, onde a autora analisa os sentimentos que surgem da sensibilização essencialmente de médicos, higienistas e políticos indignados com as condições de insalubridade vividas pelas classes operárias. Estes criticam e denunciam o estado degradante das cidades de uma forma global.

Assim, CHOAY desenvolve a sua análise do pré-urbanismo estruturando-a nos seus dois métodos distintos que surgem por um lado, do confronto temporal entre o passado e o futuro, por outro, pelo conjunto de filosofias políticas e sociais desenvolvidas pelo modelo progressista, quer por autênticas utopias desenvolvidas pelo modelo culturalista, apresentadas em seguida.⁵

1.1.1. O modelo pré-progressista

O modelo progressista tem como ideia base a valorização do progresso e das técnicas futuras, a serem aplicadas nas novas cidades, que sofriam um elevado crescimento populacional. Com base nas críticas do desenvolvimento das grandes cidades industriais, foi criado um modelo racionalizado baseado em métodos standardizados e na mecanização

³ CHOAY, Françoise - *O Urbanismo, Utopias e realidades, uma antologia*, 5ª ed., São Paulo, Perspectiva S.A.,1998, p.4

⁴ DATO, Giuseppe – *L'urbanistica di Huassmann un modello impossibile?*, Roma, Officina Edizioni,1995, pp.9-10

⁵ CHOAY, Françoise - *O Urbanismo, Utopias e realidades, uma antologia*, 5ª ed., São Paulo, Perspectiva S.A.,1998, p.5

da indústria, procurando medidas universais de forma a criar um “*homem-tipo*” a ser produzido sem variações. Submetendo o indivíduo humano a um protótipo onde a ciência e a técnica dominam a indiferença às origens, no tempo e no espaço.

Este modelo é desenvolvido nos primeiros decénios do século XIX, com o principal objetivo de corrigir as falhas das cidades industriais, apoiadas em medidas extremas, defendendo quer a reconstrução das cidades de raiz, contrapondo-se às formas existentes, quer a resolução dos problemas de forma isolada e singular, sem se preocupar com a conectividade do organismo citadino. Desenvolvido por diversos autores, nomeadamente, Robert OWEN (1771-1858), Charles FOURIER (1772-1837), Etienne CABET (1788-1856) e Pierre-Joseph PROUDHON (1809-1863), que não só expõem a sua cidade ideal como se dedicam a pô-la em prática. Estes autores partilham a confiança no racionalismo, admitindo que, a ciência e a técnica terão a capacidade de resolver todos os problemas de relacionamento entre os humanos e o mundo.

À cidade desordenada estes autores propõem um conjunto de melhoramentos específicos que a tornam “*símbolo de progresso*”, nomeadamente alargamento das ruas, introdução de esgotos e drenagem, assim como a abertura de espaços amplos proporcionando mais luminosidade, espaços verdes pontuados ao longo da cidade, introdução da água, medidas racionais nas quais os autores fundamentam o combate à higienização nas cidades industriais.^{6, 7}

Planear espaços destinados à estadia do homem, foi uma prioridade para alguns pensadores do progressismo, analisando locais como a habitação, o trabalho e a cultura, de forma a proporcionar espaços de recreio e lazer à sociedade. O modelo futurista desprende-se na sua totalidade do legado dos núcleos urbanos históricos e das heranças artísticas do passado adotando uma linguagem onde a lógica da função e a estética se conjugam.

Este modelo apresenta diversos edifícios onde são utilizados protótipos essencialmente pensados para funções habitacionais, como o Falanstério de FOURIER em cidades como São Petersburgo, Londres e Paris e o Familistério de GODIM, uma redução do modelo de FOURIER, construído e mantido até aos dias de hoje em Guise (Norte de França) transformando-se em locais importantes e distintos para a sociedade.⁸

⁶ BENEVOLO, Leonardo – *As origens da urbanística moderna*, Lisboa, Editorial Presença, 1981, p. 9-10

⁷ CHOAY, Françoise - *O Urbanismo, Utopias e realidades, uma antologia*, 5ª ed., São Paulo, Perspectiva S.A., 1998, p.5

⁸ BENEVOLO, Leonardo – *As origens da urbanística moderna*, Lisboa, Editorial Presença, 1981, p. 65-74

1.1.2. O modelo pré-culturalista

Este modelo surge igualmente durante o século XIX em Inglaterra, a partir das obras de John RUSKIN (1818-1900) e William MORRIS (1834-1896), que por sua vez seguiam as teorias de Augustus PUGIN (1812-1852), um defensor incondicional das formas góticas, como sendo as únicas formas cristãs, durante os anos de 1836 a 1851. O trabalho desenvolvido por RUSKIN e MORRIS (seu fiel seguidor) contribuiu para uma amenização entre a estrutura social e preservação da arte, contrariando a apologia defendida pelo modelo progressista que defendia o indivíduo como elemento central na construção das cidades, enquanto o modelo culturalista analisa o conjunto populacional como um todo, centrado no regresso à natureza como cenário de um passado perdido.⁹

A destruição causada pelo industrialismo preocupava estes autores que procuravam salvaguardar as suas origens culturais. Assim, defendiam a estética das cidades periféricas e de pequena dimensão inspirando as suas propostas nas cidades medievais, ao contrário do progressismo que assegurava as questões ligadas à higiene. O fator importante no seguimento deste modelo era a preservação da arquitetura local como elemento exclusivo deixado pelos antepassados, defendendo que a essência do lugar se devia manter inalterada. A ideia de devolução da nostalgia do passado fazia renascer a cultura local asfiriada pelas cinzas da cidade industrial.¹⁰

A trajetória destes dois modelos iniciais marcou com ideias firmes e distintas o percurso das cidades futuras.

1.2. URBANISMO

“A cidade não é mais que uma parte do conjunto económico, social e político que constitui a região”¹¹

As revoluções de 1848 marcaram um ponto importante na história da cultura e nos movimentos políticos do século XIX, dando origem à mudança na história da urbanística moderna. Este manifesto revolucionário estendeu-se por grandes cidades europeias, marcado pela estabilização do poder político burguês e pelo aparecimento do proletariado industrial, registado pelo Manifesto de Karl MARX e ENGELS. O planeamento urbano após a revolução deu origem a grandes intervenções urbanísticas nas cidades europeias, assinalando vários pontos importantes que diferem do modelo pré-urbanista e o urbanismo.

⁹ PEVSNER, Nikolaus – *Os Pioneiros do Desenho Urbano*, Lisboa, Editora Ulisseia, 1962, pp.25-26

¹⁰ CHOAY, Françoise - *O Urbanismo, Utopias e realidades, uma antologia*, 5ª ed., São Paulo, Perspectiva S.A., 1998, pp.11-14

¹¹ *“La ciudad no es más que una parte del conjunto económico, social y político que constituye la región”* [tradução nossa] – Vide CORBUSIER, Le – *Principios de Urbanismo (La Carta de Atenas)*, 2ª ed., Barcelona, Editorial Ariel, 1973, ISBN: 84-344-0705-1, p.21

As cidades passam a ser pensadas e planeadas, não apenas por uma visão generalista, mas através de criadores especialistas na estruturação e organização da cidade, de que é exemplo o trabalho realizado em Paris por HAUSSMANN, em 1850, a ampliação de Barcelona feita por CERDÁ, em 1859, assim como trabalhos realizados em Viena, Bruxelas e Londres. Todos estes projetos que marcaram a viragem neste primeiro momento do urbanismo assinalaram três características fundamentais relacionadas com a circulação, higiene e a estética no planeamento urbano.¹²

O projeto de Paris foi sem dúvida um exemplo marcante do progressismo e da história do urbanismo. Foi durante a regência de Napoleão III que surge as duas leis urbanística influenciada pelo Barão HAUSSMANN (a lei sobre a expropriação de 1840 e a lei sanitária de 1850). O seu trabalho foi responsável pela transformação de Paris, que durante quase vinte de anos (1853-1870) deu lugar a uma nova imagem da cidade baseada na organização do traçado, novas infraestruturas (redes de esgotos, água, eletricidade, gás e telefone), equipamentos e abertura de espaços públicos na cidade. Estas modificações levaram a duras críticas de uma sociedade indignada ao ver substituído o traçado urbano medieval, característico de Paris, por um traçado regular caracterizado por extensas avenidas arborizadas, denominadas de *boulevards*, que em conjunto com as ruas e praças (geometrizadas) desenhavam vários traçados convergentes pelo qual, eram implementados edifícios padronizados que davam lugar a quarteirões. Apesar das críticas, as soluções obtidas por HAUSSMANN na resolução dos problemas da cidade, foram de grande inovação para a época. O seu planeamento era assente em princípios base, executados a partir de estudos de ordem técnica e administrativa, conduzindo a um extenso levantamento, pelo qual eram tomadas decisões, de forma a responder às necessidades de uma cidade que, na altura, contava com mais de um milhão de habitantes.^{13, 14}

O método revolucionário de HAUSSMANN operava, de forma a assegurar a funcionalidade na sua reconstrução, destacando-se dos seus contemporâneos, através de um sistema eficiente de circulação, afirmando que *“tudo o que movimenta e circula é saudável; tudo o estagna é insalubre”*¹⁵. Providenciando a circulação de ar, de água e a entrada de luz ao longo de todos os *boulevards*, ruas, praças, parques e jardins da cidade.

HAUSSMANN estabelece cinco categorias essenciais no planeamento de Paris:

- Obras viárias;

¹² BENEVOLO, Leonardo – *As origens da urbanística moderna*, Lisboa, Editorial Presença, 1981, p. 111-113

¹³ DUBY, Georges – *Histoire de la France Urbaine : La ville de l'âge industriel*, Paris, Éditions du Seuil, 1983, ISBN:2-02-006493-6, pp.93-99

¹⁴ BENEVOLO, Leonardo – *As origens da urbanística moderna*, Lisboa, Editorial Presença, 1981, pp.138-139

¹⁵ *“tout ce qui est mouvement, circulation est sain; tout ce qui stagne est malsain”* [tradução nossa] – Vide DUBY, Georges – *Histoire de la France Urbaine : La ville de l'âge industriel*, Paris, Éditions du Seuil, 1983, ISBN:2-02-006493-6, pp.93-94

- Construção de edifícios públicos;
- Criação de parques públicos;
- Construção de instalações hidráulicas;
- Alteração da distribuição administrativa.

Da necessidade de otimizar a circulação resultou a maior transformação na cidade. O novo traçado estendeu-se dentro e fora dos limites da cidade antiga abrangendo todos os terrenos periféricos existentes e sobrepondo-se com um novo sistema de ruas arborizadas retilíneas, formando uma rede organizada, que ligava os principais centros de vida quotidiana às principais estações ferroviárias, permitindo estabelecer modelos eficazes de circulação na cidade.

Com o movimento Haussmaniano, Paris ganhou novas formas mas também novas dimensões. A necessidade de equipar a cidade com instituições públicas era uma constante, nesse sentido foram construídos novos hospitais, escolas, creches, bibliotecas, mercados, prisões, quartéis, etc., de forma a satisfazer as necessidades de uma sociedade moderna em expansão. Estes edifícios eram implementados tanto nos novos como nos antigos bairros da cidade.

A terceira categoria mencionada por HAUSSMANN prende-se com a necessidade e importância de introduzir a natureza dentro da cidade, através de parques públicos que favoreçam a melhoria do ambiente urbano e, contribuam eficazmente para o bem-estar físico e mental da sociedade. A abertura em 1852, do antigo bosque situado junto do rio Sena e nas proximidades dos Campos Elíseos denominado, de *Bois de Boulogne*, pontuou na cidade uma nova centralidade de espaço público, que no entendimento de CASTEL-BRANCO afirma que *“os locais públicos passaram a ser tratados como jardins ou, talvez melhor, os jardins públicos tornaram-se locais de encontro social imortalizados pelos pintores, que no século XIX celebrizaram estes espaços captando na tela a luz, a sombra da folhagem e sobretudo a alegria descontraída destes encontros sociais em jardins públicos. [...] Em Paris instalara-se a moda do passeio no Bosque de Boulogne, projectado e recentemente aberto para esse fim social de encontros informais em cenários ideais.”*¹⁶ Esta integração da natureza no espaço público, a partir do redesenho do *Bois de Boulogne* em Paris, teve grande influência na tipologia de parque público britânico, como é exemplo o Birkenhead Park (1843), considerado o primeiro parque totalmente público, assunto que será pormenorizado adiante. Foram vários os jardins públicos criados dentro da malha urbanizada, onde o Barão HAUSSMANN contou com a colaboração de Adolphe ALPHAND (1817-1891) para um cuidado planeamento paisagístico de Paris.

¹⁶ CASTEL-BRANCO, Cristina – *D. Fernando II, o Rei-Paisagista*, In CASTEL-BRANCO, Cristina (Ed.) *Necessidades, jardins e cerca*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, ISBN: 972-24-1174-8, pp.74-75

Na construção de obras hidráulicas, HAUSSMANN contou com a preciosa ajuda do engenheiro François Eugène BELGRAND (1810-1878), que em conjunto, projetaram novos aquedutos e instalações de extração de água do rio Sena. Por fim, foi feita uma alteração quanto à distribuição administrativa das municipalidades que rodeavam a cidade de Paris, passando a estar anexadas à administração da capital, ajustando os vários *arrondissements* numa descentralização de funções administrativas.

A qualidade e as soluções adotadas no plano de HAUSSMANN foi para muitas cidades europeias um exemplo exequível, pelo controlo contido na transformação de uma grande cidade moderna.¹⁷

No entanto, a utopia que dava lugar à imaginação das cidades planeadas, não desaparece, a realidade das novas cidades impossibilita o urbanismo de se afastar das utopias remissivas dos modelos do pré-urbanismo. O planeamento urbano das cidades surge em plena alteração, seguido pelos modelos anteriores do progressismo e culturalismo, reforçado pela evolução da modernidade.

1.2.1. O novo modelo progressista: a cidade do futuro

O modelo progressista surge no século XX, acompanhado pelo desenvolvimento das técnicas e da vanguarda orientada no sentido do urbanismo moderno. Em 1917, Tony GARNIER, lança a expressão que marca o começo do urbanismo progressista. Este conceituado arquiteto desenhou o modelo da cidade industrial, projetado pela primeira vez como um espaço de domínio público, onde *“íntegra de novo a dignidade e a pureza – após um longo eclipse – nos locais de habitação, de trabalho e de convívio cívico”*¹⁸.

A cidade industrial foi fortemente influenciada pelos arquitetos “racionalistas” do início do século XX, mas foi com o “*movimento internacional*” do *Congresso Internacional de Arquitetura Moderna* (CIAM) em 1933, que surge a expansão e eficácia nos métodos de fabrico mecânico standardizado, que dá origem ao primeiro manifesto do urbanismo progressista - *Carta de Atenas* - na qual se destaca LE CORBUSIER (1887-1965), que foi uma influência na defesa deste manifesto.¹⁹

Segundo LE CORBUSIER, juntamente com o urbanismo progressista assiste-se a um período áureo no desenvolvimento e técnicas modernas, que estimula à industrialização e à arte de vanguarda, elementos fulcrais na conceção do “*homem-tipo*”, na *Carta de Atenas*. Este

¹⁷ BENEVOLO, Leonardo – *História de la Arquitectura Moderna*, 3ª ed., Barcelona, Gustavo Gili, 1979, ISBN: 84-252-0797-5. pp.100-106

¹⁸ CORBUSIER, Le - *Maneira de Pensar o Urbanismo*, 3ª ed., Mem Martins, Europa-América, 1995, ISBN: 978-972-103-370-2, p.40

¹⁹ CORBUSIER, Le – *Principios de Urbanismo (La Carta de Atenas)*, 2ª ed., Barcelona, Editorial Ariel, 1973, ISBN: 84-344-0705-1, pp.11-18

documento tem como princípio base a análise das necessidades humanas, a que a cidade terá de corresponder, criando um plano aplicável a qualquer tipo de local, de paisagem, de clima, de topografia ou de dimensão, assegurado por “sol, espaço e verdura”. A base funcional do planeamento das novas cidades é assegurada por funções básicas, como: habitar, trabalhar, circular e cultivar o corpo e o espírito.²⁰

A cidade progressista é dominada pela eficácia e por uma estética ditada pelo movimento moderno. A eficácia está garantida sob a forma coerente de vias de comunicação, infraestruturas, circulação automóvel e pedonal, zonas residenciais, de trabalho, de lazer e todas as questões de higiene e saúde, pela qualidade do espaço público, onde a preocupação de espaços verdes na cidade é uma constante, dando mote ao conceito de LE CORBUSIER de “cidade-jardim vertical”.^{21, 22}

Assim, os planos das cidades seguem eficazmente os estudos assentes no zonamento das funcionalidades, ou seja, há uma clara distinção de espaços de acordo com os usos, as áreas de habitação, de trabalho, lazer e circulação são devidamente classificadas como zonas específicas. Essa divisão confere ao espaço um carácter limitador que é propício a cada funcionalidade, assim procedeu LE CORBUSIER nos seus planos, onde nada se contradizia, cada elemento ocupava o seu lugar.²³

Conforme LYNCH afirma, numa abordagem a LE CORBUSIER, “uma cidade, de acordo com este modelo, é composta por partes autónomas, indiferenciadas, ligadas a uma grande máquina que, por contraste, tem funções e movimentos claramente diferenciados. A máquina é poderosa e bela, mas não é um trabalho de magia ou um espelho do universo. É ela própria”.²⁴

A circulação é pensada de forma independente face ao edificado, declinando por completo o traçado das cidades antigas em defesa da mecanização, eficácia, pureza das formas sem decoração e da higienização, fatores essenciais que fizeram da cidade o ápice da modernidade e contemporaneidade. O conceito da *cidade-instrumento* analisa a racionalização das formas que seguem as linhas geométricas do *Cubismo* e do *Stijl*,

²⁰ CORBUSIER, Le - *Maneira de Pensar o Urbanismo*, 3ª ed., Mem Martins, Europa-América, 1995, ISBN: 978-972-103-370-2, pp.62-92

²¹ MAUSBACH, Hans - *Urbanismo Contemporâneo, análise dos fundamentos do planeamento actual*, 2ª ed., Vila da Feira, Presença, 1977, pp. 30-31

²² ROWE, Colin, KOETTER, Fred – *Collage city*, Massachusetts, MIT Press, 1978, ISBN: 0-262-18086-3, pp.4-6

²³ CORBUSIER, Le - *Maneira de Pensar o Urbanismo*, 3ª ed., Mem Martins, Europa-América, 1995, ISBN: 978-972-103-370-2, p.7-10

²⁴ LYNCH, Kevin - *A Boa Forma da Cidade*, Lisboa, Edições 70, 2010, ISBN: 978-972-44-1330-3, p.85

despojadas de qualquer ornamentação. *“A cidade é pura geometria. O homem é pura geometria. Então chama-a de ordem”*^{25, 26}.

Deste modo, é estruturada a cidade progressista, sob um olhar pragmático e menos utópico. Fortemente marcado pelos princípios de LE CORBUSIER (1887-1965), Tony GARNIER (1869-1948), Walter GROPIUS (1883-1969), entre outros, onde a estrutura urbana segue um crescimento cuja importância incide essencialmente no *“homem-tipo”* e nas suas necessidades mecanizadas, afirmando que a *“revolução arquitetónica levada a cabo oferece as suas possibilidades à urbanização das cidades contemporâneas...”*²⁷. Esta situação criada em torno da cidade moderna como símbolo de vanguarda originou uma visão menos favorável do ponto de vista dos valores históricos que neste sentido tendem a perder valor.²⁸

1.2.2. O novo modelo culturalista: elementos culturais na cidade

No seguimento dos ideais utópicos desenvolvidos no pré-urbanismo, o modelo culturalista vem reforçar as suas teorias, evidenciando a preocupação com os valores sociais e morais dos indivíduos, bem como na valorização dos planos sob a forma de acompanhamento da sociedade em geral.

É em Inglaterra que o novo modelo culturalista teve alguma notoriedade, paradoxalmente ao acontecimento da industrialização, foi conseguido um conjunto de relações até então impossíveis de compatibilizar, a relação entre o homem e o passado, o homem e a sociedade e o homem e a natureza.

No percurso desenvolvido pelos teóricos do urbanismo culturalista destaca-se Camillo SITTE (1843-1903), Ebenezer HOWARD (1850-1928) e Raymond UNWIN (1863-1940), Frederick Law OLMSTED (1822-1903) e Charles ELIOT (1859-1897).²⁹

1.2.2.1. Camillo SITTE

O austríaco Camillo SITTE (1843-1903) foi pioneiro do urbanismo culturalista deixando a sua marca particularmente em Inglaterra com a obra *“A Construção das Cidades segundo seus*

²⁵ *“La ville est de puré géométrie. Libre, l’homme tend à la pure géométrie. Il fait alors ce qu’on appelle de l’ordre”* [tradução nossa] – CORBUSIER, Le – *Urbanisme*, Paris, Flammarion, 1994, ISBN: 2-081610-1, p.22

²⁶ ROWE, Colin, KOETTER, Fred – *Collage city*, Massachusetts, MIT Press, 1978, ISBN: 0-262-18086-3, p.54

²⁷ CORBUSIER, Le - *Maneira de Pensar o Urbanismo*, 3ª ed., Mem Martins, Europa-América, 1995, ISBN: 978-972-103-370-2, p.29

²⁸ *Idem Ibidem*, p.28-29

²⁹ CHOAY, Françoise - *O Urbanismo, Utopias e realidades, uma antologia*, 5ª ed., São Paulo, Perspectiva S.A., 1998, p.26

Princípios Artísticos”, obra que influenciou fortemente a criação da ideia da Cidade-Jardim de Ebenezer HOWARD.³⁰

Defensor da importância estética a que as cidades deveriam beneficiar, o seu trabalho, surge como um impulso que se opõe aos princípios desenvolvidos na era industrial. SITTE afirma que as cidades têm de ser vistas como verdadeiras obras de arte, que se sobrepõem à dimensão excessiva da industrialização, contrapondo-se às ideias de que a cidade teria de responder somente às necessidades técnicas do homem do presente e do futuro. A sua visão analista permitiu-lhe estudar as cidades sob um ponto de vista histórico, revelando um fascínio pela morfologia das antigas cidades (especialmente dos núcleos medievais), dando origem a um estudo pioneiro do urbanismo culturalista, impulsionador da defesa da conservação do traçado antigo, valorizando a relação entre a cidade e os seus habitantes.³¹

A sua fixação em reestruturar a componente estética nos núcleos urbanos leva-o a adotar modalidades de planeamento local focadas somente nas cidades antigas, que segundo a sua opinião, deveriam permanecer até as gerações futuras. Tais reflexões foram apoiadas por autores como Patrick GEDDES e Lewis MUMFORD que valorizavam a sensibilização para património histórico, mas criticada por LE CORBUSIER que considerava que a cidade precisava de ser planeada segundo uma visão clara e moderna, e não como um retrocesso ao passado.^{32, 33}

Camillo SITTE defendia acima de tudo a qualidade e variedade de espaços públicos e as irregularidades no traçado urbano, quebrando a continuidade feita pelos edifícios e pelas redes viárias. Nestes espaços, SITTE, pretende voltar a dar relações humanas antes ali vividas e até então perdidas pela cidade da técnica, SITTE defende as ruas estreitas e sinuosas do passado que deram lugar aos grandes *boulevards* que sob a direção de HAUSSMANN originou a destruição dos espaços tradicionais medievais, substituindo por um traçado moderno, alterando a configuração e a identidade arquitetónica da cidade. HAUSSMANN e SITTE têm teorias opostas, chegando mesmo afirmar que “*uma rede viária serve unicamente para circulação, não é uma obra de arte porque não é absorvida pelos sentidos e não pode ser abarcada de uma só vez a não ser no papel*”^{34, 35}.

³⁰ COLLINS, George R., SITTE, Camillo et al. – *Y el nacimiento del urbanismo moderno/ Construcción de ciudades según principios artísticos*, Barcelona, Gustavo Gili, 1980, ISBN: 84-252-0983-8. pp.31-32

³¹ *Idem Ibidem*, pp.9-10

³² *Idem Ibidem*, pp.11-25

³³ CORBUSIER, Le – *Urbanisme*, Paris, Flammarion, 1994, ISBN: 2-081610-1, pp.35-37

³⁴ Referente a SITTE, Camillo, “*Una red viaria sólo sirve para la circulación, no es una obra de arte porque no puede ser captada por los sentidos y sólo puede ser percibida de golpe en el plano*”. [tradução nossa] – Vide BENEVOLO, Leonardo – *História de la Arquitectura Moderna*, 3ª ed., Barcelona, Gustavo Gili, 1979, ISBN: 84-252-0797-5. p.397

³⁵ COLLINS, George R., SITTE, Camillo et al. – *Y el nacimiento del urbanismo moderno/ Construcción de ciudades según principios artísticos*, Barcelona, Gustavo Gili, 1980, ISBN: 84-252-0983-8. pp.35-38

O convívio e bem-estar público era a relação procurada por SITTE, visando as prescrições Aristotélicas, através de um planeamento baseado na segurança e felicidade dos seus habitantes, opondo-se aos métodos contemporâneos utilizados pelos “*técnicos e especialistas*”. Para combater a problemática da falta de estética no planeamento urbano, SITTE apelava à sensibilização e colaboração dos artistas na conceção das cidades.³⁶

A partir da análise que Françoise CHOAY faz ao modo como SITTE examina o tratamento da cidade, determina que deve existir um tratamento cuidado no interior da cidade, designadamente nas metodologias de análise às estruturas edificadas, enfatizando o relacionamento entre elas, tal como acontecia nas cidades antigas, onde são extraídos os elementos que mais se evidenciam nas cidades, nomeadamente, praças, ruas, monumentos e edifícios. É a partir deles que se desenvolve o plano, no qual se aplicam os seus princípios artísticos e as três ideias seguintes:

- Defender com maior rigor possível o traçado das cidades antigas;
- Romper com a rigidez dos alinhamentos da cidade moderna;
- Projetar a nova cidade sem perder a identidade do passado.³⁷

Na base do desempenho artístico de SITTE, está o seu fascínio pelas grandes obras do passado, mas também a percepção pessoal no contacto com o espaço, fomentando a prioridade dada à qualidade do espaço com base em locais onde a socialização pública dominava os pólos centrais. Partia do paradigma de praça pública dedicada particularmente ao peão, e onde era palco de grandes acontecimentos (o fórum, a ágora, o mercado, o teatro, etc.), comprovando uma continuidade harmoniosa nos seus princípios e relacionando com locais que para ele eram significativos.³⁸

Segundo Camillo SITTE, a percepção sensível da praça é um catalisador de bem-estar físico e psicológico e, como tal, apresentou as diversas formas que caracteriza a praça. Uma das noções fortemente marcadas deste autor relacionava-se com os limites, a ideia de “*clausura*” era a imagem do ideal urbano que Camillo SITTE retinha da época medieval. Os limites edificados absorviam as sensações vividas sem deixar que estas se perdessem para o infinito das grandes ruas lineares e, desta forma, beneficiavam do espaço como um todo contínuo, limpo de qualquer obstáculo para uma melhor percepção visual. Analisando a praça

³⁶ COLLINS, George R., SITTE, Camillo et al. – *Y el nacimiento del urbanismo moderno/ Construcción de ciudades según principios artísticos*, Barcelona, Gustavo Gili, 1980, ISBN: 84-252-0983-8. pp.23-28,58

³⁷ SITTE, Camillo – *L’art de bâtir les villes*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, ISBN: 978-2-02-029327-3, pp.12-21

³⁸ COLLINS, George R., SITTE, Camillo et al. – *Y el nacimiento del urbanismo moderno/ Construcción de ciudades según principios artísticos*, Barcelona, Gustavo Gili, 1980, ISBN: 84-252-0983-8. p.67

quando observada das ruas estreitas que desembocavam, por norma, nos cantos da praça.³⁹

Outra característica de SITTE era o seu interesse pela vegetação dentro do cenário urbano, considerando que o seu princípio assentava não só na defesa da estética da cidade mas também na sua higienização. A distribuição da vegetação era para Camillo SITTE uma questão de gosto e sensibilidade e não apenas uma questão de distribuição geométrica, afirmando que *“a arquitectura e a natureza, os vazios e os cheios, são os elementos principais que fazem da cidade uma obra de arte total”*.⁴⁰

SITTE rejeita a geometria do planeamento moderno, enfatiza a irregularidade e a assimetria do espaço público desenvolvido através do traçado histórico de cada local, bem como das ruas que propiciam movimentos naturais e próprios de cada lugar. A relação rítmica obtida através da diferença de altura dos edifícios face a largura dos mesmos acentua a componente da composição artística de SITTE.⁴¹

*“O estudo morfológico das cidades antigas e, logo, a história formal do seu espaço, constituem assim, para o urbanista um utensílio heurístico sem equivalente”*⁴². Assim a investigação, da cuidada observação e aprendizagem foram fatores essenciais para o seu percurso artístico, tentando atingir harmonia no tratamento do espaço urbano do passado e do presente, obrigando-se ao *“tratamento racional”* e metucioso das grandes obras do passado, valendo-lhe uma valorização do seu trabalho, por parte dos teóricos responsáveis pela preservação e restauro, contribuindo para a importância do desenvolvimento do conceito de património à escala territorial.

O arquiteto francês Eugène VIOLLET-LE-DUC (1814-1879) revelou ao longo do seu percurso artístico, uma paixão pela preservação do património histórico na cidade, refletindo-se mais tarde como um dos primeiros teóricos defensores dos monumentos históricos. A importância da preservação destes elementos nostálgicos, conduz a um pensamento crítico de VIOLLET-LE-DUC, quanto ao desempenho eclético e historicista dos arquitetos da sua época, que por sua vez, propõe a junção das análises ao passado ao projeto contemporâneo, seja ele de elementos arquitetónicos singulares ou coletivos. Esta adaptação sucede-se durante o século XIX, época de mudanças provenientes da industrialização e da necessidade de novas dimensões nas cidades.

³⁹ SITTE, Camillo – *L'art de bâtir les villes*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, ISBN: 978-2-02-029327-3, pp.35-44

⁴⁰ *“la arquitectura y la naturaleza, y los llenos y vacíos, eran los elementos primarios para hacer de la ciudad aquella obra de arte total”*. [tradução nossa] – Vide COLLINS, George R., SITTE, Camillo et al. – *Y el nacimiento del urbanismo moderno/Construcción de ciudades según principios artísticos*, Barcelona, Gustavo Gili, 1980, ISBN: 84-252-0983-8. pp.66-70

⁴¹ *Idem Ibidem*, pp.35-36

⁴² CHOAY, Françoise - *A Alegoria do Património*, 10ª ed., Lisboa, Edições 70, 2006, ISBN: 972-44-1205-9, pp. 162-163

As semelhanças teóricas expressas no tratamento das cidades entre Camillo SITTE e VIOLLET-LE-DUC demonstram a cumplicidade nas análises historicistas feitas à cidade. No entanto, as críticas de SITTE à cidade contemporânea da 2ª metade do século XIX conduzem à complementaridade no seguimento das teorias racionalistas de VIOLLET-LE-DUC, que apesar das contradições ao método de preservação das cidades históricas, analisa-o como um ideal no pensamento das cidades antigas e do presente em prospeção. SITTE centrava-se na valorização da teoria que fundamentava a organização e devolução da arte às cidades.^{43, 44}

Essas contradições teóricas entre a arte e a razão transporta para uma nova analogia, que CHOAY designa de *instinto*⁴⁵. Durante os dois percursos e com análise às suas obras literárias, é visível o livre desenvolvimento artístico caracterizado pelo estado social da época. Neste sentido o pensamento visionário de VIOLLET-LE-DUC defendia que a arte é um instinto necessário para transmitir as formas da arte e da razão. Ao passo que, a união perfeita de SITTE era conseguida com a junção da arte e da arquitetura, onde entrega o seu instinto de arte ao instinto do homem.

Ambos prosseguiram, segundo os critérios que achavam que melhor solucionava os problemas das cidades. VIOLLET-LE-DUC, ainda que mantenha a base da sua investigação em obras ancestrais, prevê a necessidade de unificar os seus conhecimentos a soluções que respondam eficazmente à cidade contemporânea, acabando por dar seguimento ao esquecimento das suas particularidades históricas, quebrando a ligação com a conservação das antigas cidades.

SITTE, por sua vez, permaneceu na base inicial do seu pensamento historicista⁴⁶, embora com a noção de que as suas praças, inseridas numa perspetiva moderna, causariam algum desalento quanto à inadaptabilidade de funções, associando a cidade histórica a uma cidade museu.

1.2.2.2. Ebenezer HOWARD e Raymond UNWIN

No seguimento de Camillo SITTE, Ebenezer HOWARD (1850-1928) desenvolveu o conceito de Cidade-Jardim em 1898, publicando a sua ideia na obra *To-morrow*. O seu êxito levou-o

⁴³ VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel – *Entretiens sur L'architecture*, Paris, Pierre Mardaga, 1986, ISBN:2-87009-076-5. Décima conversa, p.450-490

⁴⁴ SITTE, Camillo – *L'art de bâtir les villes*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, ISBN: 978-2-02-029327-3.p.X

⁴⁵ “Ambos reconhecem, com efeito, que a criação artística procede de que, à falta de um termo mais apropriado, chamam, identicamente, instinto. (...) É a esse instinto ou desejo de arte, abafado e talvez perdido pela nossa sociedade técnica, que a análise racional desejaria substituir-se.” - Vide CHOAY, Françoise - *A Alegoria do Património*, 10ª ed., Lisboa, Edições 70, 2006, ISBN: 972-44-1205-9, p.163

⁴⁶ “Conservar os conjuntos urbanos antigos como se conserva os objetos de museu parece então inscrever-se na lógica das análises de *Städtebau*” – Vide *Idem Ibidem*, p.166

à fundação, em 1899, da *Garden City Associations*, com base na construção da primeira Cidade-Jardim, localizada em Letchworth cinco anos após publicar o conceito.⁴⁷

A ideia de Ebenezer HOWARD surge como alternativa ao desenvolvimento das cidades industriais. Defensor de um modelo experimental, Howard afirma que “a nova cidade proporcionaria um variado número de empresas, uma população mista com diferentes vocações e uma movimentada vida social”⁴⁸. Foi em Letchworth, que HOWARD põe em prática o planeamento urbano pensado à escala local, deste núcleo saíam as redes de transportes e uma organizada diversidade de funções que assegurava o bom funcionamento das comunidades urbanas, divididas em: zonas de indústria; administração; habitação; educação; e, saúde pública rodeadas por uma cintura agrícola que serviria não só para manter uma relação de proximidade entre a cidade e o campo, como também para servir de amortecedor à expansão urbana. A esta visão policêntrica, Howard chamou de “cidade social”.^{49 50}

A relação de proximidade entre o campo e a cidade é para HOWARD o “íman cidade-campo” que funciona como um modelo atrativo, apresentado por três ímãs. Os dois primeiros representam as vantagens e desvantagens da cidade e do campo e o terceiro ímã representa a união dos dois ímãs anteriores, agrupando apenas as vantagens. Desta forma, HOWARD pretendia criar um novo modelo de planeamento urbano, amenizando o problema da fuga das populações do campo para as cidades.⁵¹

A noção de limites introduzidos pelo autor no planeamento urbano seguiu o legado deixado pelos gregos de “*limite natural*”⁵², organizando de modo equilibrado os núcleos urbanos através de um traçado orgânico em alternativa à expansão desordenada da cidade liberal.

A proposta de HOWARD baseia-se na construção de uma cidade nova, cuja forma e conteúdo era estrategicamente bem definida de forma a responder à superpopulação gerada nas metrópoles. Todos os núcleos urbanos continham formas circulares (adaptados ao local de implantação), sendo que na envolvente de cada núcleo concentrava-se uma área cinco vezes maior à área urbanizada onde era possível desfrutar de áreas rurais destinadas ao cultivo agrícola. As funcionalidades desempenhadas, nestes núcleos urbanos, eram criteriosamente definidas de modo a ditar o progresso da qualidade de vida social e do

⁴⁷ HOWARD, Ebenezer – *Garden Cities of To-Morrow*, Massachusetts, The Massachusetts Institute of Technology, 1966, pp.7-13

⁴⁸ MUMFORD, Lewis - *A Cidade na História, suas origens, transformações e perspectivas*, 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1982, p.558

⁴⁹ HALL, Peter - *Cidades do amanhã*, São Paulo, Perspectiva S.A.,1995, p. 109

⁵⁰ HOWARD, Ebenezer – *Garden Cities of To-Morrow*, Massachusetts, The Massachusetts Institute of Technology, 1966, pp.12-15

⁵¹ *Idem Ibidem*, pp.41-49

⁵² “Crescimento de qualquer organismo ou organização, restabelecendo, ao mesmo tempo, a medida humana da nova imagem da cidade” – Vide MUMFORD, Lewis - *A Cidade na História, suas origens, transformações e perspectivas*, 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1982, p.556

bem-estar físico, mental e psicológico, desta forma a centralidade das cidades eram ocupadas por um jardim que ligava aos usos estabelecidos na periferia dispostos em edifícios públicos e culturais (bibliotecas, museus, galerias de arte, teatro, etc.). As populações destas cidades criadas por HOWARD, continham um número máximo de habitantes, estimado em 32 mil habitantes, sendo que 30 mil residiam no centro urbano e 2 mil na zona agrícola e, logo que estas unidades, a que HOWARD denominava de *células vivas*, ficassem preenchidas eram criados novos centros em torno do núcleo central unidos por vias de transportes, compondo um esquema radial. Na opinião de HOWARD, a cidade é *“uma nova espécie de unidade cujo padrão orgânico acabaria por se difundir a partir do modelo individual em toda uma constelação de cidades semelhantes”*^{53, 54}.

Contudo, o plano de HOWARD, refletiu-se como um modelo desajustado na maioria das grandes cidades europeias, a contextualização física, social e económica das cidades desadequava-se à construção do modelo de Cidade-Jardim. Letchworth era assim uma reflexão de um modelo urbano assente em preocupações higienistas, no progresso e na criação de espaços urbanos limitados e controlados de uma expansão desordenada. Este era o espírito que movia o pensamento howardiano, baseado na introdução de uma nostalgia bucólica vinda dos campos para a cidade.

O projeto da Cidade-Jardim, em Letchworth, contou com a preciosa ajuda de Raymond UNWIN (1863-1940), que se afirmou como discípulo de HOWARD, aplicando ao planeamento urbanístico o conceito da Cidade-Jardim do seu antecessor. Juntamente com o aparecimento de UNWIN surge a preocupação com a reconstrução dos centros históricos e a desobstrução dos espaços fechados. A necessária obtenção de espaços abertos no interior das cidades (jardins, parques, praças, etc.) foi analisada por UNWIN como um gerador de bem-estar e de convivência social através de espaços amplos, subordinado à preocupação com a higiene nas cidades. UNWIN assinala o ponto de viragem entre os vários autores do culturalismo quanto ao método de conciliação entre o utopismo nostálgico e a originalidade e exigências do presente.⁵⁵

Durante o desenvolvimento da metodologia de UNWIN, é possível verificar não só a influência das normas seguidas por Camillo SITTE como a experiência adquirida no planeamento das Cidades-Jardim.⁵⁶

⁵³ MUMFORD, Lewis - *A Cidade na História, suas origens, transformações e perspectivas*, 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1982, pp.556-560

⁵⁴ HOWARD, Ebenezer – *Garden Cities of To-Morrow*, Massachusetts, The Massachusetts Institute of Technology, 1966, pp.50-69

⁵⁵ MUMFORD, Lewis - *A Cidade na História, suas origens, transformações e perspectivas*, 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1982, p.558

⁵⁶ UNWIN, Raymond - *La Practica del Urbanismo, Una introduccion al arte de proyectar ciudades y barrios*, Barcelona, Gustavo Gili, 1984, ISBN: 84-252-1197-2, pp.9-12

Da colaboração de UNWIN com Barry PARKER, surge em 1903, Letchworth Garden City, a primeira cidade-jardim a ser planeada e construída nas proximidades de Londres. Em 1909, UNWIN publica o livro *Town Planning in Practice*, como forma de “melhorar e estimular a aplicação da lei do urbanismo face ao empobrecimento estético e qualitativo das cidades e à sua uniformização”⁵⁷. Nesse sentido, UNWIN acreditava que as suas capacidades artísticas e criativas eram o caminho para o sucesso de um bom entendimento entre o passado (principalmente das antigas áreas das cidades da Idade Média, valorizando as práticas tradicionais da sociedade) e o futuro, harmonizando a parte antiga com o traçado da cidade moderna que cresce a uma enorme velocidade.⁵⁸

O autor procura dar à sociedade o melhor modo de vida possível, analisando a complexidade entre dois critérios, o formalismo *regular* das cidades modernas, que favorece um grande desenvolvimento ao nível das necessidades e exigências do futuro e a situação oposta das cidades medievais onde se destaca a *irregularidade* de uma beleza de natureza inalterada repleta de identidade e individualismo. O confronto entre ambos os critérios vai permitir uma análise cuidada na escolha das vantagens e desvantagens de cada um, afirmando que “o planeamento urbano para ser bem sucedido deve ser consequência das condições do terreno e das necessidades dos habitantes”.⁵⁹

Segundo LAMAS, o estudo de UNWIN só foi possível através da análise aos sucessos adquiridos ao longo da sua experiência pessoal e profissional com os exemplos de Letchworth, Hampstead, e Hearschwick, avaliando principalmente as soluções conseguidas. Ora, foi a partir daí que a distância entre o urbanista e a cidade antiga ganha expressividade. A necessidade de reformular o relacionamento existente entre a rua e o edifício leva o autor a procurar um raciocínio claro e inteligente, não pela vontade de destruir a cidade tradicional, mas pela lógica no tratamento das necessidades funcionais e estéticas da cidade.⁶⁰

Apesar do apreço pela cidade medieval, o autor vê-se forçado a seguir um planeamento à escala geral que cresce ao ritmo da sociedade industrial, ou seja, um crescimento sem limites físicos, longe das fortificações e muralhas do passado, valorizando a amplitude do espaço urbano e a própria morfologia local, onde aponta a possibilidade de coadunação entre a cidade e o campo, separados através de zonas florestadas, espaços de cultivo,

⁵⁷ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000, ISBN: 972-31-0606-X, p.254

⁵⁸ FISHMAN, Robert – *L’utopie urbaine au XXe siècle: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier*, Bruxelas, 1979, ISBN: 2-87009-111-7, p.57

⁵⁹ “la planificación urbana para tener éxito debe ser una buena medida consecuencia de las condiciones del terreno y de los requerimientos de los habitantes”. [tradução nossa] – Vide UNWIN, Raymond - *La Practica del Urbanismo, Una introduccion al arte de proyectar ciudades y barrios*, Barcelona, Gustavo Gili, 1984, ISBN: 84-252-1197-2, p.106

⁶⁰ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000, ISBN: 972-31-0606-X, p.254

espaços públicos de lazer (parques, campos de jogos), ruas largas arborizadas, bem iluminadas e ventiladas e que faziam a ligação com todos os espaços da cidade (zonas residências, trabalho, comércio, subúrbios, estação ferroviária, etc.), servindo da melhor forma as necessidades das comunidades, melhorando a sua qualidade de vida, de saúde, educação, segurança e lazer. Estas cinturas verdes criadas em torno das cidades conferem unidade ao espaço, evitando assim a irregularidade e diluição dos limites suburbanos, frequentemente adotados nas cidades modernas.⁶¹

Ao longo da sua obra, UNWIN expõe várias temáticas e avalia-as para que estas se complementem da melhor forma com o espaço. Uma das temáticas, que o autor salientou diversas vezes ao longo da sua obra, foi as teorias desenvolvidas por Camillo SITTE e a importância que ele aplicava aos centros no espaço urbano, enfatizando a correta ordenação feita na cidade antiga, onde os edifícios públicos formavam núcleos bem definidos no centro urbano, dando lugar a praças centrais. Nesse sentido, UNWIN afirma que a cidade enriquece com a criação de espaço público, e que esta deveria incluir, não só centros principais com as instituições públicas, administrativas e culturais como centros secundários dedicados ao lazer e à interação social da comunidade.⁶²

Numa perspetiva mais aprofundada, LAMAS, aborda outras especificidades analisadas por UNWIN, nomeadamente questões relacionadas com a dimensão e posição das estruturas edificadas e dos loteamentos em relação à rua, oferecendo à cidade um jogo de formas e volumes exclusivo de cada conjunto edificado. Ao tratamento que UNWIN preconiza quer na organização das vias, dos pontos centrais e das funcionalidades quer na preocupação do edifício e do quarteirão, reflete a capacidade flexível de trabalho à escala territorial e urbana.⁶³

No seguimento da abordagem feita aos autores enumerados no modelo culturalista, são visíveis alguns pontos em comum, nomeadamente a preocupação com o espaço público urbano que se reflete na qualidade de vida da sociedade, saúde pública, educação, lazer e melhoria das condições dos trabalhadores. Camillo SITTE destaca-se, no entanto, pela constante reverência ao passado, sobrepondo a memória ao confronto com as necessidades da forma urbana moderna. O utopismo da cidade nostálgica de SITTE evoluiu para a defesa do património histórico urbano no planeamento urbanístico, conceito oposto à cidade progressista, mas compatível como veio a demonstrar na prática desenvolvida por UNWIN, que como empirista conjugou a preocupação artística e o respeito pelo passado com

⁶¹ UNWIN, Raymond - *La Practica del Urbanismo, Una introduccion al arte de proyectar ciudades y barrios*, Barcelona, Gustavo Gili, 1984, ISBN: 84-252-1197-2, pp.15-20

⁶² *Idem Ibidem*, pp.11-20

⁶³ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000, ISBN: 972-31-0606-X, p.256

o compasso impetuoso da cidade capitalista, evitando mergulhar nas soluções experimentadas, como o racionalismo moderno de LE CORBUSIER.

1.2.2.3. Frederick Law OLMSTED e Charles ELIOT

A preocupação com a conservação da natureza e a sua integração nas cidades acentua-se no século XIX com o culminar às reações da Revolução Industrial. As consequências do fenómeno da industrialização, já abordadas anteriormente, conduzem a um planeamento baseado em princípios onde a natureza é incluída no espaço urbano, com vista à implementação de espaços públicos ao ar livre nas grandes cidades europeias.

O forte carácter industrial registado em Inglaterra, durante o século XIX, ditou a sua afirmação, como a primeira área planeada de raiz, onde incluiu o primeiro espaço verde urbano – *Regent's Park* apresenta-se como um exemplo elitista de espaço verde em Londres, que apesar da sua aprovação ser anterior (1811) ao primeiro debate parlamentar sobre os parques públicos (organizado pelo Select Committee on Public Walks and Places of Exercise na Inglaterra, em 1833), tinha como objetivo a construção de um espaço verde privado, como forma de valorização económica dos terrenos envolventes ao parque (parque posteriormente aberto ao público). A necessidade constante de proporcionar uma rede de parques e jardins de cariz totalmente público, à população, leva ao planeamento de *Birkenhead Park* em Liverpool (1843). A composição e formalização da estrutura do parque desenhado pelo arquiteto paisagista Joseph PAXTON foi uma alavanca para o sucesso da integração de espaços verdes na cidade, tornando-se numa verdadeira revelação para quem o visitava, não passando despercebido ao olhar atento de Frederick Law OLMSTED (1822-1903). *Birkenhead Park* teve um papel importante para reflexão artística de OLMSTED, completando o seu interesse pelos parques nas cidades. As suas longas viagens pela Europa, mas principalmente após a visita a Liverpool, despertou rapidamente o seu interesse para desenvolver o mesmo conceito nos EUA. O interesse por espaços verdes dentro da cidade leva-o, juntamente com Calvert VAUX (1824-1895), a concorrer em 1858 ao concurso destinado à construção do *Central Park*, no coração de Nova Iorque, em Manhattan e a vencer aquele que viria a ser o primeiro parque público construído nos EUA.^{64, 65}

⁶⁴ SOARES, Ana Luísa, CASTEL-BRANCO, Cristina – *As árvores da cidade de Lisboa*, In Silva, Joaquim Sande (Coord.), *Floresta e Sociedade, uma história em comum*, Lisboa, Público, 2007, ISBN: 978-989-619-104-7, pp.303-305

⁶⁵ BIRNBAUM, Charles A. KARSON, Robin - *Pioneers of American Landscape Design, A project of the National Park Service Historic Landscape Initiative, Library of American Landscape History, Catalog of Landscape Records in the United States at Wave Hill, Cultural Landscape Foundation*, 1ª ed., Nova Iorque, McGraw-Hill Companies, 2000, ISBN: 0-07-134420-9, p.277

Trazer a beleza da natureza a uma cidade densamente edificada como Nova Iorque, era o principal objetivo de OLMSTED e VAUX, desenvolvendo um trabalho excecional onde a união da arte e da técnica esculpiram um espaço de 345 hectares com uma qualidade paisagística notável, integrando-se nas linhas rígidas da envolvente. Um parque de cariz inteiramente público e devidamente equipado e estruturado, enriquecendo a qualidade de vida das sociedades através de uma vasta rede de caminhos naturalizados, diversas ambiências (abertas e fechadas) criadas pela vegetação que nos transportam para ambientes campestres onde o recreio e o lazer é feito livremente e por fim a presença da água foi um elemento essencial para o enriquecimento do parque, conseguido através da construção de vários reservatórios que atuam como lagos numa paisagem marcada pela influência dos parques ingleses.⁶⁶

Autor de projetos inigualáveis, Frederick Law OLMSTED, foi responsável pela construção de espaços livres na cidade, contribuindo fortemente para a fundação de novas metodologias que investiga e projeta a paisagem, dando lugar a uma nova atividade profissional, denominada de Arquitetura Paisagista, pela qual desenvolveu inúmeros escritos onde fundamenta todas as suas escolhas, valorizando a importância da arquitetura paisagista como meio unificador entre o homem e a natureza. A riqueza e diversidade do legado paisagístico deixado por OLMSTED é uma referência que permanece e que nos inspira para o futuro das cidades ambientalmente e esteticamente melhor. Para além do *Central Park*, OLMSTED foi o responsável por um movimento de parques urbanos que se manifestou nos EUA durante a 2ª metade do século XIX, através de um sistema de parques urbanos – *parkway* – que veio permitir uma ligação contínua de espaços verdes públicos, pensados como uma unidade face à organização das estruturas urbanas. O primeiro sistema foi pensado para a Brooklyn, em Nova Iorque, através do *Prospect Park* (1866), que por sua vez conectava com parques de menor dimensão.⁶⁷

O segundo sistema de parques públicos foi pensado para a cidade de Boston, no final do século XIX, onde Frederick Law OLMSTED contou com a colaboração de Charles ELIOT (1859-1897). ELIOT marcou a história da arquitetura paisagista durante um curto período devido à sua morte prematura. Desde cedo a natureza e a paisagem despertou o seu interesse, onde se viria a desenvolver profissionalmente como arquiteto paisagista, apenas por uma década, deixando-nos uma história e filosofia notável desenvolvida na América (seu

⁶⁶ BEVERIDGE, Charles E., ROCHELAU, Paul – *Frederick Law Olmsted, designing the American Landscape*, Nova Iorque, Rizzoli, 1995, ISBN: 0-8478-1842-X, pp.46-56

⁶⁷ BIRNBAUM, Charles A. KARSON, Robin - *Pioneers of American Landscape Design, A project of the National Park Service Historic Landscape Initiative, Library of American Landscape History, Catalog of Landscape Records in the United States at Wave Hill, Cultural Landscape Foundation*, 1ª ed., Nova Iorque, McGraw-Hill Companies, 2000, ISBN: 0-07-134420-9, pp.277-278

país de origem), destacando a influência de OLMSTED com o princípio da continuidade adotado em Brooklyn.⁶⁸

Durante um estágio desenvolvido com Frederick Law OLMSTED, ELIOT participou em projetos como *Boston Municipal Park System* e *Arnold Arboretum*, herdando grande parte dos seus conhecimentos e aplicando-os na sua prática profissional. Mais tarde ELIOT sediasse em Boston e incrementa aquela que seria a sua filosofia de planeamento para dar resposta à necessidade de espaços verdes dentro da sua cidade. Tal como afirma STEINITZ e CASTEL-BRANCO, “no final dos anos 1890, os habitantes de Boston sabiam que as outras cidades estavam a construir parques urbanos, mas Boston, sendo uma cidade antiga já muito construída, tinha poucos terrenos disponíveis para esse efeito. Nestas condições, Eliot teve a ideia de criar um sistema de espaços verdes a partir dos terrenos vazios e insalubres da cidade onde ninguém queria construir. Juntou terrenos pantanosos, áreas declivosas, com afloramentos rochosos e todas as partes insalubres da cidade e usou-os para desenhar e projectar um sistema de parques para Boston”⁶⁹, assim, OLMSTED e ELIOT solucionaram o problema da falta de espaço através do planeamento de espaços verdes públicos, aproveitando os lugares devolutos. A extensa reestruturação de que Boston foi alvo, marcou o fim de uma cidade conturbada pelo problema de fluxo de marés, dando origem à resolução da mesma, através de soluções técnicas de drenagem e valorização das linhas de água, onde a utilização lógica de formas orgânicas naturalizavam uma paisagem marcada pela alteração humana, permitindo um funcionamento sustentado, oferecendo à cidade espaços públicos e infraestruturas com qualidade. Na panóplia de espaços recuperados encontram-se *Longfellow Memorial Park* (1887) em Cambridge e *Wide Park* (1890) em Concord, New Hampshire.⁷⁰

Frederick Law OLMSTED e Charles ELIOT voltam a trabalhar em conjunto, desenvolvendo um trabalho, em que aplicam a ideia de espaço público como um elemento natural dentro da cidade, criando um sistema de parques metropolitanos em redor de Cambridge e Boston, do qual nasceu um plano regional onde uma diversificada gama de paisagens foram integradas no plano. Esta linha marcada pela contribuição da arquitetura paisagista para o planeamento urbano será analisada pelas teorias de Ian MCHARG (1920-2001), que marcou a década de

⁶⁸ BIRNBAUM, Charles A. KARSON, Robin - *Pioneers of American Landscape Design, A project of the National Park Service Historic Landscape Initiative, Library of American Landscape History, Catalog of Landscape Records in the United States at Wave Hill, Cultural Landscape Foundation*, 1ª ed., Nova Iorque, McGraw-Hill Companies, 2000, ISBN: 0-07-134420-9, p. 107

⁶⁹ STEINITZ, Carl, CASTEL-BRANCO, Cristina - *ArchiNews, Arquitetura Paisagista e Ecologia Urbana*, Revista de Arquitetura, Urbanismo, Interiores e Design, Edição Especial 01, Edição Argumentum, Lisboa, 2011, p. 27

⁷⁰ BIRNBAUM, Charles A. KARSON, Robin - *Pioneers of American Landscape Design, A project of the National Park Service Historic Landscape Initiative, Library of American Landscape History, Catalog of Landscape Records in the United States at Wave Hill, Cultural Landscape Foundation*, 1ª ed., Nova Iorque, McGraw-Hill Companies, 2000, ISBN: 0-07-134420-9, p. 107

60 através do seu desempenho na integração da ecologia aplicada como elemento fundamental para o correto funcionamento do planeamento da paisagem urbana, aliada à componente estética.⁷¹

McHARG descreve as suas técnicas ecologistas no livro *Design with Nature*, publicado em 1969, onde evidencia a importância da ecologia, potenciando o levantamento dos processos naturais no planeamento da paisagem e regional do território, como forma preventiva do uso excessivo da paisagem pelo homem, avaliando desta forma estratégias para a localização adequada das atividades do homem. Estas bases ecológicas tiveram a influência de duas vertentes, ainda que, com algumas sobreposições. A primeira pertencente a arquitetura paisagista, onde o planeamento regional e o projeto ganham protagonismo através de Frederick Law OLMSTED e Charles ELIOT. E a segunda linha pertence ao planeamento ecológico através de Patrick GEDDES, Lewis MUMFORD e Benton MACKAYE, entre outros, abordados em seguida.^{72,73}

1.2. O URBANISMO DA CONTINUIDADE: PATRICK GEDDES E SEUS SEGUIDORES

Conhecido na área do planeamento da cidade e do campo, o escocês Patrick GEDDES (1854-1932), é considerado o pioneiro do desenvolvimento do planeamento regional. Autor de um conjunto de manifestos que marcaram o seu percurso, GEDDES publicou na sua obra *Cities in Evolution* em 1915, expressões pioneiras como, “cidade mundial”, “conurbações”, “era paleotécnica”, “era neotécnica” e “megalópole”.⁷⁴

Dotado de uma enorme sabedoria, Patrick GEDDES, tinha como formação académica o curso de biologia, lecionando na Universidade de Dundee, tendo por isso uma vasta base científica dos processos naturais. O seu interesse por diversas áreas educacionais levou-o a adquirir conhecimentos em áreas como: a sociologia, a geografia e o planeamento, saberes que lhe serão úteis e que se refletem na visão deste importante pensador do urbanismo.⁷⁵

⁷¹ BIRNBAUM, Charles A. KARSON, Robin - *Pioneers of American Landscape Design, A project of the National Park Service Historic Landscape Initiative, Library of American Landscape History, Catalog of Landscape Records in the United States at Wave Hill, Cultural Landscape Foundation*, 1ª ed., Nova Iorque, McGraw-Hill Companies, 2000, ISBN: 0-07-134420-9, pp. 108-109

⁷² MCHARG, Ian L, STEINER, Frederick R - *To Heal the Earth, the selected writings of Ian L. McHarg*, 1ª ed., Washington D.C., Island Press, 1998, ISBN: 1-55963-573-8, pp. 1-4

⁷³ RIBEIRO, Luis P. A. F. – *The Cultural Landscape and the Uniqueness of Place: A Greenway Heritage Network for Landscape Conservation of Lisbon Metropolitan Area*, Degree of Doctor of Philosophy, Department of Landscape Architecture and Regional Planning, University of Massachusetts Amherst, 1998, p. 18

⁷⁴ SARMENTO, João - *O Evolucionismo Cultural e o Planeamento Urbano e Regional. Texto em memória dos 150 anos do nascimento de Sir Patrick Geddes (1854-1932)*, Geo-Working Papers, Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, Universidade do Minho, Guimarães, ISBN: 1645-9369, 2004.

⁷⁵ HALL, Peter - *Cidades do amanhã*, São Paulo, Perspectiva S.A., 1995, pp.161-162

Como cientista, GEDDES fazia profundas pesquisas focando os seus interesses na obtenção de melhores resultados não só no planeamento urbano, mas principalmente na saúde pública. Segundo GEDDES, todo o trabalho de pesquisa e levantamento que antecedia o plano, permitia aprofundar o conhecimento da paisagem, cumprindo um processo coerente e unificador, entre a ação do homem e o ambiente, na procura da melhoria da qualidade de vida das populações e afirma que o *“levantamento deve ser considerado em cada um dos seus aspetos, com o maior respeito pela história local, pela autonomia administrativa, e também como parte de um grande todo, já consolidado em muitos pontos, mas ainda em processo de crescimento”*.^{76, 77}

Ora, os levantamentos desenvolvidos à escala regional, compreendem não só as aldeias (região natural), como as grandes cidades mas ainda os conjuntos urbanizados (cidade-região), a que o autor chama de *“conurbações”*. Termo encontrado por GEDDES para definir as várias formas de agrupamento social e os seus novos limites consequentes da rápida expansão dos meios de comunicação, exemplificando a cidade de Londres como primeiro caso de *“conurbação”*.⁷⁸

França foi o país onde GEDDES encontrou a sua fonte de inspiração para o planeamento da cidade-região. Local onde deu seguimento aos seus estudos e onde descobriu a sua paixão pela geografia. Ao longo do seu percurso, foram vários os artistas que possibilitaram o enriquecimento de diversas teorias quanto ao planeamento regional natural adotado por GEDDES. A trilogia social implementada por Frédéric LE PLAY (1806- 1882), em virtude das suas experiências, suscitou o interesse de GEDDES, pretendendo uma coadunação da teoria humana de LE PLAY *“Lugar-Trabalho-Família”* com o fator ambiental, através da análise dos estilos vida e de trabalho das populações e a forma como estas interferem com o ambiente, desempenhando um papel determinante nas suas pesquisas e levantamentos sobre o território, na obtenção de melhor qualidade de informação referente a tudo aquilo que nos circunda, ou seja a procura de recursos naturais e culturais existentes no território.⁷⁹

Ainda em território francês, GEDDES adaptou as suas teorias com as teorias dirigidas pelos geógrafos Elisée RECLUS (1830-1905) e Paul VIDAL DE LA BLANCHE (1845-1918) de onde extraiu o conceito de *“região-natural”*, utilizando a ideia de RECLUS para criar o seu conceito de *“Secção de Vale”*. Este método estratégico serve de base às suas pesquisas de valorização do entendimento da natureza do subsolo e da economia de uma região, assegurando que o *“declive geral que desce das montanhas até ao mar [...] faz-nos ver com*

⁷⁶ GEDDES, Patrick - *Cidades em Evolução*, São Paulo, Papirus, 1994, ISBN: 85-308-0212-8, p.47

⁷⁷ RIBEIRO, Luis P. A. F. – *The Cultural Landscape and the Uniqueness of Place: A Greenway Heritage Network for Landscape Conservation of Lisbon Metropolitan Area*, Degree of Doctor of Philosophy, Department of Landscape Architecture and Regional Planning, University of Massachusetts Amherst, 1998, p. 19

⁷⁸ GEDDES, Patrick - *Cidades em Evolução*, São Paulo, Papirus, 1994, ISBN: 85-308-0212-8, p.48

⁷⁹ HALL, Peter - *Cidades do amanhã*, São Paulo, Perspectiva S.A.,1995, pp.162-165

*nitidez a zona climática com a sua vegetação e vida animal correspondentes [...] pronto para ser estudado [...] e onde encontra lugar para todas as ocupações ligadas à natureza.*⁸⁰

Como enumera GEDDES, o uso do solo de cada área deve ser adequada às profissões de mineiro, lenhador, caçador, pastor, camponês pobre, fazendeiro e pescador.⁸¹

Num ensaio realizado por Luisa BONESIO sobre a contextualização da conservação do território, VIDAL DE LA BLANCHE, assume a região enquanto realidade ambiental e natural analisando-a através da sua “*individualidade*”, a que este designa de “*personalidade*”. Os aspetos importantes são conservados (cultura e paisagem) onde a sociedade ocupa um papel fundamental pelo respeito e manutenção do lugar.⁸²

Numa abordagem mais paisagística e interpretando as teorias de planeamento de GEDDES, Carl STEINITZ, *et al.* aprofunda outro conceito proveniente de GEDDES e desenvolvido numa das suas obras “*City Development: a study of parks, gardens and culture institutes – revelando que estava convicto que a estrutura primária da matriz urbana é definida pelos parques, jardins e instituições de cultura e que as áreas industrial, comercial e residencial são secundárias*”⁸³. Este é o primeiro gerador da presente dissertação, na qual tentaremos aplicar em Alcochete.

As “*conurbações*” de GEDDES vêm apresentar ideias opostas à cidade-jardim de HOWARD. Desta dicotomia resulta a discussão entre a “*cidade como um tumor perigoso mas um lugar dinâmico e do campo como vítima e mito de paraíso*”⁸⁴ orientado pelo geógrafo russo Piotr KROPOTKIN. Nesta contradição, GEDDES apoia-se nas teorias de coadunação de elementos como o campo e a indústria visando a autossuficiência de produtividade e o consumo em pequena escala – “*esse alastramento de indústrias pelo país – na medida em que traz a fábrica para dentro dos campos, fazendo com que a agricultura tire todas as vantagens que sempre obtém quando se alia à indústria [...] e produzindo uma combinação do trabalho agrícola com o industrial – é seguramente o próximo passo [...] Passo que se impõe exatamente pela necessidade [...] que tem cada homem e cada mulher saudável de passar*

⁸⁰ HALL, Peter - *Cidades do amanhã*, São Paulo, Perspectiva S.A., 1995, p.165

⁸¹ *Idem Ibidem*, pp. 21-27

⁸² BONESIO, Luisa - *Elogio da Conservação*, In SERRÃO, Adriana VERÍSSIMO (Coord.), *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*, 1ª ed., Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, ISBN: 978-972-8531-96-6. [S./Vol.], p.445

⁸³ STEINITZ, Carl, CASTEL-BRANCO, Cristina - *ArchiNews, Arquitetura Paisagista e Ecologia Urbana*, Revista de Arquitetura, Urbanismo, Interiores e Design, Edição Especial 01, Edição Argumentum, Lisboa, 2011, p 27

⁸⁴ SARMENTO, João - *O Evolucionismo Cultural e o Planeamento Urbano e Regional. Texto em memória dos 150 anos do nascimento de Sir Patrick Geddes (1854-1932)*, *Geo-Working Papers*, Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, Universidade do Minho, Guimarães, ISBN: 1645-9369, 2004.

*uma parte de suas existências executando trabalho manual ao ar livre*⁸⁵. (CONSULTAR ANEXO A, FIGURA 1)

Através desse contributo, GEDDES desenvolve duas fases distintas na “Era Industrial” na qual o autor aplica os seus novos conceitos, com os termos “Paleotécnica e Neotécnica”. O primeiro é caracterizado por uma época industrial antecedente, na qual os instrumentos toscos e feitos em pedra eram as suas ferramentas e a segunda fase incide sobre uma época mais recente cuja variedade de materiais se destinava a práticas mais elaboradas. Sendo a “Era Neotécnica”, a fase que KROPOTKIN aprofundou.⁸⁶

Além da cidade e do campo, GEDDES, defende ainda a necessidade de união entre as grandes metrópoles regionais com as cidades envolventes. Com essa abertura ao mundo um longo caminho teria de ser percorrido, principalmente na reorganização urbana regional, pois a competitividade industrial era muito valorizada e posta num patamar superior.⁸⁷

Na coerente explanação das ideias de GEDDES, a melhor interpretação para a organização e recuperação regional da cidade e do campo foi alcançada através do conceito de “Secção de Vale”, referido anteriormente. Ligação que o biólogo escocês admitiu como contínua, uma vez, que a expansão urbana tende alastrar-se fixamente. A minimização dessa distância, conforme o autor, permitia “mostrar a primazia do campo sobre a cidade, e não simplesmente o inverso”⁸⁸, através de um planeamento cuidado, ao nível, ecológico e ambiental, seguindo uma metodologia semelhante à de HOWARD e de OLMSTED.

Com o avanço *neotecnológico* das grandes cidades, desenvolve-se também uma mentalidade cívica que GEDDES tendia a contrariar – “discernir os ideais que constroem as cidades e aqueles que as conservam”⁸⁹ é para GEDDES o principal problema civilizacional que afeta o desenvolvimento das cidades. Perante essa realidade e de forma a contrariar a negligência que atinge o passado das cidades, GEDDES criou em 1892 um observatório e laboratório urbano, em forma de centro cultural, designado de *Outlook Tower*, no alto da cidade antiga de Edimburgo, visando um reconhecimento e uma interpretação racional do cidadão com o seu meio. Este museu da cidade de seis andares tinha como objetivo a exposição dos elementos que viabilizam os vários pontos de vista sociais e urbanos das cidades, criando o chavão – “Levantamento Urbano para o Serviço Urbano”⁹⁰, funcionando como um local destinado à educação cultural do público em geral necessário em todas as cidades.

⁸⁵ Referente a KROPOTKIN, Piotr - Vide HALL, Peter - *Cidades do amanhã*, São Paulo, Perspectiva S.A., 1995, p.169

⁸⁶ GEDDES, Patrick - *Cidades em Evolução*, São Paulo, Papirus, 1994, ISBN: 85-308-0212-8, p. 67

⁸⁷ GEDDES, Patrick - *Cidades em Evolução*, São Paulo, Papirus, 1994, ISBN: 85-308-0212-8, pp. 56-58

⁸⁸ *Idem Ibidem*, p. 83

⁸⁹ *Idem Ibidem*, p. 139

⁹⁰ *Idem Ibidem*, 131

Ao longo do edifício a informação era diferenciada e organizada de forma ascendente em cada piso, visando um conhecimento local e terminando com a visão global do território. De forma mais detalhada especificamos que no primeiro piso a informação era dedicada às culturas orientais e à antropologia de um modo geral; o segundo piso continha uma vasta informação sobre a civilização europeia; o terceiro piso dedicava-se à Grã-Bretanha e por vezes aos Estados Unidos e Canadá; o quarto piso salientava informação sobre as pequenas e grandes cidades da Escócia; o penúltimo piso dedicava-se somente à própria cidade de Edimburgo e na importância da divulgação do material cartográfico bem como na realização do levantamento da cidade ao longo dos tempos; e, por último, os espectadores poderiam encontrar na cúpula do edifício a câmara escura, lugar único de observação que levava os visitantes a fazerem uma viagem *“pelo efeito de harmonização da impressionante paisagem, próxima e distante”*, sensação que só poderia ser possível se o *“estudo da natureza ou estudo geográfico”* não fosse *“separado do amor e beleza da Natureza, assim também ocorre com o estudo das cidades”*⁹¹. Assim, seria possível obter um conhecimento daquela que foi a metodologia e filosofia defendida por Patrick GEDDES.⁹² (CONSULTAR ANEXO A, FIGURA 2)

Dos levantamentos feitos em Edimburgo, na *Outlook Tower*, GEDDES sustenta a necessidade de exploração dos dados recolhidos ao longo dos tempos, com vista à consciencialização social e cultural de quem vive na cidade, através de breves sinopses e apelando às exposições urbanísticas. Foram várias as exposições feitas por GEDDES um pouco por todo o mundo, aproveitando-as de forma inteligente para divulgar o seu conhecimento e promover a importância dos centros de estudos permanentes nas cidades garantindo o cumprimento do seu lema – *“O Levantamento precede o Plano”*.^{93, 94}

Mais recentemente, estas áreas de investigação foram aprofundadas pelo arquiteto paisagista Carl STEINITZ, cujo desenvolvimento deu origem a uma abordagem ecologicamente estruturada e equilibrada e onde a intervenção paisagística ganha uma nova dimensão através da participação pública, originando o método de avaliação da qualidade visual da paisagem (tema abordado adiante). Ao longo da sua metodologia, STEINITZ seguiu as bases teóricas aplicadas por Patrick GEDDES, Ian MCHARG, Kevin LYNCH,

⁹¹ GEDDES, Patrick - *Cidades em Evolução*, São Paulo, Papirus, 1994, ISBN: 85-308-0212-8, pp. 149-152

⁹² SARMENTO, João - *O Evolucionismo Cultural e o Planeamento Urbano e Regional. Texto em memória dos 150 anos do nascimento de Sir Patrick Geddes (1854-1932)*, *Geo-Working Papers*, Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, Universidade do Minho, Guimarães, ISBN: 1645-9369, 2004.

⁹³ HALL, Peter - *Cidades do amanhã*, São Paulo, Perspectiva S.A., 1995, p.166

⁹⁴ SARMENTO, João - *O Evolucionismo Cultural e o Planeamento Urbano e Regional. Texto em memória dos 150 anos do nascimento de Sir Patrick Geddes (1854-1932)*, *Geo-Working Papers*, Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, Universidade do Minho, Guimarães, ISBN: 1645-9369, 2004.

entre outros teóricos, garantindo uma abordagem ambientalmente consolidada que fundamenta a prática do *design*.

Lewis MUMFORD (1895-1990), sociólogo, historiador e urbanista americano foi um discípulo essencial na caminhada de GEDDES. Desde muito cedo que MUMFORD despertou o interesse pela filosofia desenvolvida nas cidades, coordenando um conjunto diminuto e heterogéneo de especialistas iniciado por, Clarence STEIN, Benton MACKAYE e Charles Harris WHITAKER, sediado em Nova Iorque, deu origem em 1923, à RPAA (*Regional Planning Association of America*). Esta associação, à qual posteriormente se associaram mais membros, teve funções importantes quanto à extensão do evolucionismo no planeamento regional, permitindo-lhe contestar os planos regionais de Nova Iorque e de Chicago.

O progresso da RPAA foi um sucesso e a influência de GEDDES foi fundamental na aliança de ambas, originando, dois anos após a fundação, a oportunidade de redigir um artigo na revista *The Survey* que viria a obter grande impacto demonstrando a amplitude deste estudo que veio influenciar o livro *The Culture of Cities* de Lewis MUMFORD. Estes documentos viriam a constituir um importante marco na história do planeamento urbano e regional, onde é visível a influência herdada do mestre escocês, quanto ao progresso das cidades ao longo do tempo.

Como conclusão e de acordo com a síntese das leituras, foram identificadas características diferenciadoras entre os diversos autores cujas teorias, sendo por vezes concordantes em alguns pontos, apresentam oposições marcadas. A partir desta análise, foi possível delinear os pontos mais importantes, sobre os quais se irá desenvolver esta dissertação:

1. A relação Cidade – População e o modo como ambas se influenciam;
2. A importância do planeamento da cidade-região;
3. A recuperação da história, da espiritualidade e da cultura dos lugares;
4. A adequação do uso de cada lugar às suas aptidões naturais, de forma a otimizar as necessidades atuais da população e os recursos naturais.

Destaca-se ainda o carácter utópico e apriorístico das propostas pré-urbanistas e a vitalidade do conceito evolucionista de GEDDES, aplicado ao planeamento urbano. Pois embora sustente a sua capacidade de entendimento da situação atual face às suas raízes, GEDDES afirma que “*hoje é um desenvolvimento e uma transformação do passado, não a sua repetição*”⁹⁵.

⁹⁵ CHOAY, Françoise - *O Urbanismo, Utopias e realidades, uma antologia*, 5ª ed., São Paulo, Perspectiva S.A., 1998, p. 39

1.4. KEVIN LYNCH E O SEU SEGUIDOR CARL STEINITZ

Novas metodologias surgiram na década de 60 centradas no desenvolvimento urbano, pela mão de Kevin LYNCH (1918-1984), que ao longo do seu percurso como urbanista e escritor, demonstrou a sua dedicação a estudos que apresentam as novas formas de atuação e perceção dos indivíduos com a cidade e o meio ambiente. LYNCH baseava-se em estudos comportamentais e de valores, onde o essencial era estudar a imagem mental criada pelos sujeitos que habitam e percorrem a cidade.⁹⁶

A importância na abordagem da sociedade sobre o tipo de relação e o significado que têm com os elementos estruturais da cidade, levou LYNCH a adotar uma metodologia baseada em questionários destinados à população, afirmando que *“nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos, à recordação de experiências passadas.”*⁹⁷ Desta forma a sua teoria é baseada em três componentes que qualificam a cidade: *legibilidade, estrutura e identidade e, imaginabilidade*. A imagem delineada por Kevin LYNCH permite através da *legibilidade* obter um reconhecimento do espaço, sustentado pelas memórias que, pelo seu impacto estrutural, criam formas marcantes no olhar de quem as vive e ao mesmo tempo segurança na relação com o espaço. A clareza na orientação e na identificação entre diferentes lugares numa cidade é fundamental para uma boa perceção geral do espaço urbano conseguido através de uma boa *estrutura e identidade*, conferindo a cada um deles a sua própria personalidade e individualidade.

A componente da *imaginabilidade* revela a qualidade que é expressa na identificação de estruturas urbanas, capaz de proporcionar sensações suficientemente marcantes, de forma a impor-se às memórias do observador. Afirmando que *“é essa forma, cor, disposição, que facilita a produção de imagens mentais vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis no meio ambiente [...] operando sobre a forma física externa, através de um processo de aprendizagem interno.”*⁹⁸

Kevin LYNCH desenvolveu ao longo do seu estudo urbano, a teoria da *imaginabilidade* e o modo como as estruturas urbanas influenciam as imagens intelectuais do observador e, a partir delas, orientar os seus princípios de desenho urbano. Para isso, a metodologia de LYNCH teve como base entrevistar um determinado número de habitantes de Boston, Jersey City e Los Angeles. Estes inquéritos baseados em perguntas abertas, auxiliadas por fotografias onde era pedido um esboço da cidade de acordo com as ideias mentais da população, juntamente com uma descrição dos percursos mais significativos. Estes questionários tinham como objetivo o reconhecimento dos elementos e das imagens

⁹⁶ LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*, Lisboa, Edições 70, 1960, ISBN: 972-44-0379-3, pp.11-17

⁹⁷ *Idem Ibidem*, p.11

⁹⁸ *Idem Ibidem*, pp.20-23

coletivas mais marcantes, apostando na qualidade das respostas e não no apuramento de dados estatísticos.⁹⁹

A interseção dos dados escritos e cartográficos revelaram com clareza alguns elementos urbanos que se salientam na componente da *imaginabilidade*, resultando de forma coerente uma nova *estruturação* urbana, *identidade* dos espaços e a sua *legibilidade* total ou parcial. A presença destas três componentes tornou-se fundamental no desenvolvimento do desenho urbano de Kevin LYNCH, que aplicadas à cidade identificam elementos urbanos bastante característicos, tais como: vias (marcado por canais, percursos e alinhamentos que compõem e estruturam a malha urbana), limites (elementos lineares que confinam duas áreas distintas, servindo de exemplo o rural e o urbano), bairros (regiões urbanizadas com formas bidimensionais, geralmente limitada e interligada por percursos), cruzamentos (locais estratégicos de uma cidade onde se concentra ou converge o tecido urbano, geralmente são pontos centrais) e elementos marcantes (referências físicas e externas que se destacam na cidade e na paisagem – *landmarks*).¹⁰⁰

A visão global que leva LYNCH a por em prática este exercício ligado à psicologia pela primeira vez na história do urbanismo é teoricamente apresentado no livro *A imagem da cidade*, editado em 1960 e posteriormente nas demais obras escritas pelo autor. A sua metodologia foi durante quase duas décadas (60 e 70) um exemplo para o desenho urbano, a sua capacidade em demonstrar a importância da participação pública e a sua visão estratégica para um desenho à escala local e regional, faz dele uma peça fundamental no processo do desenho urbano. Contudo, o comportamento ambiental surge como fator essencial na melhoria do funcionamento urbano e paisagístico, tornando-se fundamental a complementaridade e a flexibilidade das componentes de análise de forma a obter melhores resultados na organização ambiental do tecido urbano.

Carl STEINITZ, arquiteto paisagista, professor e investigador na Graduate School of Design da Universidade de Harvard, doutorou-se em Planeamento Regional e Urbano em 1967 pela Massachusetts Institute of Technology e sendo o primeiro aluno de doutoramento de Kevin LYNCH, aprofundou a importância da análise sobre a relação do planeamento da paisagem com o que pensam as pessoas. Durante o seu percurso profissional dedicou grande parte do tempo à investigação de metodologias com vista ao melhoramento do planeamento ambiental urbano e rural devidamente analisado e participado. A sua investigação tem

⁹⁹ LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*, Lisboa, Edições 70, 1960, ISBN: 972-44-0379-3, pp.25-27; 153-158

¹⁰⁰ *Idem Ibidem*, pp.57-58

especial incidência no planeamento de áreas urbanas de grandes dimensões, áreas rurais e áreas protegidas em risco de serem alteradas.¹⁰¹

Desenvolveu o método de avaliação da qualidade visual da paisagem, cuja metodologia introduz pela primeira vez o uso dos *Sistemas de Informação Geográfica* (SIG) juntamente com estudo da qualidade visual, que consiste na análise de múltiplas fotografias que, posteriormente dão lugar à criação de um mapa síntese em SIG representativo das preferências visuais dos inquiridos. Através dos SIGs, STEINITZ faz uma abordagem abrangente das especificidades do território, recorrendo ao levantamento das suas componentes físicas, biológicas e culturais contribuindo para elaboração de novos mapas, essenciais na tomada de decisões para um planeamento sólido e eficaz. O método da qualidade visual de STEINITZ trouxe à arquitetura paisagista um instrumento essencial e otimizador para o planeamento da paisagem, demonstrando-o em casos, como o Parque Nacional da Acadia, realizado em 1990 nos E.U.A., onde pôs em prática a metodologia das preferências visuais, concluindo que as escolhas dos inquiridos devem ser tidas em conta no planeamento.^{102, 103}

A discussão pertinente sobre a qualidade e variedade das paisagens, juntamente com a preocupação da participação pública, tem sido um assunto atual junto do seio político Europeu, originando a 20 de Outubro de 2000, em Florença, a Convenção Europeia da Paisagem, surgindo em Portugal cinco anos mais tarde, a 14 de Fevereiro de 2005, sob o Decreto n.º4/2005. Com esta atribuição é possível alcançar fatores importantes no campo cultural, ecológico, social e ambiental, através da proteção, gestão e ordenamento das paisagens, contribuindo para um desenvolvimento sustentável e equilibrado e, na melhoria da qualidade de vida e bem-estar da população. Apesar das medidas impostas pela Convenção Europeia da Paisagem não estejam a ser seguidas na sua totalidade, nomeadamente quanto à participação da população face às alterações na paisagem.¹⁰⁴

¹⁰¹ STEINITZ, Carl, CASTEL-BRANCO, Cristina - *ArchiNews, Arquitectura Paisagista e Ecologia Urbana*, Revista de Arquitetura, Urbanismo, Interiores e Design, Edição Especial 01, Edição Argumentum, Lisboa, 2011, pp.103 e 140

¹⁰² STEINITZ, Carl – *Toward a Sustainable Landscape with High Visual Preference na High Ecological Integrity: The Loop Road in Acadia National Park, U.S.A.*, Journal of Landscape and Urban Planning, n.º 19, 1990, pp.213-250

¹⁰³ STEINITZ, Carl, CASTEL-BRANCO, Cristina - *ArchiNews, Arquitectura Paisagista e Ecologia Urbana*, Revista de Arquitetura, Urbanismo, Interiores e Design, Edição Especial 01, Edição Argumentum, Lisboa, 2011, pp.48-49

¹⁰⁴ Decreto-lei n.º 4/2005, 14 de Fevereiro de 2005, Diário da República, *Convenção Europeia da Paisagem*, Florença.

1.5. LANDSCAPE URBANISM

Tal como se pôde observar anteriormente, o urbanismo é uma peça fundamental no desenvolvimento das cidades que ao longo do tempo marcou conceptualmente a distinção entre a cidade e o campo. Atualmente a ligação entre o homem e a natureza é um aspeto que tem vindo a ser repensado, principalmente com a introdução da terminologia *Paisagem* nas práticas urbanas, com especial enfoque nas questões ecológicas.

No final do século XX, surge uma nova perspetiva quanto à introdução da paisagem como elemento teórico e prático no seio do desenvolvimento da arquitetura e do urbanismo, com especial importância não só nas questões da saúde humana, mas também nas culturais, ambientais e conceptuais do projeto, pensado à escala urbana e regional. Esta nova abordagem é denominada de *Landscape Urbanism* manifestada publicamente, pela primeira vez, em 1997 numa exposição/conferência na Graham Foundation, em Chicago. Este movimento surge como uma disciplina emergente, onde a paisagem é a protagonista face à arquitetura. A paisagem torna-se, assim, um elemento fulcral na organização do tecido urbano, praticado por equipas multidisciplinares capazes de compreender a *paisagem* e o *urbanismo* como uma síntese racional.^{105, 106}

Charles WALDHEIM é um dos principais porta-vozes deste novo conceito e o responsável pela edição do livro *The Landscape Urbanism Reader*, lançado em 2006, onde são expostos diferentes estudos sobre as paisagens urbanas e os processos até à sua formação. Aqui é dada a conhecer a emergência daquilo que poderia ou deveria suceder futuramente – “*Landscape urbanism descreve um realinhamento das disciplinas em curso, no qual a paisagem substitui a arquitetura como um bloco de construção do urbanismo contemporâneo. Para muitos, uma variedade de disciplinas, a paisagem tornou-se tanto a lente através da qual a cidade contemporânea é representada, como o meio através da qual é construído*”¹⁰⁷.

A multiplicidade e complexidade erigida pela cidade atual levam a que nada aconteça como anteriormente, não só quanto ao modo de vida das populações, como as habitações, a ligação com as paisagens, o frenesim das cidades e o desenvolvimento político em torno do território, resultando na preocupação da inserção da paisagem no tecido urbano. Como tal,

¹⁰⁵ WALDHEIM, Charles - *Landscape as Urbanism*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p. 37

¹⁰⁶ CORNER, James - *Terra Fluxus*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p. 23

¹⁰⁷ “*Landscape urbanism describes a disciplinary realignment currently underway in which landscape replaces architecture as the basic building block of contemporary urbanism. For many, across a range of disciplines, landscape has become both the lens through which the contemporary city is represented and the medium through which it is constructed*”. [tradução nossa] - Vide WALDHEIM, Charles - *A Reference Manifesto*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p. 11

WALDHEIM define o *landscape urbanism* como um ramo da ecologia da paisagem centrado no bom funcionamento das ações humanas na paisagem natural operando nos interstícios do tecido urbano.¹⁰⁸

A estruturação deste movimento tem por base a filosofia do planeamento ambiental e regional de Patrick GEDDES, Benton MACKAYE, Lewis MUMFORD e Ian MCHARG, ainda que permaneça distante destes. A distância temporal que afasta HOWARD e GEDDES da atualidade não inibe os pensamentos racionais da altura, quanto ao desastroso impacto da industrialização, face ao equilíbrio ambiental das cidades. Enquanto MCHARG, autor da obra *Design with Nature*, em 1969, prossegue posteriormente com este mesmo raciocínio, alcançando técnicas inovadoras de planeamento e do desenho da cidade, conforme entende MAGALHÃES ao afirmar que “o objectivo era o de racionalizar a utilização do solo pelas actividades humanas, na perspectiva que hoje se designa por sustentabilidade ecológica”^{109 110}.

Ainda antes do surgimento do *landscape urbanism*, o arquiteto paisagista norte-americano Frederick Law OLMSTED, destaca-se com as variadíssimas e imponentes intervenções, como são exemplos, *Boston's Emerald Neckalce*, *Manhattan's Central Park* e *Brooklyn's Prospect Park* entre outros projetos que demonstraram a grande influência no urbanismo do século XIX. Nesta altura, a preocupação da arquitetura paisagista com a saúde pública, a integração da natureza dentro da cidade, as infraestruturas bem como a importância da criação de qualidade de vida pública urbana eram questões pioneiras abordadas pelo norte-americano.¹¹¹

Na composição dos princípios do *landscape urbanism*, evidencia-se o trabalho de James CORNER, autor de *Terra Fluxus*, que juntamente com WALDHEIM formam duas peças fundamentais que compõe este movimento, influenciando o planeamento neste sentido. Estes autores foram marcados pelos seus antecessores Rem KOOLHAS e Kenneth FRAMPTON, cujas teorias não se assemelhavam. Não obstante, partilhavam a mesma opinião quanto ao modo problemático como as cidades modernas se estruturavam, muito antes do aparecimento do *landscape urbanism*.¹¹²

¹⁰⁸ WALDHEIM, Charles - *A Reference Manifesto*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p.15-17

¹⁰⁹ MAGALHÃES, Manuela Raposo - *A Arquitectura Paisagista, Morfologia e Complexidade*, 1ª ed., Lisboa, Editorial Estampa, 2001, ISBN: 972-33-1686-2. p.259

¹¹⁰ WALDHEIM, Charles - *Landscape as Urbanism*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p. 38

¹¹¹ MOSSOP, Elizabeth - *Landscape of Infrastructure*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p.165

¹¹² WALDHEIM, Charles - *Landscape as Urbanism*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p. 41

Ao longo da sua exposição, CORNER, explica de um modo bastante simplista a metodologia aplicada no âmbito da sua conceptualização, onde analisa (tal como já faziam arquitetos paisagistas Ian MCHARG e Frederick Law OLMSTED) a compreensão dos lugares da paisagem, dos ecossistemas, das redes e infraestruturas, da organização das grandes áreas urbanas e da ecologia no planeamento urbano. E essencialmente a vontade de abordar um método urbanístico livre e emergente oferecendo uma alternativa ao planeamento mecanicista, através de práticas gradualmente progressivas que incluíam na paisagem a dinâmica dos ecossistemas, superando as noções simplistas de fazer cidade.¹¹³

O estudo – *Terra Fluxus* – inicia-se com uma breve abordagem crítica ao estado atual do planeamento urbano e à evolução da paisagem, não só pelos ideais teóricos como práticos. CORNER analisa as tendências “ingénuas e contra produtivas” dos chamados “sustentáveis” e o modo como estes resistem aos cenários futuros como se quisessem um retrocesso à ideologia da natureza. Assim, James CORNER descreve os principais temas (ainda que provisórios) do *landscape urbanism* nomeadamente: “processos ao longo tempo, organização das superfícies, operação ou método de trabalho e o imaginário”¹¹⁴. O primeiro tema deve-se à dimensão ambiental do *landscape urbanism*, propondo um desenvolvimento dos elementos e processos que trabalham no tecido urbano, combinando uma trilogia – ecologia – espaço – tempo. O trabalho de parceria com o desenho de projeto torna-se, assim, um processo que se desenvolve ao longo do tempo. O autor afirma que, “numa conceptualização de um urbanismo mais orgânico e fluido, a própria ecologia torna-se uma lente extremamente útil para analisar e projetar futuros urbanos alternativos”¹¹⁵.

O segundo tema pretende despertar o uso das superfícies horizontais de modo a criar espaços e zonas dentro da paisagem, organizando-a e melhorando a experiência urbana, ao invés da invasão vertical, da qual o campo da arquitetura é responsável. O terceiro tema traz uma nova conceção de pensamento e de metodologia devido às estratégias utópicas utilizadas por grandes arquitetos e teóricos. CORNER recomenda a criação de equipas multidisciplinares para o bom funcionamento e o sucesso das cidades futuras. Por último, o quarto tema fala sobre a importância do estímulo à “*imaginação coletiva*”, olhando para o projeto como um todo e onde a imaginação e a criatividade extravasam os limites funcionais e estéticos do projeto tornando-se num mundo de possibilidades.¹¹⁶

¹¹³ CORNER, James - *Terra Fluxus*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p. 23

¹¹⁴ *Idem Ibidem*, pp. 27-28

¹¹⁵ “*in conceptualizing a more organic, fluid urbanism, ecology itself becomes an extremely useful lens through which to analyze and project alternative urban futures*”. [tradução nossa] - *Vide Idem Ibidem*, p. 29

¹¹⁶ CORNER, James - *Terra Fluxus*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, pp. 28-32

Tal como descreve BÉLANGER, apesar do *landscape urbanism* ter surgido inicialmente no Norte da América¹¹⁷ foi na Europa que teve maior impacto. SHANNON analisa o desenvolvimento deste movimento na Europa e a forma determinante como Kenneth FRAMPTON expôs o seu juízo quanto ao modo de resistência ao impacto universal da globalização, através do *regionalismo crítico*¹¹⁸ – “O *regionalismo crítico* de FRAMPTON foi uma arquitetura de resistência, procurando mediar o impacto da civilização universal e, refletir e servir as circunscrições limitadas nas quais estava fundada.”¹¹⁹ – Desta forma FRAMPTON segue o princípio de Peter ROWE’S¹²⁰ olhando a paisagem como uma nova definição, “a alienação do homem de um lugar”¹²¹, contribuindo, assim, para a evolução do *landscape urbanism*. Segundo FRAMPTON, o envolvimento com a paisagem, é uma maneira de investigar a transformação da formação social e cultural do território. Apesar das várias questões e críticas iniciais quanto ao uso inovador de ferramentas, quer da arquitetura paisagista, quer do planeamento urbano, SHANNON, identifica o surgimento desta inovação como uma renovação abrangente à metodologia de projeto.¹²²

O ensaio de Christophe GIROT centra-se na temporalidade e subjetividade da paisagem, através – *Vision in Motion: Representing Landscape in Time* – adotando uma nova metodologia de representação do tempo através de meios técnicos (a importância do vídeo na captura da paisagem ao longo do tempo) para melhor entender o *landscape urbanism*. O planeamento das cidades atuais, leva por vezes a alterações das funcionalidades dos lugares, gerando impactos significativos de coesão das memórias e identidades das paisagens antecedentes, essa quebra de coesão reflete-se na necessária orientação das sociedades com os lugares. Essa alteração dá aos lugares uma identidade enigmática cujo significado se encontra entre a memória do local e o desenvolvimento real do mesmo, correndo o risco de se perder se não houver cuidado na sua adaptação ao longo do tempo. O autor assume a necessidade que existe entre as cidades e as paisagens de restabelecer a harmonia entre os científicos e empíricos, através de “três forças principais – degeneração,

¹¹⁷ BÉLANGER, Pierre - *Synthetic Surfaces*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press. 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1. pp.241-242

¹¹⁸ O *regionalismo crítico* foi fundado em 1981 por Alexander Tzonis e Liane Lefaivre e emerge como relatório europeu que auxilia o interesse vigente do *landscape urbanism*. Método encontrado por estes criadores, para expressarem a crítica à arquitetura modernista gerada no pós-guerra e assim renovar o espírito do lugar - Vide SHANNON, Kelly - *From theory to resistance: Landscape urbanism in Europe*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p.143

¹¹⁹ “Frampton’s critical regionalism was an architecture of resistance, seeking to mediate the impact of universal civilization and to reflect and serve the limited constituencies in which it was grounded.” [tradução nossa] – Vide *Idem Ibidem*, p.143

¹²⁰ A este respeito diz o autor que “Peter Rowe’s formulation of a remedial middle landscape, advocating site-specific landscape as an intermediary between built form and the otherwise placeless surfaces of urbanization.” – Vide *Idem Ibidem*, p.144

¹²¹ “The alienation of man from place”. [tradução nossa] – Vide *Idem Ibidem*, p.144

¹²² *Idem Ibidem*, p.158

*permanência e transformação – tanto física como ideologicamente atuam na cidade contradizendo-se repetidamente uma à outra. Cada força que atua num determinado lugar poderá ser observada de forma sincronizada, no entanto necessita de ser entendida e envolvida de diferentes modos*¹²³.^{124, 125}

GIROT observa que as novas técnicas, como os vídeos digitais, desempenham uma mais-valia no desenho urbano assim como na considerável tomada de decisões nos processos que beneficiam a representação da paisagem na sua mais pura contextualização, transmitindo os aspetos palpáveis do quotidiano da paisagem. Esta ferramenta, juntamente com a captação dos elementos do território possibilita a visão concisa do local. Esta qualidade permite-nos aceder à paisagem por intermédio desta técnica visual traduzindo-se na melhoria das pesquisas “sobre um determinado lugar incorpora uma quantidade suficiente de informação e argumentação disponíveis, por via de um ecrã, para um maior leque de pessoas”. Esta técnica é utilizada por um vasto grupo de profissionais “que integram o vídeo não apenas como uma ferramenta de observação mas também como uma ferramenta de síntese de projeto [...] utilizado numa variedade de importantes processos de tomada de decisão e, é claro que esta nova forma de visão começa a ter um impacto no modo como nós moldamos a paisagem”¹²⁶

O autor finaliza o seu ensaio, afirmando a possibilidade de entender os limites dos nossos conhecimentos e, com eles, promover novas formas de investigação empírica, referindo como exemplo o trabalho de Michel FOUCAULT sobre os limites da representação^{127 128}.

¹²³ “three main forces – degeneration, permanence, and transformation – both physically and ideologically act in the city, repeatedly contradicting each other. Each force, acting on a given site, can be observed synchronously but needs to be understood and engaged in different ways”. [tradução nossa] – Vide GIROT, Christophe - *Vision in Motion: Representing Landscape in Time*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p.91

¹²⁴ WALDHEIM, Charles - *A Reference Manifesto*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p.17

¹²⁵ GIROT, Christophe - *Vision in Motion: Representing Landscape in Time*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, pp.89-92

¹²⁶ “about a given site incorporates critical amounts of information and argumentation available, via the pervasive medium of screen, to a much broader range of people.” [...] “that integrate video not only as tool of observation but also as a tool of design synthesis [...] used in variety of important decision-making processes, and it is clear that this new form of vision is beginning to have an impact on the way that we shape the landscape”. [tradução nossa] - Vide *Idem Ibidem*, pp.97-98

¹²⁷ “Il n’est sans doute pas possible de donner valeur transcendente aux contenus empiriques ni de les déplacer du côté d’une subjectivité constituante, sans donner lieu, au moins silencieusement, à une anthropologie, c’est-à-dire à un mode de pensée où les limites de droit de la connaissance (et par conséquent tout savoir empirique) sont en même temps les formes concrètes de l’existence, telles qu’elles se donnent précisément dans ce même savoir empirique” – Vide Michel Foucault. “Les limites de la représentation”. *Les mots et les choses*, Paris, Gallimard, 1966, In GIROT, Christophe - *Vision in Motion: Representing Landscape in Time*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p.102

¹²⁸ *Idem Ibidem*, pp. 89 e 96

O testemunho de Julia CZERNIAK em *Looking Back at Landscape Urbanism: Speculations on Site* representa uma nova reflexão dos sítios. A autora principia, através da elaboração de uma crítica aos procedimentos atuais desenvolvidos nos lugares, que segundo esta, demonstram, na sua maioria, a incapacidade de ver o território para além dos limites construídos. Deste modo, a autora defende a profunda necessidade de aprendizagem e de entendimento do meio onde vivemos, por via de “*redes relacionais de artefactos, organizações e processos que operam a diversas escalas temporais e espaciais*”¹²⁹ CZERNIAK aborda a metodologia da arquiteta Carol BURNS, quanto à análise do estado do local. Aqui, faz uma distinção entre os “*locais limpos*” como uma “*tabula rasa*”, comparando-os com os “*locais construídos*” de um tratamento mais subtil, em que os elementos existentes integram a estratégia formal e organizacional do projeto¹³⁰

Julia CZERNIAK, define *landscape urbanism* a partir “*de uma frase que se traduz na conceptualização do design e do planeamento das paisagens urbanas. Esta centra-se no entendimento de várias disciplinas da paisagem (história de ideias), de funções (ecologias e economias), atributos formais e espaciais (organizações naturais e culturais, sistemas e formações), e processos (qualidades temporais) com impacto em várias escalas de trabalho.*”¹³¹ Materializando o cuidado na abordagem da paisagem mas também com o seu surgimento, sendo estes os mesmos elementos que a arquitetura paisagista estuda e com os quais projeta.

A autora aborda alguns exemplos de projetos, entre eles destacamos o *Guadalupe River Park* nos Estados Unidos, iniciado entre 1988 e 1991, projetado por *Hargreaves Associates* e o *Rebstockpark Master Plan* na Alemanha, projetado em 1991 pelo arquiteto Peter EISENMAN e pelo arquiteto paisagista Laurie OLIN.

CZERNIAK aborda as técnicas apresentadas nestes projetos seguindo as características do local e embora estes se encontrem ao longo dos elementos *construídos*, conseguem manter um desenvolvimento completo da paisagem envolvente. CZERNIAK defende a teoria que os projetistas deveriam considerar todos os elementos representativos do local como meio fundamental de elaboração do projeto, seguindo os exemplos por si analisados.¹³² Um

¹²⁹ “*relational networks of artifacts, and organizations and processes that operate at diverse spatial and temporal scales*”. [tradução nossa] – Vide CZERNIAK, Julia - *Looking Back at Landscape Urbanism: Speculations on Site*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p. 107

¹³⁰ *Idem Ibidem*, pp. 107-108

¹³¹ “*a phrase taken here to be the conceptualization of and design and planning for urban landscapes that draw from an understanding of, variously, landscape’s disciplinarity (history of ideas), functions (ecologies and economies), formal and spatial attributes (both natural and cultural organizations, systems, and formations), and processes (temporal qualities) impacting many scales of work.*” [tradução nossa] – Vide *Idem Ibidem*, p. 108

¹³² CZERNIAK, Julia - *Looking Back at Landscape Urbanism: Speculations on Site*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p. 107

progresso que *landscape urbanism* afirma como recente (beneficiar o *tempo* sobre o *espaço*), mas que em arquitetura paisagista já é feito há mais de um século.

Para finalizar o elenco de autores cuja abordagem incide substancialmente no interesse de repensar a identidade dos lugares, entendemos que o ensaio *Landscape of Exchange: Re-articulation Site* de Clare Lyster seria o indicado no seguimento deste raciocínio.

A autora começa por descrever a escala evolutiva da atividade económica como suporte para o desenvolvimento do modelo urbano e, simultaneamente, o interesse contemporâneo do *landscape urbanism*. Afirma, ainda, que a configuração tradicional do espaço público assentou em “atos de troca” focado apenas num único evento comercial especificamente localizado, determinando a interpretação do local como um “*artefacto geo-funcional fixo*”. Atualmente, o processo de troca entre o comércio e o espaço público progrediram dentro da analogia “*sítio/objeto*” num sentido mais organizacional, resultante da “*plasticidade das ecologias contemporâneas de troca*”. Foram muitas as análises feitas por Lyster, contudo, a autora pretendeu transmitir, que este fenómeno desenvolvido nas paisagens atuais avança com um sistema de articulação de redes e do território que permanece conectado aos processos de troca, resultando novos locais para possíveis projetos. No entanto, remata a sua teoria reafirmando a necessidade de defesa da identidade dos sítios, considerando-os ao longo de todo o percurso evolutivo dos projetos. Afirma, neste sentido, que o “*landscape urbanism não é meramente uma discussão sobre o design de novas morfologias territoriais que se fundem em infraestruturas, comércio e sistemas de informação, mas a exploração dos seus impactos sociais, políticos e culturais numa reinterpretação do espaço público, indiferentemente do que seja considerado espaço público e do local onde se encontre.*”¹³³ ¹³⁴

Desta forma, pretendemos, com os ensaios *supra* citados, obter uma visão generalista dos autores cujas exposições exteriorizam, não só a integração desse processo no tecido urbano, mas também a necessidade de reforçar a paisagem como um elemento gerador de estratégias baseadas no estudo da dimensão cultural e social onde as tradições, a história, a sociedade, a civilização e os comportamentos fazem uma combinação com a noção de *genius loci* na procura da identidade do lugar, através do projeto.

Em última análise, entende-se que a abordagem a este novo tema – *landscape urbanism* – transmite uma abordagem às práticas profissionais da arquitetura paisagista numa visão

¹³² CZERNIAK, Julia - *Looking Back at Landscape Urbanism: Speculations on Site*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, pp. 118-121

¹³³ “*landscape urbanism is not merely a discussion on the design of new territorial morphologies that merge infrastructures, commerce, and information systems, but the exploration of their social, political and cultural impact in a reinterpretation of public space, wherever and whatever that may be.*” [tradução nossa] - Vide Lyster, Clare - *Landscape of Exchange: Re-articulating Site*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1, p. 235

¹³⁴ *Idem Ibidem*, pp. 221-235

alargada, procurando soluções sustentáveis para servir a sociedade, expondo a importância da dinâmica do lugar necessária entre a cidade e a paisagem, juntamente com a sua contextualização. No entanto, descarta a importância e o trabalho que já havia sido feito, muito antes do aparecimento do *landscape urbanism*, na defesa da ecologia no planeamento urbano por arquitetos paisagistas, como Ian MCHARG e Frederick Law OLMSTED.

1.6. O PATRIMÓNIO E OS PROCESSOS CULTURAIS NA CIDADE

Com este tema pretende-se analisar a relação entre o Património e a Cidade, assim como as transformações inerentes ao desenvolvimento de património como conceito. Foram várias as interpretações e transformações dadas aos monumentos ao longo do tempo, desde elemento patrimonial singular, elemento estruturante dos núcleos históricos e por fim a integração do património na cidade moderna, através do apoio de cartas e convenções europeias que focam a necessidade de valorização e salvaguarda destes elementos e como este poderá ser uma peça fundamental na estruturação da cidade e do território. Nesta abordagem é possível entender a ligação entre a conservação do património e os elementos contemporâneos da cidade, bem como salientar o papel importante das sociedades na composição das cidades.

Através da abordagem feita por BANDARIN e OERS no livro *The Historic Urban Landscape*, é possível visualizar o vasto trabalho de conservação urbana desenvolvido ao longo de um século. Esta obra desperta para uma realidade do evolucionismo urbano e para a forma como esta influenciou o desenvolvimento dos núcleos tradicionais através de políticas de conservação urbanas.

1.6.1. Processos culturais dentro do tecido urbano

A análise realizada ao espaço urbano com base no património introduz no campo da investigação das cidades um novo desafio, onde o habitual domínio do campo económico e tecnológico partilha a cidade com a fonte recém-desenvolvida das atratividades culturais (século XX).

Na década de 60, as cidades foram alvo de grandes modificações estruturais devido ao êxodo-rural causado pela migração do campo para a cidade. A rápida expansão dos mercados industriais levou a um crescimento económico significativo, alargando o seu contexto de oportunidades. Esse crescimento global levantou dúvidas quanto à sustentabilidade ambiental, bem como o aumento das taxas populacionais. A gestão

inapropriada dos recursos originou limites extremos de pobreza, conduzindo a perdas de biodiversidade e consequentemente à deterioração da sustentabilidade dos recursos¹³⁵. Segundo Adams, surge em 1969 através da *International Union for the Conservation of Nature* (IUCN) um novo depoimento que defende a gestão da sustentabilidade, a partir do “ambiente natural do homem – e os recursos naturais dos quais todos os seres vivos dependem, no que diz respeito à gestão do ar, água, solo, minerais e espécies vivas, incluindo o homem, de modo a alcançar uma qualidade de vida sustentável”.¹³⁶ Em 1972, surge após a investigação dos processos ecológicos e a sua continuidade, a preservação da diversidade genética e a garantia de uma utilização sustentável de espécies e ecossistemas, através da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) num programa intitulado de *Man and the Biosphere* (MAB), cuja finalidade possibilitou uma compreensão das interações entre os sistemas ecológicos e o meio urbano, bem como com as zonas adjacentes.¹³⁷

Em 1998, na *Intergovernmental Conference on Cultural Policies for Development*, em Estocolmo, foi abordado aquele que seria o “modelo convencional dos três pilares da sustentabilidade, abrangendo suas dimensões ambientais, sociais e económicas”¹³⁸ suprimindo por algum tempo a componente cultural, quando tanto se falava de planeamento sustentável.

Poucos anos depois, a *World Commission on Culture and Development* mencionou que as culturas não podem sobreviver se o ambiente do qual dependem é desperdiçado ou empobrecido. A relação da humanidade com o ambiente natural tem sido até agora vista predominantemente em termos biofísicos, ainda que recentemente seja notável o crescente reconhecimento de que as próprias sociedades tenham criado métodos para proteger e gerir os seus recursos. Procedimentos que estão enraizados em valores culturais, que têm de ser tidos em conta, para que o desenvolvimento humano sustentável e equitativo se torne numa realidade.¹³⁹

¹³⁵ Segundo dados analisados pelo relatório *Millennium Ecosystem Assessment* em 2005 - Vide BANDARIN, Francesco, OERS, Ron van - *The Historic Urban Landscape, managing heritage in an urban century*, 1ª ed., Oxford, Wiley-Blackwell, 2012, ISBN: 978-0-470-65574-0, p. 82

¹³⁶ “man's natural environment - and the natural resources on which all living things depend, referring to management of air, water, soils, minerals and living species including man, so as to achieve the highest sustainable quality of life”. [tradução nossa] - *Idem Ibidem*, p. 81

¹³⁷ *Idem Ibidem*, pp. 76-82

¹³⁸ “conventional model of the ‘three pillars’ of sustainability, encompassing its environmental, social and economic dimensions”. [tradução nossa] - Vide *Idem Ibidem*, p. 84

¹³⁹ “cultures cannot survive if the environment on which they depend is laid to waste or impoverished. Humanity's relation to the natural environment has so far been seen predominantly in biophysical terms; but there is now a growing recognition that societies themselves have created elaborate procedures to protect and manage their resources. These procedures are rooted in cultural values that have to be taken into account if sustainable and equitable human development is to become a reality.” [tradução nossa] - Vide BANDARIN, Francesco, OERS, Ron van - *The Historic Urban Landscape*,

A componente cultural consegue, assim, a devida afirmação, em 2005, como pilar central da sustentabilidade no modelo convencional atrás descrito. O campo da cultura torna-se uma peça fundamental na descrição da sua diversificação e no desempenho de maior consciencialização ambiental e desenvolvimento sustentável.¹⁴⁰

Na vasta abordagem feita por BANDARIN e OERS, quanto às alterações de contexto urbano para uma eficiente gestão do património, referenciam uma questão bastante desenvolvida nos dias de hoje, a problemática das alterações climáticas e as suas consequências quando intersetadas com o património.

Considerando que este fenómeno teve uma grande influência nas transformações realizadas pelo Homem, foi a partir do encontro realizado no Rio de Janeiro em 1992, que a *UN Conference on Environment and Development* sucedeu à aprovação de um programa cujo objetivo essencial era a cooperação para o desenvolvimento sustentável – denominado *Agenda 21* – permanecendo sob o olhar atento do Protocolo de Quioto, desenvolvido em 1997 na *United Nations Framework Convention on Climate Change*, no Japão.

Ao longo de vários anos foram surgindo dúvidas e questões relacionadas com o impacto das alterações climáticas no património e, em 2005 o *World Heritage Committee* convocou uma metodologia de análise para que a natureza e a sua escala de riscos fossem analisadas, de forma a minimizar os impactos negativos. Assim sendo, dos resultados obtidos através dos fatores de risco, foram analisadas as relações socioeconómicas para perceber a forma como as comunidades estariam a ser afetadas, minimizando esse efeito através da procura de diferentes ambientes onde os fatores de *stress* reduzissem os impactos oriundos das alterações climáticas.¹⁴¹

Em 2007, surge o 4º relatório publicado pela *Inter-Governmental Panel on Climate Change* (IPCC), intitulado de *Climate Change 2007*, onde foi lançado o alerta sobre o aumento da temperatura que se fazia sentir juntamente com a ampliação do efeito de estufa, a partir do século XX. Deste modo, surgiu a possibilidade de integrar metodologias referentes às energias renováveis como fonte rejuvenescedora dos impactos negativos das alterações climáticas sobre o património.

Para que os procedimentos sejam cumpridos adequadamente, é necessária a observação de diversas normativas do património cultural em geral: “a compreensão da vulnerabilidade dos materiais, a monitorização das alterações, a modelação e projeção do comportamento do clima, a gestão do património cultural e a prevenção dos danos”.¹⁴²

managing heritage in an urban century, 1ª ed., Oxford, Wiley-Blackwell, 2012, ISBN: 978-0-470-65574-0, pp.84-85

¹⁴⁰ *Idem Ibidem*, p. 85

¹⁴¹ *Idem Ibidem*, pp. 89-91

¹⁴² “understanding the vulnerability of materials; the monitoring of change; the modelling and projection of climate behaviour; the management of cultural heritage; and damage prevention.” [tradução nossa]

Tal como já foi abordado anteriormente, a excessiva migração da população, no sentido rural-urbano, provocou grandes diferenças no desenvolvimento económico entre estas duas vertentes, gerando maior benefício tecnológico e socioeconómico nas cidades. Ora, atente-se que, segundo a *World Bank, 2000*, as áreas comerciais e industriais das grandes cidades correspondem a um aumento significativo do *Produto Interno Bruto* (PIB) nacional de vários países.

A diferença marcada pelo campo e a cidade torna-se assim ultrapassada, no sentido em que o “*modelo urbano*” e o “*modelo rural*” não correspondem a sistemas fechados ao longo do território, mas sim a uma ligação contínua das suas atividades económicas, diferenciando-se quanto ao grau de densidade, dependência do cultivo agrícola ou da sua produção e da estrutura social, mas nunca na inter-relação destes dois modelos, que acaba por ser uma mais-valia para ambas as populações¹⁴³.

Este papel modificador representado pelas cidades como transmissoras de um desenvolvimento refere o modelo urbano como uma chave para o desenvolvimento regional económico onde o investimento no melhoramento das condições locais é uma preocupação constante, não só em termos sociais como culturais. Este acréscimo de importância leva a um maior empenho na cidade e nas suas áreas envolventes por influência da descentralização de poderes de uma autonomia nacional para governos municipais.

Contudo, as preocupações ao nível social e cultural, expressas anteriormente, progrediram para a descaracterização da cidade, assim como a alteração de alguns valores históricos e sociais, uma vez que a forte competitividade por parte das cidades na aquisição dos melhores lugares para o mercado e comércio, levou àquilo que os autores expressam por “*Disney-fication*” do património, ou seja, a rapidez com que a escolha desses lugares são determinados, fornecendo ao espaço uma “*identidade nostálgica e fictícia*” que leva a criação de “*pseudo-espacos públicos*” dominados pela comercialização.¹⁴⁴

Futuramente surgirá a necessidade das grandes cidades automatizadas se conectarem entre si através de uma harmonia de redes relacionais que originará um elemento definidor da identidade urbana – “*continuidade cultural*”.¹⁴⁵

Outro processo de alteração na cidade foi a emergência do turismo, este foi um fator de grande importância no desenvolvimento económico das cidades embora, de acordo com o

- Vide BANDARIN, Francesco, OERS, Ron van - *The Historic Urban Landscape, managing heritage in an urban century*, 1ª ed., Oxford, Wiley-Blackwell, 2012, ISBN: 978-0-470-65574-0, p.93

¹⁴³ Tal como a cidade é referida pelo *Bank's Strategic View of Urban and Local Government Issues*, “*the city as an urban economic area that represents an integral market, but typically extends beyond formal administrative boundaries to encompass closely neighboring sub-regions, which may include smaller cities, peri-urban, or even adjacent rural areas.*” [tradução nossa] - Vide *Idem Ibidem*, p.94

¹⁴⁴ *Idem Ibidem* pp.94-96

¹⁴⁵ *Idem Ibidem* p.97

exposto por ROBINSON e PICARD, as cidades apresentam algumas contradições no modo como se organizam e no modo como gerem o seu funcionamento:

- O turismo é estimado como o tipo de indústria organizada e interligada ao nível global;
- É, simultaneamente, dependente dos setores públicos e privados;
- A dicotomia entre o aumento de empregabilidade turística e os danos causados ao ambiente pelas sobrecargas dos visitantes.¹⁴⁶

Por outro lado, a UNESCO tem um entendimento diferente, num parecer sobre o desenvolvimento turístico nas cidades, afirmando que o turismo é um excelente meio de contacto entre pessoas permitindo uma facilidade no conhecimento das mais diversas culturas e civilizações e onde foi criado pela *United Nations Environment Programme* (UNEP) e pela *World Tourism Organization* um guia de gestão de turismo sustentável.¹⁴⁷

Outro processo apresentado destaca a “*ampliação das perceções e dos valores patrimoniais urbanos*” que, contrariamente ao que foi exposto até agora, identificam que as alterações de cariz patrimonial têm origem no *interior*.

Foi na década de 70 e 80 que surgiu, pela primeira vez, a necessidade de identificar, valorizar e conservar inúmeros elementos culturais considerados como património pela *World Heritage Convention*, esta procura abrangeu todo o território e a sua metodologia baseava-se na análise “*pitoresca*” dos elementos. Com o passar do tempo a evidência das questões relacionadas com as comunidades sociais e os valores tradicionais foram-se questionando, cabendo ao *International Council of monuments and cities* (ICOMOS) um papel preponderante na elaboração dos novos métodos de classificação do património, onde a inclusão de questões ambientais foi altamente considerada, fundamentando como sendo um fator imprescindível para o bom funcionamento urbano, social e ecológico¹⁴⁸.

A partir da década de 90 em diante, foram várias as medidas tomadas pela *Global Strategy*. Desde a implementação de uma nova categoria destinada às “*Paisagens Culturais*”; o surgimento em 1994 de um documento sobre a autenticação do património cultural, denominado de *Nara Document on Authenticity*; a criação de um programa pela UNESCO cujo objetivo é nomear e proteger o património arquitetónico contemporâneo designado de *Modern Heritage*; foi implementado em 2003 a *Safeguarding of the Intangible Heritage* e dois anos depois surgiu a *Convention on the Protection and Promotion of the Diversity of*

¹⁴⁶BANDARIN, Francesco, OERS, Ron van - *The Historic Urban Landscape, managing heritage in an urban century*, 1ª ed., Oxford, Wiley-Blackwell, 2012, ISBN: 978-0-470-65574-0, pp.99-102

¹⁴⁷ *Idem Ibidem*, p.103

¹⁴⁸ Conforme aborda a Carta Internacional do Turismo de 1999, redigida pela ICOMOS, “*Heritage is a broad concept and includes the natural as well as the cultural environment. It encompasses landscapes, historic places, sites and built environments, as well as bio-diversity, collections, past and continuing cultural practices, knowledge and living experiences*” [tradução nossa] - *Vide Idem Ibidem*, p.105

Cultural Expressions e por fim no mesmo ano ergue-se *The Historic Urban Landscape*, pela responsabilidade da UNESCO.¹⁴⁹

Em 2002 foi decretado em Itália a valorização do património urbano (a cargo da UNESCO), por se considerar um elemento cultural, humano e social. A diversidade de culturas e tradições pela qual a cidade se apresenta como testemunha, bem como a importante relação que esses processos ancestrais influenciaram e continuam a influenciar o desenvolvimento das cidades, levam à retribuição através da valorização desse património urbano, que tanto pode ser conjuntos edificados, lugares ou tradições.¹⁵⁰

O conjunto de processos de mudança abordados anteriormente deriva essencialmente do fenómeno da globalização que atingiu as grandes cidades, surgindo um último processo abordado por BANDARIN e OERS que passa pela gestão dessas mudanças.

As tecnologias que invadiram as cidades e que permitiram o rápido transporte e a facilidade de comunicação entre pessoas e objetos, facilitaram também a ligação e o intercâmbio cultural, social e económico.¹⁵¹

O modo de gestão contemporâneo é uma preocupação, não só pelo impacto de aumento de escala, como também por questões políticas. Essa metodologia resultante da globalização, reflete uma preocupação na conservação dos núcleos históricos. Assim, é criada uma reformulação na metodologia de mudança à gestão, baseada em eixos estratégicos que indicam ritmos de mudança rápida e complexa. Derivado aos conflitos causados pela célere expansão à escala global, mas também pelas alterações que implicam diretamente modificações de índole cultural seja ele físico ou não.¹⁵²

É de todo insustentável, pensar em ambas as situações separadamente – as tecnologias das novas cidades e a crescente massa económica gerada em torno das mesmas – sendo por tanto o motor para um bom funcionamento e rentabilidade das cidades históricas desde que a sua identidade não seja afetada por essa adaptação à modernização.¹⁵³

Em suma, nas últimas décadas a valorização do património urbano têm sido uma preocupação crescente, surgindo, cada vez mais, inúmeras metodologias para a sua identificação, conservação e salvaguarda, alterando e reformulando a gestão dos bens patrimoniais culturais. São várias as questões que estão na origem dessas alterações, partindo essencialmente do desenvolvimento urbano e de questões que abrangem os efeitos ambientais ou a forte especulação económica desenvolvida em torno do turismo sobre o património cultural. A complexa resposta a estes problemas altera a escala

¹⁴⁹ BANDARIN, Francesco, OERS, Ron van - *The Historic Urban Landscape, managing heritage in an urban century*, 1ª ed., Oxford, Wiley-Blackwell, 2012, ISBN: 978-0-470-65574-0, p.106

¹⁵⁰ *Idem Ibidem*, pp.106-107

¹⁵¹ *Idem Ibidem*, p.108

¹⁵² *Idem Ibidem*, p.110

¹⁵³ *Idem Ibidem*, p.111

hierárquica de governança modificando as escalas de responsabilidade perante esses elementos, descendo do nível nacional para o nível local, contribuindo para a união entre a cidade e o património, fortificando o envolvimento entre a economia das cidades e os seus processos de desenvolvimento.

CAPÍTULO II. VALORIZAÇÃO DA CIDADE EM FUNÇÃO DO PATRIMÓNIO - DESENVOLVIMENTO CULTURAL E TURÍSTICO

O fenómeno da globalização que emergiu fortemente sobre o território, marcou grande parte das metrópoles de todo mundo. Juntamente com este fenómeno despertaram vários interesses em torno da reestruturação do território na sua totalidade, com vista a responder aos usos marcados pela contemporaneidade do espaço e do tempo. Desta forma, o escocês Patrick GEDDES destaca-se como figura notável (século XIX) contribuindo para o dinamismo das cidades, facilitando o seu acesso e um conhecimento aprofundado sobre a mesma. Defensor do planeamento urbano e apologista das ideias *Howardianas* da cidade-jardim, GEDDES introduz a *“expressão cidade global para designar o urbanismo atento ao prévio levantamento das condições e necessidades locais e regionais como base de reconstrução da vida política, social e cultural da cidade.”*¹⁵⁴

Logo, o contributo oferecido por GEDDES neste estudo é a aliança que nos permite desenvolver a interação entre o espaço territorial e a valorização do património. A capacidade alcançada pelos lugares, desempenha um conjunto de estratégias de desenvolvimento físico, espiritual e/ou económico a partir da imagem que revaloriza e protege o património cultural (núcleos antigos, património edificado e/ou imaterial), conciliando ao mesmo tempo a possibilidade de integração na vida quotidiana das sociedades.

Os processos transformativos de que o espaço territorial tem sido alvo, direcionam as questões relacionadas com o lugar para uma perspetiva de utilização atual, onde a preocupação com a essência do lugar (local onde ocorre a vida) se torna num fator importante para o planeamento e o desenvolvimento das cidades. Esta expressão compreende o espírito que defende o lugar, interpretada por Christian NORBERG-SCHULZ, na sua obra *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. O autor interpreta os conceitos de HEIDEGGER, de forma relacional entre o modo de habitar o território e o *genius loci*. Afirmando que *“um lugar é, qualitativamente, um fenómeno ‘total’ que não podemos reduzir a qualquer uma das suas propriedades sem perder de vista a sua natureza concreta”*¹⁵⁵. A qualidade e natureza particular desses locais determinam o carácter das relações e dos acontecimentos gerais que se restringem ao espírito desse mesmo lugar.¹⁵⁶

¹⁵⁴ FORTUNA, Carlos - *Sociologia, cultura urbana e globalização*, In Carlos FORTUNA (Org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, 1ª ed., Oeiras, Celta Editora, 1997, ISBN:972-8027-78-8, p. 15

¹⁵⁵ *“a place is therefore a qualitative, ‘total’ phenomenon, which we cannot reduce to any of its properties, such as spatial relationships, without losing its concrete nature out of sight.”* [tradução nossa] – Vide NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Nova Iorque, Rizzoli International Publications, Inc., 1980, ISBN: 0-8478-0287-6, p.8

¹⁵⁶ *Idem Ibidem*, p.5

O papel das comunidades que habitam, socializam e trabalham nos lugares são essenciais na integração das componentes culturais, que acontece naturalmente através das práticas quotidianas, das tradições e das crenças seguidas pelas comunidades. A passagem dos sistemas de valor ao longo dos anos entre estas práticas, leva a aquisição de uma identidade do espaço resultante da continuidade dos processos históricos.

Neste sentido, Patrick GEDDES propõe que a identidade dos elementos culturais presentes nas cidades seja elevada a um nível de preservação e valorização inquestionável. Ampliando a mesma preocupação, através da visão global, com que analisa o território e o modo como executa previamente as suas análises.

A integração do uso do património cultural no decorrer da contemporaneidade deve-se, às estratégias internacionais, nomeadas pela UNESCO, que procuram preservar a identidade simbólica dos lugares, com vista à sua *“patrimonialização”*.

Deste modo, o papel das cidades contemporâneas tem como prioridade o melhoramento dos seus espaços públicos e privados *“promovendo a transformação da identidade simbólica através da criação de novos símbolos, de mensagens promocionais, e da obtenção de um novo estatuto (como, por exemplo, Cidade da Saúde; Capital do Queijo da Serra; Capital da Vinha e do Vinho, Cidade Património Mundial, etc.)”*¹⁵⁷ de forma a promover a aceitação turística, contribuindo para o desenvolvimento económico das cidades. Factos anteriormente analisados, quando BANDARIN e OERS se referem à *“Disneyfication”* do património.

2.1. CASOS DE SUCESSO DE INTRODUÇÃO DE PATRIMÓNIO NA CIDADE COMO ELEMENTO TURÍSTICO

O relacionamento entre o turismo e a cultura é uma apropriação clara de ambas as partes, onde o acesso aos elementos culturais da arte e das tradições aceleram o desenvolvimento turístico. De acordo com a análise feita por PÉREZ, esta vertente do turismo destaca-se – *“face ao turismo convencional e de massas, o turismo cultural apresenta-se como uma alternativa ao turismo de sol e praia, mas, num sentido genérico, o turismo pode ser entendido como um acto e uma prática cultural, pelo que falar em ‘turismo cultural’ é uma*

¹⁵⁷ PEIXOTO, Paulo - *As Cidades e os Processos de Patrimonialização. A corrida ao estatuto de patrimonialização mundial e a identidade simbólica das cidades*, In Magda PINHEIRO et al. (Org.), *Cidade e Metrópole. Centralidades e Marginalidades*, Oeiras, Celta Editora, 2001, ISBN: 972-774-129-0, p.172

reiteração. Não pode existir turismo sem cultura, daí que possamos falar em cultura turística, pois o turismo é uma expressão cultural.”¹⁵⁸

Olhando, ainda, para a abordagem de PÉREZ, é relevante referir o testemunho do antropólogo APPADURAI (1949) que defende o turismo como um “*ethnoscape*”, ou seja, “*como uma paisagem caracterizada pelo fluxo de bens, informações, serviços e turistas, através das fronteiras e num contexto de globalização.*”¹⁵⁹ Este fenómeno crescente pode ser encarado como um fator fundamental na inter-relação entre o homem e a cultura, associado ao interesse e motivação do turista em conhecer locais baseados na história e na cultura e não apenas no lazer, levando à globalização da cultura.

O turismo cultural tem como principal função estimular o interesse pelos elementos culturais, numa determinada região, de forma a fomentar a motivação e atrair turistas na procura destes espaços e com isso apoiar o desenvolvimento da economia local e global.

Esta nova perspetiva de desenvolvimento direciona a forma como as instituições locais administram a respetiva herança cultural e o modo como a evidenciam frequentemente através da revitalização da sua identidade. A metodologia adotada para este trabalho, passa por uma análise dos programas culturais dos diferentes casos de estudo escolhidos, considerados de sucesso, onde a integração do património dentro da cidade funcionou como uma alavanca para o desenvolvimento turístico e económico da região.

2.1.1. Despertar da história e da cultura – Palais des Papes em Avignon, França

Avignon é uma cidade situada no sudeste de França a pouco mais de 80km de Marselha (CONSULTAR ANEXO B, FIGURA 3). Fatores importantes ocorreram no passado que lhe valeram, em 1995, um lugar na Lista do Património Mundial da Humanidade da UNESCO. A riqueza do seu conjunto patrimonial que cerca o centro histórico é formada por uma diversidade de espaços cuja identidade é composta pelos seguintes elementos: o conjunto episcopal, o Palácio dos Papas, a Catedral de Notre-Dame des Doms, o Pequeno Palácio, a Torre dos Cães, a Muralha e a Ponte Saint-Bénézet.¹⁶⁰

Conforme entende VIOLLET-LE-DUC, a Ponte de Saint-Bénézet é um testemunho arquitetónico do século XII e um dos melhores e mais significativos monumentos da cidade,

¹⁵⁸ PÉREZ, Xerardo Pereiro - *Turismo Cultural. Uma visão antropológica*, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Edição 02, Colección Pasos edita, Tenerife, 2009, ISBN: 978-84-88429-13-1, p.108

¹⁵⁹ PÉREZ, Xerardo Pereiro - *Turismo Cultural. Uma visão antropológica*, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Edição 02, Colección Pasos edita, Tenerife, 2009, ISBN: 978-84-88429-13-1, p.108

¹⁶⁰ UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – Unesco World Heritage Centre [em linha]. Paris: SLP, 1992 – [Consult. 23 Agost. 2013]. Disponível na WWW: <URL: http://whc.unesco.org/archive/advisory_body_evaluation/228.pdf/>.

construída por um jovem pastor¹⁶¹. A Ponte de Saint-Bénézet veio permitir o atravessamento do rio Rhône, do então *Rochedo dos Doms* até à outra margem. Atualmente, restam vestígios de uma ruína composta por quatro arcos e uma capela, resultante da subida das águas que afetou Avignon no século XVII, levando consigo parte desta magnífica estrutura. Tal facto não impede que esta seja presentemente alvo de grande atração turística.¹⁶²

No século XIV, Avignon passou a sede papal, com a alteração da corte da igreja católica de Itália para França, passando a residência pontifical. Em 1309, surge o primeiro pontífice em Avignon, o Papa Clemente V, que se instala provisoriamente no Convento Dominicano desta cidade francesa. Durante mais de um século foram vários os papas que por lá passaram até à alteração da sede cristã para Roma, devido ao Cisma Papal ocorrido na igreja católica entre 1378 e 1417.^{163, 164}

A diversidade de chefes da igreja católica que residiram em Avignon durante o século XIV¹⁶⁵, ofereceram à cidade a denominação pela qual é atualmente conhecida – *Cidade dos Papas* – a cidade é dotada de um passado culturalmente rico onde a arquitetura medieval eclesiástica tardia dá forma ao centro histórico, tornando este local num ponto de desenvolvimento e divulgação entre a cultura, o poder religioso e o poder político.¹⁶⁶

A obra mais emblemática até aos dias de hoje é, sem dúvida, o Palácio dos Papas, considerado como a maior obra de estilo gótico da Europa (com uma área de 15.000m², equivalente a quatro catedrais góticas). Construído junto ao rio Rhône e dotado de uma vista magnífica devido à sua construção estratégica sobre o *Rochedo dos Doms*, marca uma época onde a centralidade do cristianismo dominava a cidade de Avignon. Foi construído em duas fases, durante a permanência do papado, sendo a primeira fase dirigida pelo Papa Bento XII entre 1334 e 1342 e a segunda fase por Clemente VI, entre 1342 e 1352,

¹⁶¹ “Commencé en 1178, il était achevé en 1188; sa longueur est le 900 mètres, et la larguer de son tablier de 4 mètres 90 centimètres, compris l'épaisseur des parapets.” – Vide VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel - *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*, Paris, Librairie-imprimeries réunies, 1860, Vol.7, p.221

¹⁶² AVIGNON – Avignon – L'histoire d'Avignon [em linha]. Avignon: SLP, 2000 – [Consult. 24 Agost. 2013]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.avignon.fr/fr/culture/histoire/>>.

¹⁶³ VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel - *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*, Paris, Librairie-imprimeries réunies, 1860, Vol.7, pp. 26-27

¹⁶⁴ RENOUARD, Yves – *La Papauté a Avignon*, 2ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1962, p.15-17

¹⁶⁵ Durante o papado de Avignon, foram seis os conclaves lá realizados, sendo que o Papa Clemente V foi eleito sumo pontífice ainda em Roma, desta forma a lista de papas residentes em Avignon é composta por sete elementos: Papa Clemente V em 1305-1314; Papa João XXII em 1316-1334; Papa Bento XII em 1334-1342; Papa Clemente VI em 1342-1352; Papa Inocêncio VI em 1352-1362; Papa Urbano V em 1362-1370; Papa Gregório XI em 1370-1378. – Vide DOSSIER DE PRESSE – *Avignon*, Edição 2013, Avignon Tourisme, 2013, p.2

¹⁶⁶ UNESCO - *Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage*, World Heritage Committee, Sessão 19, Berlim, 1995, p.45

ricamente decorada por pinturas murais, cuja autoria pertence a Matteo Giovannetti.^{167, 168,}

¹⁶⁹ (CONSULTAR ANEXO B, FIGURA 5)

Após a saída dos papas de Avignon, a cidade sofreu várias alterações estruturais, inicialmente devido ao Cisma Papal e mais tarde caracterizado pela Revolução Francesa. Todas estas alterações que abalaram a cidade até ao século XIX, refletiram grandes repercussões quanto à sua recuperação, a partir do século XX.¹⁷⁰

Atualmente Avignon é conhecida como uma cidade museu, rodeada intramuros por uma coletânea de testemunhos de prestígio que marcam diferentes épocas. Depoimentos com origem na pré-história datam o aparecimento da cidade por volta de 2000 a.C. através de vestígios encontrados no *Rochedo dos Doms* e nas margens do rio Rhône, acessíveis alguns desses vestígios, atualmente, num dos museus da cidade.

Atualmente, a Cidade dos Papas é palco de um dos maiores eventos culturais franceses, resistindo desde 1947 até à atualidade. Fundado por Jean Vilar¹⁷¹, o *Festival de Avignon*, realiza-se anualmente, com o objetivo de transmitir a tríade – Arte, Música e Teatro. Segundo D'ARCIER ex-diretor do *Festival de Avignon* (1980-1984/1993-2003), a cidade abre as suas cortinas para um espetáculo único, que procurou ao longo do tempo a expansão das suas técnicas artísticas para o seu público, com especial vocação para o apoio educacional da população local e regional.¹⁷²

O restauro da riqueza arquitetónica de Avignon contribuiu para uma celebração permanente de cultura, envolvendo-se os mais variados eventos onde a arte e a cultura se unem. Capaz de *fabricar* a sua própria concentração turística nacional e internacional, o *Festival de Avignon* preza-se pela originalidade das suas conceções. O espectador é deliciado com momentos culturais longe dos tradicionais teatros fechados, realizando-se ao ar livre, ao longo do mês de Julho. O festival percorre as ruas da cidade intramuros em que, tal como expõe FABIANI e ETHIS num artigo alusivo ao Festival de Avignon, “*todos os espaços são requisitados para se tornarem palcos: átrios, igrejas, claustros, mas também a garagem ou a*

¹⁶⁷ VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel - *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*, Paris, Librairie-imprimeries réunies, 1860, Vol.7, pp. 24-27

¹⁶⁸ AVIGNON – Avignon – L'histoire d'Avignon [em linha]. Avignon: SLP, 2000 – [Consult. 24 Agost. 2013]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.avignon.fr/fr/culture/histoire/>>.

¹⁶⁹ DOSSIER DE PRESSE – *Avignon*, Edição 2013, Avignon, Tourisme, 2013, p.1

¹⁷⁰ AVIGNON – Avignon – L'histoire d'Avignon [em linha]. Avignon: SLP, 2000 – [Consult. 24 Agost. 2013]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.avignon.fr/fr/culture/histoire/>>.

¹⁷¹ “Jean Vilar, nascido em 1912, em Sète, escolheu tornar-se encenador depois do encontro que teve com Charles Dullin, antes da Segunda Guerra Mundial. Cnhecido pelas suas encenações de Strindberg, de Synge, e sobretudo de ‘Assassínio na Catedral’, de T. S. Eliot, criou o Festival de Avignon em 1947 e dirigiu o Teatro Nacional Popular, no Palácio de Chaillot, em Paris, de 1951 a 1963. Morreu em 1971, depois de ter incarnado, durante um quarto de século, o teatro público.” – Vide FABIANI, Jean-Louis, ETHIS, Emmanuel – *O Festival e a Cidade: O exemplo de Avignon*, Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 67, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003, p.8

¹⁷² D'ARCIER, Bernard Faivre – *Panorama e Futuro dos Festivais: o exemplo do Festival D'Avignon*, 1º Colóquio Internacional no Reino dos Festivais, nº19, Salvador, 2011, p.117

*caserna dos bombeiros.*¹⁷³ Este modelo vanguardista de festival, em território francês, fez com que rapidamente se expandisse e fosse visto como um *modelo*, “*tornando-se, de forma duradoura, um verdadeiro instrumento de organização cultural do território. A tríade – espectáculo em cenários urbanos libertos dos constrangimentos do espaço teatral especializado, cidade de província, reutilização do património – constitui o fundamento deste modelo.*”¹⁷⁴

O lugar único e memorável que se tornou a cidade de Avignon, galardoada como um expoente máximo da história cultural em França, através da união de dois fatores inteligentemente concebidos: a cultura local pública e as artes performativas. Com uma vida cultural intensa durante todo o ano, Avignon é palco de variadíssimas atratividades culturais e artísticas, que lhe dão vida e dinamismo durante doze meses. Os programas turísticos, muito bem organizados, conquistam o interesse dos visitantes num percurso cultural que percorre as ruas e ruelas, praças e largos, aliado à riqueza dos monumentos que a cidade tem para oferecer e, que constituem o seu *genius loci*. (CONSULTAR ANEXO B, FIGURA 4)

A *cidade dos Papas* recebe por ano cerca de 1.5 milhões de turistas, de acordo com números lançados pelo turismo de Avignon. O Palácio dos Papas é um dos monumentos da lista mais visitados em toda a França, assim como no conjunto de monumentos a visitar em Avignon.

O Palácio Papal recebe em média cerca de 600.000 visitantes todos os anos. Sendo que esta adesão manifesta-se essencialmente durante o *Festival de Avignon*, gerida por uma organização subsidiada em 12 milhões de Euros por diversas entidades¹⁷⁵, gerando uma receita de aproximadamente 23 milhões de Euros, favorecendo o desenvolvimento económico da cidade (valores apenas durante o *Festival de Avignon*). A visita dos turistas aos restantes monumentos e museus de Avignon (*Festival Off*; Pont d’Avignon; Musée du Petit Palais; Musée Angladon; Musée Calvet; Colletion Lambert; Musée du Roure ; Musée Lapidaire ; Musée Requien e Musée Vouland) é igualmente de grande importância para o desenvolvimento económico local embora com números inferiores.^{176, 177}

¹⁷³ FABIANI, Jean-Louis, ETHIS, Emmanuel – *O Festival e a Cidade: O exemplo de Avignon*, Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 67, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003, p.7

¹⁷⁴ FABIANI, Jean-Louis, ETHIS, Emmanuel – *O Festival e a Cidade: O exemplo de Avignon*, Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 67, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003, p.8

¹⁷⁵ Organização sem fins lucrativos, subsidiada pelo Ministério da Cultural e Comunicação, cidade de Avignon, Comunidade Urbana de Grand Avignon, Departamento de Vaucluse, Provence-Alpes-Côte d’Azur e por fim pelo Programa da Cultura da União Europeia.

¹⁷⁶ PALAIS DES PAPES – Palais-des-Papes, Avignon tourisme [em linha], Avignon: SLP, 2004 – [Consult. 26 Agost. 2013], Disponível na WWW: <URL: <http://www.palais-des-papes.com/fr/content/discover/>>.

¹⁷⁷ FESTIVAL D’AVIGNON – Festival-Avignon [em linha], Avignon: SLP, 2004 – [Consult. 26 Agost. 2013], Disponível na WWW: <URL:<http://www.festival-avignon.com/fr/FestivalNumber/>>.

A boa organização do turismo de Avignon é a principal causa de atratividade dos visitantes ao seu núcleo cultural. A diversidade de ofertas turísticas e consequentemente o modo como aliciam os turistas através da compra de bilhetes, permite que um maior número de turistas visite Avignon e toda a sua oferta cultural. O sistema de *bilhete único* possibilita o visitante percorrer todos os monumentos e museus da cidade, apenas com um único bilhete. Apesar de cada monumento e museu ter um ingresso singular, este sistema é o mais adotado para quem visita a Cidade dos Papas. Existe igualmente outros tipos de bilhetes, nomeadamente, para excursões, circuitos, comboios turísticos, visitas guiadas, entre outros. Este caso de estudo é um exemplo de sucesso de como preservar e valorizar a identidade dos elementos culturais na cidade, teorias que foram defendidas por Patrick GEDDES ao longo do seu percurso. Assim, e com base nas suas teorias, é possível construir a ideia de que os lugares têm em si a capacidade de se desenvolver a partir da valorização da sua identidade, considerando um levantamento cuidado e rigoroso dos recursos naturais e/ou culturais existentes em cada lugar.

2.1.2. Novo coração de Bilbao – Museu de Guggenheim, Espanha

Bilbau localiza-se a nordeste de Espanha e é a capital da comunidade autónoma do País Basco (CONSULTAR ANEXO C, FIGURA 6). A extremidade da sua localização permite-lhe vislumbrar a desembocadura do rio de Bilbao¹⁷⁸ ou Nervión, como também é conhecido, que desagua na respetiva ria até chegar ao Golfo da Biscaia.

Com a sua origem no século XIV, a cidade de Bilbao alcançou um bom desenvolvimento económico a partir dos anos vinte, integrando um conjunto de atividades portuárias, a extração de ferro, a produção de aço nas zonas adjacentes e a vasta especialização numa indústria tradicionalmente ligada às lãs de Castela.

Durante mais de cinquenta anos, Bilbao sofreu uma grande industrialização que fortalecia a economia local e regional principalmente proveniente da exploração metalúrgica, garantindo-lhe um lugar no ranking das cidades espanholas mais industrializadas com as consequentes perdas de identidade, seguindo o modelo das *conurbações* industriais mundiais, refletindo uma crescente expansão demográfica e a perda de qualidade de vida da população.

Em 1970, a competitividade industrial que ocupava a Área Metropolitana de Bilbao, foi alvo de um intenso procedimento de reestruturação que afetou radicalmente o setor económico e social da cidade. Foi uma fase de desindustrialização demorada, estendendo-se até ao

¹⁷⁸ Bilbao é a designação em espanhol e no próprio País Basco denominam por Bilbo.

início da década de 90. Década, que marcou o ponto de viragem da cidade, através da introdução da cultura, tentando pôr fim a um período assinalado pela decadência urbana¹⁷⁹.

Foi o início de um novo período, marcado pela metamorfose do novo plano urbano, com vista a recuperar a dinamização económica, social e cultural de Bilbao, através de eixos estratégicos baseados na *“renovação física, espacial”*.^{180, 181}

Foram várias as operações urbanísticas ao longo da década de 90 que conduziram Bilbao à *“transformação numa metrópole pós-industrial regional”*, com a capacidade de se expor através de um conjunto de iniciativas que valorizaram o seu carácter físico, social e económico, com o objetivo de reestruturar e dinamizar a cidade. Essa dinamização deve-se essencialmente ao novo planeamento urbano e à sua divulgação, a partir de dois fatores novos até então em Bilbao: a *cultura* e a *arquitetura*.¹⁸²

A palavra *cultura* surge como uma visão para o futuro da cidade e com ela a descoberta da sua capacidade de dar resposta aos problemas económicos consolidando o seu futuro político. Desta forma, surge pela primeira vez em Bilbao a necessidade de instalar um novo paradigma – *“um fascinante museu, o museu, que capta a atenção e a paixão ao visitante”*.¹⁸³

Assim, em 1997, nasce o Museu Guggenheim em Bilbao, com a estratégia de se associar à famosa filial de Nova Iorque, a cargo do arquiteto norte-americano Frank GEHRY. Que, de acordo com o entendimento de MCCLELLAN, foi considerado uma das obras mais polémicas, revelando-se como uma das melhores obras de arte do século XX por diversos especialistas e críticos da arquitetura, afirmando que *“não menos milagroso do que o próprio edifício foi o seu efeito sobre a cidade abandonada de Bilbao, onde encobriu o centro industrial para, subitamente, renascer como um destino cultural”*.¹⁸⁴ (CONSULTAR ANEXO C, FIGURA 7)

¹⁷⁹ Tal como é observado por RODRIGUEZ e ABRAMO, *“o declínio da indústria deixou atrás de si um grande número de espaços degradados e semiabandonados em toda a área metropolitana de Bilbao que se concentram significativamente nos terrenos planos do estuário em ambas as margens da Ria. As ruínas industriais dão a medida física da dimensão da crise produtiva da área metropolitana.”* – Vide RODRIGUEZ, Arantxa, ABRAMO, Pedro – *Reinventar a Cidade. Urbanismo, Cultura e Governação na Regeneração de Bilbao*, In COELHO, Teixeira (Org.), *A Cultura pela Cidade*, São Paulo, Iluminuras, 2008, p.108

¹⁸⁰ OCKMAN, Joan – *La nueva política del espectáculo: “Bilbao” y la imaginación global*, In LASANSKY, D. Medina, MCLAREN, Brian (Eds.), *Arquitectura y turismo. Percepción, representación y lugar*, Barcelona, 2006, ISBN: 84-252-2105-6, p.263

¹⁸¹ RODRIGUEZ, Arantxa, ABRAMO, Pedro – *Reinventar a Cidade. Urbanismo, Cultura e Governação na Regeneração de Bilbao*, In COELHO, Teixeira (Org.), *A Cultura pela Cidade*, São Paulo, Iluminuras, 2008, pp.106-110

¹⁸² *Idem Ibidem*, p.103

¹⁸³ *“museo fascinante, del museo que capta la atención y apasiona al visitante”* – Vide GUASCH, Anna Maria, ZULAIKA, Joseba (Eds.) – *Aprendiendo del Guggenheim Bilbao*, Madrid, Akal, S.A., 2007, ISBN: 84-460-2278-8, p.17

¹⁸⁴ *“no less miraculous than the building itself was its effect on the forlorn city of Bilbao, a faded industrial center suddenly reborn as a cultural destination.”* – Vide MCCLELLAN, Andrew – *The Art Museum from Boullée to Bilbao*, Londres, University of California Press, 2008, ISBN: 978-0-520-24767-3, p.53

O número de visitantes no ano da sua inauguração, excedeu a expectativas, ultrapassando o número previsto de 450 mil para 1.3 milhões de visitantes, gerando cerca 150 milhões de Euros de receitas locais.¹⁸⁵ Segundo dados da *Euskal Estatistika Erakundea – Instituto Vasco de Estadística* (EUSTAT), organismo público responsável pela recolha, análise e divulgação de informação estatística do País Basco, foi possível chegar ao número de visitantes anuais do Museu Guggenheim entre 1998 a 2012, contabilizando um decréscimo de visitas no ano 2012 – 734.215. No entanto, dados lançados pelo Turismo de Bilbao, demonstram que o impacto económico gerado pelo turismo na capital do País Basco, em 2012, é superior à data da sua inauguração, ainda que sofresse um decréscimo face ao número de visitantes. Superando as expectativas, chegando aos 211 milhões de Euros.¹⁸⁶

¹⁸⁷ (CONSULTAR ANEXO C, QUADRO 1)

Neste sentido, o Museu Guggenheim, mostrou-se como um excelente exemplo de como a cidade pode ser promovida a indústria turística nacional e internacional através de um museu, da arquitetura e da arte. Esta mudança radical ocorrida com base neste fenómeno arquitetónico tem a capacidade de se impor na cidade como um elemento marcante (associado à imagem da cidade de Kevin LYNCH, onde as referências físicas e externas se destacam como *landmarks*), mas também, através da culturalização contemporânea alterar as perspetivas económicas e sociais de um local.¹⁸⁸

Segundo a abordagem de MARTINELL num testemunho sobre a *cultura e a cidade*, “A cultura é capaz de fornecer a uma cidade o que se pode chamar de ‘city brand’, quer dizer, um emblema de visibilidade internacional, um emblema que situa uma cidade no mundo [...] Bilbao não era uma cidade que se caracterizasse pela arte moderna ou contemporânea. Mas apostou num projeto de grande arrojo arquitetónico e interesse turístico, que a colocou no mundo da cultura: criar uma filial europeia do Museu Guggenheim”¹⁸⁹. Tornando-se deste modo num símbolo emblemático que catalisou a imagem e a realidade de uma antiga

¹⁸⁵ Incluindo o impacto económico do respetivo alojamento, transporte, alimentação e gastos extras na cidade Vide – GUGGENHEIM BILBAO – Museo Guggenheim Bilbao, Area de Prensa, Impacto de las actividades del Museo Guggenheim Bilbao en la economía del País Vasco 1997-2000 [em linha], Bilbao: SLP, 2013 – [Consult. 29 Agost. 2013], Disponível na WWW: <URL: <http://prensa.guggenheim-bilbao.es/notas-de-prensa/corporativo/impacto-economico-1997-2000-2001-01-12/>>.

¹⁸⁶ EUSTAT - Euskal Estatistika Erakundea, Instituto Vasco de Estadística [em linha], Vitoria-Gasteiz: SLP, 2004 – [Consult. 28 Agost. 2013], Disponível na WWW: http://es.eustat.es/bancopx/spanish/tipo_N/buscador.asp?buscar=visitantes&tipo=N#axzz2dIgEd9n3/>

¹⁸⁷ Incluindo o impacto económico do respetivo alojamento, transporte, alimentação e gastos extras na cidade Vide – BILBAO TURISMO, *Bilbao refuerza su “tiron” internacional en un año marcado por la crisis*, Info Bilbao, Prentsa Kabinetea – Gabinete de Prensa, Bilbao, 2012.

¹⁸⁸ GUASCH, Anna Maria, ZULAICA, Joseba (Eds.) – *Aprendiendo del Guggenheim Bilbao*, Madrid, Akal, S.A., 2007, ISBN: 84-460-2278-8, pp.17-18

¹⁸⁹ MARTINELL, Alfons – *Cultura e cidade: Uma aliança para o desenvolvimento – A experiência da Espanha*, In CANCLINI, Nestor et al., *Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*, Brasília, UNESCO, 2003, pp.101-102

centralidade industrial em ruínas, numa cidade mundialmente procurada pelo seu interesse cultural, dando mais uma vez razão às teorias de Patrick GEDDES.

Embora as diferenças entre os dois casos de estudo analisados sejam distintas, principalmente quanto ao carácter identitário de cada lugar, podemos afirmar que o modo de adaptabilidade com que cada elemento se relaciona com o meio, seja ele implementado de raiz ou não, é de extrema importância para o seu sucesso como gerador de desenvolvimento social, turístico e consequentemente económico, quando bem administrados através de organizações competentes.

2.2. CASOS DE SUCESSO DE INTRODUÇÃO DE PATRIMÓNIO NA CIDADE

A introdução de cultura na gestão de uma cidade é, indubitavelmente, uma forma de apoiar o seu crescimento populacional, económico, social e cultural. O posicionamento da cultura como fator central para o desenvolvimento da cidade é a questão que aqui será exposta através dos seguintes casos de estudo: A Exposição do Mundo Português de 1940, Fundação Calouste Gulbenkian de 1969 e a Exposição Mundial de 1998. Construídos durante o século XX, com intervalos de 20/30 anos entre eles e com estratégias delineadas face à cidade.

Contrariamente à metodologia aplicada nos casos de estudo anteriores, onde tentamos perceber a importância dos fatores culturais urbanos para o desenvolvimento da cidade, focada essencialmente no impacto que têm sobre o turismo, neste subcapítulo, pretende-se analisar cada um dos espaços em estudo, através dos seguintes estudos:

- Fases preliminares do projeto;
- As causas que estão na origem da sua implementação;
- O modo como se inserem no desenvolvimento da cidade.

Dando origem a novas centralidades culturais, sociais e económicas, progredindo assim para o futuro das cidades.

2.2.1. A simbologia e historicidade – Exposição do Mundo Português em 1940, Lisboa

O panorama das exposições nacionais foi, sem dúvida, um marco de grande relevância, não só para Lisboa mas também para Portugal no decorrer do século XX.

A *Exposição do Mundo Português* realizou-se em 1940 e, até à data da EXPO '98, tinha sido o maior evento nacional de cultura. Esta surge como afirmação da estabilidade política durante o Estado Novo. A simbologia e historicidade marcada por esta exposição remete para um período áureo da história nacional, onde se ergueram obras notáveis

essencialmente na área da grande Lisboa. Com o objetivo de divulgar ao mundo a história e a cultura portuguesa, esta celebração teve lugar no extremo Ocidental da cidade – em Belém. Local já protagonizado por grandes monumentos (tais como, o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém), mas também, e com alguma similitude à zona Oriental, por uma margem ribeirinha obstruída pela indústria que impedia o contacto com o Tejo.¹⁹⁰

A composição do recinto foi meticulosamente planeada, construindo-se estruturas monumentais e de grande riqueza estética, de acordo com os cânones defendidos pelo Estado Novo. Este manifesto artístico contou com a presença de inúmeros pavilhões temáticos, compostos em três secções. A primeira fornecia uma componente Histórica, representada pelos *Pavilhão da Fundação; Formação e Conquista; dos Descobrimentos; da Colonização e dos Portugueses no Mundo*. A segunda secção destinava-se à *Vida Popular* sintetizada e onde representava os costumes culturais e sociais das *Aldeias Portuguesas*. E por fim, a *Secção Colonial* que se destinava à representação do nosso Império Colonial, elevando o nome de Portugal aos quatro cantos do mundo. Uma praça central, denominada de Praça do Império, adornada por uma fonte central, um jardim geométrico e duas esculturas que pontuam imponentemente o lado sul da praça. A Porta da Fundação era a entrada principal do recinto, localizada junto à *Secção Histórica “elevando-se em quatro torres majestosas sobre a Avenida da Índia e ligando entre si os dois grupos de edifícios da Secção”*¹⁹¹. Em frente à praça central e junto à margem do rio, a doca de Belém ganhava força através de um dos monumentos mais emblemáticos até aos dias de hoje na cidade – o Padrão dos Descobrimentos – representado pela *“figura do Infante e da plêiade de navegadores, guerreiros, santos, poetas e de todos aqueles que ergueram alto o nome de Portugal”*¹⁹². A preocupação com a monumentalidade e com a estética da arquitetura é predominante face ao planeamento do conjunto urbano (que segundo COTTINELLI TELMO, arquiteto responsável desta *Exposição*, se trata de uma *“cidade de ilusões”*).¹⁹³ (CONSULTAR ANEXO D, FIGURA 8)

A herança que resta da *Exposição* de 1940 é de grande prestígio e simbolismo na cidade atual, assinalada pela Praça do Império e o Padrão dos Descobrimentos com a respetiva doca/plano de água. Estas memórias que marcam a identidade histórica de um povo, são atualmente uma referência nacional e internacional do desenvolvimento cultural e turístico da cidade. No final do subcapítulo 2.2.3., referente à EXPO '98, será feito o paralelismo entre ambas as exposições.

¹⁹⁰ MACHADO, Aquilino – *Os espaços Públicos da Exposição do Mundo Português e da Expo '98*, Lisboa, Parque EXPO '98, S.A., 2006, ISBN: 972-8106-35-1, pp.70-75

¹⁹¹ *Idem Ibidem*, p.78

¹⁹² *Idem Ibidem*, p.78

¹⁹³ *Idem Ibidem*, pp.76-79

2.2.2. Pioneiro na dinamização da cultura em Portugal – Fundação Calouste Gulbenkian

A partir da segunda metade do século XX, num período ainda marcado pelo pós-guerra, a cidade foi alvo de novas tendências modernistas no campo da arquitetura. As novas formas marcavam uma nova era – a “*monumentalidade*”.

A proposta para o projeto Sede e Museu da Fundação, surge em 1959, três anos após a criação formalizada em decreto-lei nº 40690 de 18 de Julho de 1956 da Fundação Calouste Gulbenkian. A sua origem deve-se a Calouste Sarkis Gulbenkian (1869-1955), um apaixonado pelas belas-artes, que escolheu Lisboa, em 1942, para se instalar, onde permaneceu durante 13 anos. Ao longo desse tempo, Calouste conhece e revela o gosto pelo país e, principalmente pela cidade de Lisboa. No seu testamento entrega a sua coleção de arte a Portugal, para a criação de uma fundação destinada à arte e à cultura, para que o seu espólio artístico pudesse ser exposto e valorizado “*desde há mais quatro mil anos: do Oriente islâmico à escultura egípcia, da arte ornamental do Extremo Oriente à arte europeia; e da pintura à escultura, da tecelagem à tapeçaria, do mobiliário à ourivesaria.*”¹⁹⁴ Assim seria seu desejo, que a forma e a imagem marcassem um símbolo de inovação arquitetónica baseada num registo de *monumentalidade*. Assim, foi construído um lugar onde o espírito de Calouste Gulbenkian é identificado em cada um dos espaços do projeto, desde a escolha do local, à imagem das estruturas construídas e naturais (edifício e jardim). Este registo contribuiu simultaneamente para distinguir com notoriedade a própria imagem da Fundação.¹⁹⁵

Foi eleito o antigo Parque de Santa Gertrudes, uma extensa área natural (aproximadamente sete hectares) no centro da cidade de Lisboa (onde antigamente se realizou a feira popular e o jardim zoológico). Atualmente é um dos pontos centrais da cidade (marcada pela Praça de Espanha), ideal para conferir centralidade, dinamismo e integração do projeto na estrutura da cidade. É, ainda possível visualizar uma estrutura arquitetónica da época, designadamente um palácio do século XVII (presentemente ocupada pela embaixada de Espanha).¹⁹⁶

A execução deste projeto demorou cerca de uma década até a data da sua inauguração. Este período foi marcado por várias fases de eleição, através de um concurso, que apelou “*à imaginação criadora e ao poder de estruturação dos arquitectos convidados [...] e de quem espera sugestões de conjunto harmoniosas e eficientes, concebidas sem limitações de ordem estética e das quais se destacam os aspectos relativos à integração no local,*

¹⁹⁴ TOSTÕES, Ana (Coord.) – *Fundação Calouste Gulbenkian: Os edificios*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, ISBN: 972-98728-8-0, p.18

¹⁹⁵ *Idem Ibidem*, pp.14-17

¹⁹⁶ *Idem Ibidem*, pp.27-34

*lógica organização dos espaços, perfeito esquema funcional e digna e agradável expressão plástica*¹⁹⁷.

No conjunto que viria a dar forma à Fundação, as equipas teriam de pensar segundo as linhas fundamentais do programa, constituído por um museu, uma sede, auditórios, uma biblioteca direcionada aos estudos artísticos e uma extensa área verde que viria dar lugar a um jardim. Assim desejou Calouste, a fim de introduzir em Lisboa um espaço novo onde fosse possível realizar espetáculos artísticos, conferências, concertos, fomentando o interesse cultural e artístico de um público desconhecedor.¹⁹⁸

A equipa do projeto vencedor era composta por Alberto José Pessoa (1919-1985), Pedro Cid (1925-1983) e Ruy Jervis d'Athouguia (1917-2006). O projeto era inspirado na simplicidade, na clareza das formas e na influência internacional do movimento moderno, estabelecendo a simbiose entre o espaço verde e o espaço edificado, remetendo à necessária intervenção da arquitetura paisagista, num projeto onde o conhecimento da arte e da ciência fosse assegurado. Neste sentido, a equipa contou com a presença de Gonçalo RIBEIRO TELLES (1922) e António Facco VIANA BARRETO (1924-2012), ambos engenheiros agrónomos e arquitetos paisagistas, na procura das melhores soluções no relacionamento entre a *terra* e o *inerte*. Respondendo da melhor forma ao carácter cultural da Fundação e às necessidades de preservação da identidade do local.^{199, 200}

A organização de todo o conjunto arquitetónico foi muito bem estruturada face à extensa envolvente do parque, permitindo localizar a articulação do conjunto edificado numa zona central onde a modelação do terreno teve grande importância, na forma como os edifícios se articulavam, mas também no posicionamento estratégico do parque subterrâneo. O domínio das linhas direitas do modernismo contribuiu harmoniosamente para a união entre o edificado e as formas orgânicas do jardim.

A equipa garantiu, assim, uma proteção ao edifício através de uma barreira arborizada ao longo dos limites do jardim e que, simultaneamente, se integra na diversidade de espaços e ambiências proporcionadas através de múltiplas espécies vegetais que aqui foram plantadas e mantidas, criando um símbolo da ecologia da paisagem portuguesa, pela forma como foram escolhidas (espécies autóctones). Estes espaços proporcionam sensações e formas diversificadas que se vão *“abrindo e fechando”*, dando lugar a *“ilusões de perspectivas e pontos de vista compostos entre orla e clareira, a luz e a sombra, as diferentes gradações*

¹⁹⁷ TOSTÕES, Ana (Coord.) – *Fundação Calouste Gulbenkian: Os edifícios*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, ISBN: 972-98728-8-0, p.81

¹⁹⁸ *Idem Ibidem*, pp. 81-75

¹⁹⁹ *Idem Ibidem*, p.116

²⁰⁰ ANDRESEN, Teresa (Coord.) – *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian. Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian Serviço de Belas-Artes, 2003, ISBN: 972-678-034-9, p.110

*de verde e a pontuação colorida das flores*²⁰¹, através de percursos que ligam aos várias elementos, como é o exemplo do lago e o anfiteatro em forma de polígono.

Manter a estrutura e identidade original do local é uma das imagens de marca de RIBEIRO TELLES. Pensamentos estes provenientes das doutrinas lecionadas na escola de arquitetura paisagista portuguesa, influenciada fortemente pela expressão alemã, manifestando neste jardim o auge da sua perfeição. Caracterizado por ser um parque público de excelência e único em Lisboa, o jardim da Gulbenkian é um modelo do movimento moderno em Portugal e, simultaneamente, o expoente máximo da arquitetura paisagista nacional.²⁰²

A harmonia na conceção global deste projeto, resultante do casamento entre arquitetura e a arquitetura paisagista, permitiu que a articulação horizontal dos edifícios possibilitassem “*ler para além das construções e em todas as direcções a continuidade do espaço verde*”²⁰³.

O Movimento Moderno ganha visibilidade durante a década de 60 com a construção da Fundação, representando um ícone da arquitetura e da arquitetura paisagista. A utilização de novas técnicas e materiais confirmam a complexidade e a novidade criada, através da simplicidade na escolha do material vegetal e inerte.²⁰⁴

A Sede, o Museu e o Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian foram inaugurados em 1969, naquele que seria o desejo testamentário de Calouste como o primeiro pólo dinamizador de cultura ao serviço da comunidade em Portugal. Um projeto, cuja imagem reportava a uma nova *monumentalidade* e racionalismo do *Movimento Moderno*, influenciado por ícones internacionais, onde o lema de Mies van der Rohe, “*Less is more*” e a influência do papel da natureza e da identidade do lugar de Frank Lloyd Wright, se identificavam com a Fundação.²⁰⁵

A Fundação, não só, veio dinamizar a qualidade de espaço público lisboeta, como integrou uma nova dinâmica cultural na cidade, conseguindo juntar duas linhas urbanísticas até então adversas – culturalista e progressista.²⁰⁶

Ao longo da sua existência, a Fundação, tem-se desenvolvido no sentido dinamizador de um pólo cultural dentro da cidade, neste sentido foi analisada a diversidade de áreas de atuação, nomeadamente: exposições, concertos, cinema, colóquios e conferências, atividades educativas, cursos de formação, bolsas de estudo, entre outros. Assim como as

²⁰¹ TOSTÕES, Ana (Coord.) – *Fundação Calouste Gulbenkian: Os edifícios*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, ISBN: 972-98728-8-0, p.203

²⁰² ANDRESEN, Teresa (Coord.) – *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian. Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian Serviço de Belas-Artes, 2003, ISBN: 972-678-034-9, p.110

²⁰³ TOSTÕES, Ana (Coord.) – *Fundação Calouste Gulbenkian: Os edifícios*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, ISBN: 972-98728-8-0, p.122

²⁰⁴ *Idem Ibidem*, pp.140-143

²⁰⁵ *Idem Ibidem*, pp.204-208

²⁰⁶ ANDRESEN, Teresa (Coord.) – *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian. Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian Serviço de Belas-Artes, 2003, ISBN: 972-678-034-9, p.110

suas atividades permanentes: Museu Calouste Gulbenkian (um dos museus mais visitados em Portugal), Centro de Arte Moderna, Instituto Gulbenkian de Ciência, Biblioteca de Arte e a Biblioteca da Delegação em França. Todas estas atividades contribuem para o desenvolvimento cultural, social e económico da Fundação e do país, mas também para consolidar e dinamizar o desenvolvimento urbano. (CONSULTAR Nº DE VISITANTES E CUSTOS GERADOS EM 2011 NO ANEXO E, QUADRO 2, 3 E 4)

2.2.3. Uma nova centralidade – EXPO '98, Lisboa

A via ferroviária que atravessava a cidade e a instalação de áreas industriais na parte Oriental da cidade, estenderam-se e ganharam uma nova dimensão ao longo da frente de rio, estabelecendo uma barreira física e visual com o Tejo. De acordo com o estudo realizado por LYNCH, no que se refere às percepções subliminares da sociedade com as áreas portuárias, *“a frente portuária era também, em geral, conhecida e lembrada pela sua actividade específica. Mas o sentido da água era menos claro, dado que ficava oculta por muitas estruturas e a vida até desaparecera das actividades do velho porto. Na sua maioria os inquiridos não conseguiam sequer estabelecer uma relação concreta entre o rio e a zona portuária”*²⁰⁷. Facto semelhante à frente portuária que ia desde Santa Apolónia até ao rio Trancão, anulando por completo a presença do rio Tejo.

O desenvolvimento de Lisboa foi, durante o século XX, conhecido como um *“crescimento de costas voltadas para o rio”*, facto que se acentuou após o planeamento das Avenidas Novas e da inauguração da Avenida da Liberdade, que se estendiam a Norte do concelho. Por consequência, a zona Oriental sempre foi vista como um local desinteressante, onde se aumentavam as indústrias e as atividades poluidoras da cidade (uma *Estação de Tratamento de Águas Residuais* - ETAR, um Aterro Sanitário de Beirolas com 27 hectares, uma Estação de Tratamento de Resíduos Sólidos – ETRS) onde a paisagem sobre o Tejo era aniquilada pela quantidade e dimensionamento de elementos industriais.

Segundo CASTEL-BRANCO, *“quem visitou este local na altura em que dominavam os contentores, os gigantescos cilindros de petróleo e as áreas de vazadouro é inesquecível a angústia de sentimentos divididos entre a qualidade das vistas junto ao Tejo e a degradação de todo o terreno.”*²⁰⁸

O plano de reconversão desta faixa ribeirinha, com uma área de 330 hectares ao longo de toda a zona de intervenção, seria alvo de uma alteração pioneira abrangendo não só a

²⁰⁷ LYNCH, Kevin – *Planification del sitio*, 1980 in RESSANO GARCIA, Pedro – *Os espaços públicos na reconversão da zona da Expo '98*, Revista Lusófona de Arquitectura e Educação, nº4, LabART, Lisboa, 2010, p.117

²⁰⁸ CASTEL-BRANCO, Cristina *et al.* (Coord.) – *O Livro Verde – The Green Book, Expo 98*, Lisboa, Parque Expo 98 S.A., 1998, ISBN: 972-8495-09-9, p.19

cidade como a vasta zona industrial em questão. Durante cinco anos, Lisboa viu um espaço degradado transformar-se numa área de cultura que iria receber a *Exposição Mundial de 1998* (EXPO '98) e em simultâneo preparou todo o terreno para que depois da exposição se obtivesse um núcleo urbano consistente e planeado onde as palavras de ordem eram: *“Reconverter, Reutilizar e Reapropriar”*. Objetivos que se transpareciam na busca de qualidade e conforto na vida da população através de equipamentos culturais, áreas comerciais, zonas habitacionais, espaços públicos e acessibilidade ferroviária. As linhas estratégicas movidas pela experiência do caso de insucesso da Exposição Universal de 1992 (EXPO '92) em Sevilha foram evitadas, pois o objetivo não era apenas construir a EXPO '98, mas também construir uma cidade a pensar no *day after*. Repartida entre o concelho de Lisboa e Loures, a zona de intervenção (a cargo da Sociedade Parque EXPO '98), foi alvo de inúmeros estudos por equipas multidisciplinares de forma a delinear estratégias de intervenção ao longo de cinco quilómetros numa faixa de interface com o Tejo.^{209, 210}

A recuperação de toda a área danificada pela industrialização teria de ser conduzida com a máxima eficácia tendo como base para o sucesso uma abordagem ecológica no tratamento geomorfológico, geológico, do rio Tejo e da evolução da paisagem que se encontravam extremamente alterados.²¹¹

O projeto EXPO '98 foi um processo de extrema importância para o desenvolvimento da imagem da cidade, a vitalidade cultural adquirida trouxe à sociedade um conhecimento e um interesse aprofundado sobre a história, sobretudo ligado aos descobrimentos. A exposição foi subordinada ao tema *“Os Oceanos, Um Património para o Futuro”*, que, tal como nota António Mega FERREIRA, apresenta-se como uma proposta em que Lisboa se desenvolve *“tendo como pano de fundo a consciência dos problemas levantados pela exploração sistemática dos recursos oceânicos a que se assistiu nas últimas décadas, e a necessidade de se encontrar, rapidamente e numa base de solidariedade, soluções que acautelam o equilíbrio global do planeta.”*²¹² Simultaneamente, reconvertendo uma extensa área industrial degradada num espaço novo que potenciaría as qualidades económicas e sociais da cidade. Inaugurada em Maio de 1998, a EXPO '98 afirmou-se como um marco importante de apoio aos grandes eventos culturais e como pólo dinamizador socioeconómico do país. Toda esta

²⁰⁹ CASTEL-BRANCO, Cristina *et al.* (Coord.) – *O Livro Verde – The Green Book, Expo 98*, Lisboa, Parque Expo 98 S.A., 1998, ISBN: 972-8495-09-9, pp.15-19

²¹⁰ FERREIRA, António Mega – *World Expo's: O que vale um tema*, In TRIGUEIROS, Luiz, SAT, Claudio (Ed.) – *Expo '98 Exposição Mundial de Lisboa – Arquitectura*, Lisboa, Editorial Blau, 1998, ISBN: 972-8311-22-2, p. 9-11

²¹¹ CASTEL-BRANCO, Cristina *et al.* (Coord.) – *O Livro Verde – The Green Book, Expo 98*, Lisboa, Parque Expo 98 S.A., 1998, ISBN: 972-8495-09-9, pp.17-19

²¹² FERREIRA, António Mega – *World Expo's: O que vale um tema*, In TRIGUEIROS, Luiz, SAT, Claudio (Ed.) – *Expo '98 Exposição Mundial de Lisboa – Arquitectura*, Lisboa, Editorial Blau, 1998, ISBN: 972-8311-22-2, p. 11

criação em torno das temáticas dos oceanos e dos descobrimentos são coincidentes com as comemorações dos quinhentos anos da chegada à Índia por mar, de Vasco da Gama. O imaginário a que esta Exposição nos transportava, dominava cada metro quadrado do recinto, desde ruas, alamedas, praças, jardins, edifícios, estruturas artísticas, tudo remetia a uma ligação do local real, com o imaginário de uma identidade cultural nacionalista, destacando-se a aderência do país nesta celebração da cultura portuguesa^{213, 214}

O planeamento da Zona de Intervenção da EXPO '98, assim como era denominado, baseava-se nas seguintes premissas: “*revalorização*” face à conectividade que a cidade tem com a bacia do Tejo; “*recuperação*” do ambiente e da paisagem; “*reconversão*” dos seus usos; “*integração*” deste novo espaço no tecido urbano e “*participação*” das suas memórias, de forma a criar um espaço multifuncional que servisse durante a efemeridade da Exposição Mundial e posteriormente se integrasse no tecido da cidade, concebendo estrategicamente um suporte para uma nova centralidade na *Área Metropolitana de Lisboa* (AML).²¹⁵

De um ponto de vista inovador, a Exposição adquire uma dupla perspetiva espacial, reconvertendo a zona Oriental danificada, reabilitando-a, incluindo um conjunto de estruturas permanentes e efémeras de cariz cultural que posteriormente redefiniram este espaço, por meio de construções definitivas (comerciais, serviços e lazer) onde se habita, trabalha e passeia, transformando-o num novo conjunto integrado nas memórias da Exposição e na cidade, posteriormente denominado Parque das Nações.²¹⁶

O caso de Sevilha é, comparativamente a Lisboa, um caso de insucesso onde as marcas de um planeamento insustentável e de desuso do espaço dominaram o antigo recinto da EXPO '92. Neste sentido, Lisboa, optou por seguir o exemplo de Barcelona onde o planeamento foi estruturado e pensado estrategicamente, incluindo a legibilidade, o relacionamento com o rio, o significado temático e a prioridade na construção dos espaços públicos. Estes foram organizados por quatro medidas estratégicas:

1. Limitar o espaço urbano com referências, evitando a criação de barreiras;
2. Valorização da frente ribeirinha e o contacto com o rio;
3. Permitir boa circulação e acessibilidade ao local;
4. Implantar estratégias de arborização, repondo a qualidade ambiental.²¹⁷

²¹³ TRIGUEIROS, Luiz, SAT, Claudio (Ed.) – *Expo '98 Exposição Mundial de Lisboa – Arquitectura*, Lisboa, Editorial Blau, 1998, ISBN: 972-8311-22-2, p.13

²¹⁴ TOUSSAINT, Michel – *O Recinto da Expo '98*, In TRIGUEIROS, Luiz, SAT, Claudio (Ed.) – *Expo '98 Exposição Mundial de Lisboa – Arquitectura*, Lisboa, Editorial Blau, 1998, ISBN: 972-8311-22-2, pp.55-66

²¹⁵ VASSALO, Rosa – *Plano da Zona de Intervenção in EXPO '98, Arquitecturas e Planos*, Lisboa, Parque EXPO '98, S.A., 1996, ISBN: 972-8127-30-8, p.7

²¹⁶ TRIGUEIROS, Luiz, SAT, Claudio (Ed.) – *Expo '98 Exposição Mundial de Lisboa – Arquitectura*, Lisboa, Editorial Blau, 1998, ISBN: 972-8311-22-2, p.14

²¹⁷ CASTEL-BRANCO, Cristina *et al.* (Coord.) – *O Livro Verde – The Green Book, Expo 98*, Lisboa, Parque Expo 98 S.A., 1998, ISBN: 972-8495-09-9, p.33

A dinâmica e monumentalidade dos pavilhões alusivos à temática dos *Oceanos* permitiam uma estruturação e organização equilibrada do espaço entre os vários pavilhões construídos para o efeito. Alguns destes pavilhões mantiveram as mesmas funcionalidades como é o caso do Pavilhão dos Oceanos (hoje denominado de Oceanário de Lisboa) e o Pavilhão da Utopia – Multiusos (que passou a chamar-se Pavilhão Atlântico – Multiusos). Outros pavilhões sofreram alterações, quanto à sua funcionalidade, servindo de exemplo: o Pavilhão do Conhecimento dos Mares que deu lugar ao atual Museu da Ciência Viva; a antiga Área Internacional Norte serve atualmente a Feira Internacional de Lisboa e o Pavilhão do Futuro substituído pelo Casino de Lisboa. Houve casos de realocização de pavilhões, como foi o caso do Pavilhão da água, atualmente situado no Porto e o Pavilhão de Macau, hoje sito no Parque da Cidade de Loures e até mesmo de demolição, como aconteceu com o Pavilhão da Realidade Virtual. As alterações realizadas no antigo recinto da EXPO '98 seguiram critérios claros e objetivos, fomentar a dinamização cultural do atual Parque das Nações era uma das prioridades através da abertura de novos *espaços-âncora*, no seguimento dos pavilhões que se mantiveram no local e na construção de um novo espaço público de lazer, como o Centro Comercial Vasco da Gama, contribuindo atualmente como pólos dinâmicos e atrativos para a cidade de Lisboa.²¹⁸

As obras paisagísticas executadas nesta *Exposição Mundial* seguiram a mesma linha assente no *day after*, outorgando ao espaço um valor único. Com o passar do tempo e apesar de algumas mudanças terem sido feitas (remoção de estruturas e alteração de usos e nomes) o jardim mantém-se com a mesma identidade apenas com as marcas expressas de um tempo que passou e que esculpiu a sua forma. Neste sentido, foram construídos os Jardins Garcia de Orta, numa estrutura retilínea paralela ao eixo da frente ribeirinha, reproduzindo uma diversidade de áreas fito-climáticas, correspondentes a seis zonas diferentes do globo. Nesta curta viagem é possível sentir, tocar e visualizar as marcas dos seguintes locais: Jardim de Timor; Jardim de Coloane; Jardim de Goa; Jardim de S. Tomé e Príncipe e Brasil; Jardim da Macaronésia e Cabo Verde e finalmente o Jardim da África, através de uma vasta gama de plantas originárias dos próprios países.²¹⁹

Planeou-se, assim, aquela que viria a ser a nova centralidade na AML, provida de uma vasta rede de transportes nacionais e internacionais, composta: pela estação ferroviária (Estação do Oriente) associada à central de camionagem, estação de metro, por novas vias rodoviárias, criando rápidos acessos com o aeroporto e com a nova entrada na cidade, ou seja, todo um conjunto de fatores que tiveram um papel preponderante e de ancoragem

²¹⁸ MACHADO, Aquilino – *Os espaços Públicos da Exposição do Mundo Português e da Expo '98*, Lisboa, Parque EXPO '98, S.A., 2006, ISBN: 972-8106-35-1, p.109

²¹⁹ *Idem Ibidem*, pp.96-98

para este projeto, contando ainda com a abertura da Ponte Vasco da Gama, inaugurada também em 1998.²²⁰

Fazendo um paralelismo entre a exposição de 1940 e 1998, ambas destacam-se pela forte temática envolvida que, apesar de se inserirem em contextos políticos diferentes, comemoraram a história que marca uma nação. Estas manifestações serviram, não só como uma valorização e confiança nacional, mas também, como uma afirmação internacional quanto ao posicionamento de Portugal face ao mundo, através de uma reconstrução identitária e cultural.

Em suma, os três casos de estudo analisados, refletem o desenvolvimento de esforços com vista a introduzir elementos prioritários para a conceção de pólos culturais que dinamizem a cidade, tal como aconteceu em Bilbao, levando-nos a considerar o sucesso da sua implementação. Todavia, após o entendimento aprofundado sobre o surgimento de cada um deles e, embora haja características que diferem, é possível delinear um conjunto de fatores coincidentes entre si, a sua centralidade e dinâmica. Desta forma, a cidade encara agora uma nova visão do uso da cultura que, pelas suas estratégias de dinamização cultural, contribuem para alavancar o desenvolvimento urbano – a preservação e valorização da história e das memórias de um povo, representado pela imponente de vários monumentos na zona Ocidental da cidade, a diversidade de atividades culturais temporárias e permanentes e a possibilidade de usufruir de um espaço público de qualidade, quer arquitetónica, quer paisagística (Fundação Calouste Gulbenkian) e por fim a acessibilidade a um novo espaço urbano, dotado de uma multiplicidade de equipamentos culturais, de serviços e de lazer ao dispor da população.

²²⁰ TOUSSAINT, Michel – *O Recinto da Expo '98*, In TRIGUEIROS, Luiz, SAT, Claudio (Ed.) – *Expo '98 Exposição Mundial de Lisboa – Arquitectura*, Lisboa, Editorial Blau, 1998, ISBN: 972-8311-22-2, pp.55-56

CAPÍTULO III. CASO DE ESTUDO – ALCOCHETE

3.1. ENQUADRAMENTO

O concelho de Alcochete enquadra-se num dos dezoito municípios da Área Metropolitana de Lisboa, integrada na sub-região da Península de Setúbal. Preenche atualmente uma área de 128.5 km² e conta com 17.569 habitantes, segundo dados do *Instituto Nacional de Estatística* (INE) referente a 2011. É constituído por três freguesias: Alcochete, Samouco e São Francisco, sendo que, a maior proporção em termos de área e de habitantes concentra-se na freguesia de Alcochete. Samouco e São Francisco situam-se a Oeste do concelho e dão lugar a dois pequenos aglomerados. Esta parcela de território é confinada pelos concelhos do Montijo, Palmela e Benavente (Lezíria do Tejo).^{221, 222} (CONSULTAR ANEXO F, FIGURA 9) A proximidade da *Reserva Natural do Estuário do Tejo* (RNET) com Alcochete contribui para o seu enriquecimento paisagístico, sendo a RNET considerada a maior zona húmida do país e uma das mais importantes da Europa, reconhecida, igualmente, pelas múltiplas espécies de animais que acolhe durante todo o ano.

Alcochete e Montijo ganharam novas dinâmicas no seu desenvolvimento urbano, após a construção da Ponte Vasco da Gama (inaugurada em 1998), que beneficiou expressivamente não só a circulação entre ambas as margens do rio Tejo, como o relacionamento rodoviário num contexto regional e nacional. A construção de novos troços viários ao longo da Península de Setúbal permitiu melhor flexibilidade na deslocação entre os concelhos, favorecendo um desenvolvimento significativo nos padrões de ocupação territorial. Neste sentido, Alcochete foi um dos concelhos que mais evoluiu após a construção destas infraestruturas, vendo o seu índice de crescimento populacional aumentando em cerca de 28% num espaço de dez anos (2001-2011). A construção de novos acessos em Alcochete traduziram-se numa alavanca para a sua economia, retornando aos mercados, através de uma expansão da indústria, nomeadamente nos setores ligadas à cortiça e ao alumínio.^{223, 224}

²²¹ INE – Instituto Nacional de Estatística, IP – Portugal [em linha], Lisboa: SLP, 2013 – [Consult. 12 Set. 2013], Disponível na WWW: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros />.

²²² CM-ALCOCHETE – Câmara Municipal de Alcochete [em linha], Alcochete: SLP, 2013 – [Consult. 13 Set. 2013], Disponível na WWW: <URL: http://www.cm-alcochete.pt/pt/?wbc_purpose=Basic >.

²²³ CM-ALCOCHETE – Câmara Municipal de Alcochete [em linha], Alcochete: SLP, 2013 – [Consult. 13 Set. 2013], Disponível na WWW: <URL: http://www.cm-alcochete.pt/pt/?wbc_purpose=Basic >.

²²⁴ GRAÇA, Luís Maria – *Edifícios e monumentos notáveis do concelho de Alcochete*, Lisboa, Edição Elo, 1998, ISBN: 972-9181-50-0, pp.9-10

3.2. HISTÓRIA

A sua localização privilegiada proporciona uma riqueza inigualável no contacto com a bacia do Tejo, permitindo facilmente a apropriação das suas terras pelo Homem. Os diversos vestígios arqueológicos encontrados em Alcochete denunciam a presença humana desde o Paleolítico Inferior e Médio, contudo, as marcas de um povoamento do século I a VIII confirmam a permanência dos romanos. O registo mais significativo foi encontrado na Herdade do Rio Frio, denominado de “*Porto dos Cacos*”, situado junto a uma linha de água, onde as formações geológicas são dominadas por areias dunares. A passagem dos romanos deixaram em Alcochete um autêntico complexo industrial composto por fornos, por um alinhamento de ânforas²²⁵ e por uma necrópole.²²⁶

O topónimo “*Alcochete*” significa “*forno*” em árabe e remete precisamente para os fornos romanos (o domínio muçulmano surge após a passagem dos romanos), justificando-se pelo facto dos árabes terem dominado parte da zona da Península de Setúbal, servindo-se de Alcochete como fortaleza. Com a reconquista de D. Afonso Henriques no século XII Alcochete passa a ser domínio da Ordem de Santiago, aquando da integração a “*Riba Tejo*”.²²⁷

Já na época dos Descobrimentos, Alcochete era local de referência para o aposento da corte, as atratividades ao ar livre, como as caçadas, faziam deste lugar um espaço de eleição, elevando o número da população com o estabelecimento do Infante D. Fernando, irmão do Rei D. Afonso V e pai do futuro monarca D. Manuel I, que viera a nascer em terras alcochetanas em 1469, concedendo-lhe mais tarde uma “*Carta Foral*”.²²⁸

A proximidade com o rio originou várias atividades que marcaram a economia noutros tempos, tal como afirma Luís Maria GRAÇA “*o sal que se obtinha das muitas marinhas que bordejavam o litoral alcochetano, a azáfama moageira proporcionada pelos seus moinhos ribeirinhos, constituíam a principal oferta económica, facilmente escoada, dada a proximidade fronteira do mercado lisboeta. Por isso, também, uma actividade de carpintaria ligada aos estaleiros de fragatas e faluas [...] só na segunda metade do século XX, uma política de descentralização industrial faz com que aqui se estabeleçam indústrias novas,*

²²⁵ Utilizadas no transporte de *Garum*, “*Molho ou condimento fabricado pelos romanos (séc. I a IV d. C.), que tinha por base restos de peixe, ovas, ostras e outros mariscos, macerados em sal, a que adicionavam ervas aromáticas e que, ao atingir uma consistência colóide ou líquida, era embalado em ânforas e exportado para os mercados dos consumidores do Mediterrâneo.*” – Vide ANTUNES DIAS, A. MARQUES, J.M.S. – *Estuários. Estuário do Tejo: o seu valor e um pouco da sua história*, Setúbal, Corlito, 1999, ISBN: 972-8083-34-3, p.99

²²⁶ SILVA, Francisco (Conc. e dir.) – *Alcochete, um passeio à Beira-Tejo*, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete(Ed.), 2007, ISBN: 978-972-9217-38-8, pp.12-16

²²⁷ *Idem Ibidem*, p. 11

²²⁸ GRAÇA, Luís Maria – *Edifícios e monumentos notáveis do concelho de Alcochete*, Lisboa, Edição Elo, 1998, ISBN: 972-9181-50-0, p.10

*como pneus, laminagem de alumínio e embalagens metálicas, a par da seca do bacalhau e granulados de cortiça.*²²⁹

A partir da construção da segunda travessia sobre o Tejo, Alcochete ganhou novas dinâmicas no desenvolvimento económico e social do concelho, afirmando-se como uma nova centralidade na AML. Contudo, Alcochete apresenta-se até aos dias de hoje como local fiel às suas origens históricas, conferindo uma ligação importante na prática tauromáquica onde os protagonistas (campinos e forcados) abrilhantam os eventos ocorridos anualmente. O forte tradicionalismo do concelho alcochetano é evidenciado ao longo das suas ruas, praças e largos por monumentos e simbologias alusivas às suas tradições.^{230, 231}

3.3. CARACTERIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

A presença humana na paisagem representa hoje uma história de relações. Atribuindo-nos, como população e como intervenientes na modificação do espaço, a responsabilidade de proteger e valorizar as suas heranças adquiridas pela história de um povo e de uma nação. A beleza paisagística caracterizada pela “*Varanda do Tejo*”²³², aliada à diversidade de monumentos que ilustram e compõem a vila alcochetana, perfazem um quadro patrimonial composto por: um Monumento Nacional (MN), dois Imóveis de Interesse Público (IIP), uma estrutura de Interesse Municipal (IM) e um Sítio de Interesse Público (SIP). Existindo igualmente várias estruturas arquitetónicas de estilo erudito e popular, ao longo de todo o concelho. Neste sentido, são apresentados todos os imóveis classificados, de acordo com a lista de classificação do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR), bem como todos os outros, cujo seu interesse seja relevante para o concelho.

3.3.1. Património classificado

A riqueza histórica do concelho reproduz hoje um símbolo de memórias, através de legados arquitetónicos que compõem e identificam a vila e o país, merecendo por parte do IGESPAR, a seguinte classificação: a Igreja São João Batista ou Igreja Matriz como MN; a Igreja da Misericórdia de Alcochete e a Capela da Nossa Senhora da Vida como IIP; o

²²⁹ GRAÇA, Luís Maria – *Edifícios e monumentos notáveis do concelho de Alcochete*, Lisboa, Edição Elo, 1998, ISBN: 972-9181-50-0, p.10

²³⁰ *Idem Ibidem*, p.11

²³¹ CM-ALCOCHETE – Câmara Municipal de Alcochete [em linha], Alcochete: SLP, 2013 – [Consult. 13 Set. 2013], Disponível na WWW: <URL: http://www.cm-alcochete.pt/pt?wbc_purpose=Basic >.

²³² NUNES, Luiz Santos – *Vila de Alcochete e seu concelho*, Lisboa, Silvas C.T.G., S.L.: D.L. 1993, p.119

Pórtico do Antigo Convento de São Francisco como IM e a Olaria Romana do Porto dos Cacos como SIP.²³³ (CONSULTAR ANEXO F, QUADROS 5, 6, 7 E 8 E ANEXO H, FIGURA 10, 11, 12, 13 E 14)

3.3.2. Outros elementos históricos com interesse

São vários os elementos históricos com interesse em Alcochete e, embora não sejam classificados, contribuem para estrutura e identidade do concelho. A leitura geral do património do local em estudo permitirá a sua valorização cultural, apoiada na revisão bibliográfica apresentada nos primeiros capítulos desta dissertação. Desta forma, é apresentada em anexo uma lista do património arquitetónico, baseada na análise do *Plano Diretor Municipal* (PDM) de Alcochete, onde se pode encontrar um vasto número de edifícios e estruturas arquitetónicas de estilo religioso, civil privado e público, industrial e estruturas de apoio. (CONSULTAR ANEXO G)

3.3.3. As salinas de Alcochete

Localizada nas margens do rio Tejo, a indústria das salinas ou marinhas marcaram desde épocas muito distantes a atividade económica de Alcochete, conquistando os mercados nacionais e internacionais. Com registos desde o século XIV, as marinhas de Alcochete expandiram rapidamente ao longo das margens do rio devido à elevada procura de sal dentro e fora do país, assumindo-se de extrema utilidade na salga do bacalhau. A partir da década de 70, com a evolução das técnicas de produção e conservação (principalmente do bacalhau), a produção de sal entra em declínio, registando-se uma diminuição na área salineira. Apesar deste decréscimo (agravado posteriormente com a construção da Ponte Vasco da Gama), existem atualmente as Salinas da Fundação João Gonçalves Brito em Alcochete e o Complexo de Salinas de Samouco, que funcionam permanentemente. Esta contribui para a valorização do património cultural, natural e histórico que as salinas têm no concelho de Alcochete e consequentemente a necessidade da sua preservação e conservação. Além dos valores patrimoniais a arte da salinicultura, detém valiosas funções ecológicas ligadas aos habitats da avifauna aquática. Os diferentes níveis da água proporcionam o aparecimento de uma variedade de ecossistemas, possibilitando suportar e manter a grande diversidade de espécies da avifauna protegidas por Diretrizes e Convenções internacionais, que aqui nidificam, alimentam e refugiam. Também a proximidade com a área protegida da RNET proporciona a esta comunidade de aves

²³³ IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico – Portugal [em linha], Lisboa: SLP, 2013 – [Consult. 16 Dez. 2013], Disponível na WWW: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71170/>>.

aquáticas um local de eleição para o seu abrigo, proporcionando aos seus visitantes uma beleza natural inigualável e simultaneamente o fortalecimento da identidade da região e do país.^{234, 235}

3.3.4. Costumes e tradições

Um pouco por todo o país as tradições e os costumes são símbolos que nos referenciam dentro e fora do país, Alcochete não é exceção, distinguindo-se através de uma multiplicidade de usos e tradições representativas do concelho. Das festas religiosas às festividades dedicadas aos profissionais que mais caracterizam o concelho (*campino, forçado e salineiro*), passando pela gastronomia e pelas suas típicas embarcações, o povo alcochetano possui assim um espólio tradicional culturalmente rico e digno de ser preservado e divulgado.²³⁶

A tradição em torno das festividades religiosas são ainda hoje eventos muito procurados, na hora da procissão, assinalada pela devoção marítima de um povo sustentado outrora pelo mar, que tem perdurado até aos dias de hoje, com a procissão de Nossa Senhora da Vida, onde a imagem da Nossa Senhora chega pelo rio numa embarcação tradicional. Desde 1941 que é festejado anualmente as *Festas do Barrete Verde e das Salinas* em homenagem àqueles que contribuíram para a afirmação desta identidade local – *campino, forçado e salineiro*. Sendo este um dos eventos mais festejados no concelho, é caracterizado pela sua autenticidade e pela forma excecional como é vivida e apreciada pelos seus conterrâneos e visitantes. Anualmente as *Festas do Barrete Verde e das Salinas*, contam com milhares de turistas que se deslocam propositadamente durante a segunda semana de Agosto, contribuindo não só para um aumento significativo da economia local (principalmente no ramo hoteleiro), como para a divulgação das festividades alcochetanas pelo país e o mundo.^{237, 238}

A presença dos aficionados nesta tipologia festiva é imediata e eterna, passando o seu testemunho de geração em geração. Da mesma forma como se pretende valorizar e preservar a continuidade das *Festas do Barrete Verde e das Salinas*, organizadas pela *Sede do Aposento do Barrete Verde*, fundada em 1944, com o objetivo de garantir a realização

²³⁴ SILVA, Francisco (Conc. e dir.) – *Alcochete, um passeio à Beira-Tejo*, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete(Ed.), 2007, ISBN: 978-972-9217-38-8, pp.15-16

²³⁵ ANTUNES DIAS, A. MARQUES, J.M.S. – *Estuários. Estuário do Tejo: o seu valor e um pouco da sua história*, Setúbal, Corlito, 1999, ISBN: 972-8083-34-3, p.99

²³⁶ SILVA, Francisco (Conc. e dir.) – *Alcochete, um passeio à Beira-Tejo*, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete(Ed.), 2007, ISBN: 978-972-9217-38-8, p.62

²³⁷ *Idem Ibidem*, p.62

²³⁸ GRAÇA, Luís Maria – *As Festas do Barrete Verde das Salinas em Alcochete*, Lisboa, Edição Elo, 1998, ISBN: 972-9181-53-5, pp.123-126

destas festividades anuais que vieram substituir a festa dedicada à Nossa Senhora da Vida, embora se mantenha a procissão. Esta tradição enche as ruas e os largos da vila para ver a festa brava a passar, honrando a identidade de um povo com fortes ligações tradicionais, realçando a necessidade de dinamizar a continuidade destas festas, junto da comunidade mais jovem e dos novos residentes que na sua maioria desconhecem os costumes e as tradições de Alcochete.^{239, 240}

Também a gastronomia tradicional da região faz as delícias de quem visita Alcochete para provar as suas iguarias, enriquecida pela proximidade do rio Tejo que proporciona diversas especialidades de peixe fresco. Na doçaria, também são várias as especialidades alcochetanas, destacando-se as fogaças que, não obstante a sua longa existência, mantiveram a qualidade.²⁴¹

3.3.5. Estratégias culturais existentes

A preocupação das entidades locais quanto à recuperação e valorização do património cultural do concelho, tem sido um assunto pertinente e que tem conduzido ao sucesso do vasto levantamento cultural e natural da região, levando à realização de diversas intervenções ao longo de 20 anos. Em 1988 abre as portas o primeiro núcleo do Museu Municipal de Alcochete (inserido na Rede Portuguesa de Museus), que, por sua vez, se divide em três núcleos diferentes: o Núcleo da Sede; o Núcleo da Arte Sacra e o Núcleo do Sal.

Núcleo da Sede – Podemos encontrar uma exposição permanente, que apresenta vestígios que marcaram a ocupação romana neste território, através de vestígios arqueológicos, bem como diversos objetos ligados às mais antigas atividades tradicionais alcochetanas: a salinicultura, as pescas, as embarcações tradicionais, a agricultura e as festividades populares, representado através de um pequeno espólio os costumes da terra.²⁴²

Núcleo da Arte Sacra – Destina-se à representação religiosa, inserida na Igreja da Misericórdia onde estão expostas diversas obras de pintura, escultura, ourivesaria e documentos relativos à história da Misericórdia de Alcochete. Ambos os núcleos estão localizados na freguesia de Alcochete, disponibilizando aos visitantes a possibilidade de

²³⁹ SILVA, Francisco (Conc. e dir.) – *Alcochete, um passeio à Beira-Tejo*, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete(Ed.), 2007, ISBN: 978-972-9217-38-8, p.62

²⁴⁰ GRAÇA, Luís Maria – *As Festas do Barrete Verde das Salinas em Alcochete*, Lisboa, Edição Elo, 1998, ISBN: 972-9181-53-5, pp.123-126

²⁴¹ CM-ALCOCHETE – Câmara Municipal de Alcochete [em linha], Alcochete: SLP, 2013 – [Consult. 15 Jan. 2014], Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-alcochete.pt/pt/contedos/areas+interesse/turismo/gastronomia/> >.

²⁴² SILVA, Francisco (Conc. e dir.) – *Alcochete, um passeio à Beira-Tejo*, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete(Ed.), 2007, ISBN: 978-972-9217-38-8, p.67

adquirir um bilhete conjunto de acesso aos dois núcleos museológicos ou apenas num. Atualmente, devido às obras de requalificação ribeirinha, o Núcleo de Arte Sacra encontra-se encerrado dada à dificuldade de acesso.²⁴³

Núcleo do Sal – É condicionado e abre ao público apenas nos meses de verão, encontrando-se sujeita a marcação prévia. Localizado na Casa da Marinha da salina do Brito (a única que ainda se encontra atualmente a funcionar na freguesia de Alcochete), é possível observar não só os antigos engenhos utilizados na extração do sal mas também os processos atuais da sua produção.²⁴⁴

O contributo da Sede do Aposento do Barrete Verde tem sido uma mais-valia na dinamização cultural de Alcochete, não só através da organização das festas mas também pela criação de uma exposição permanente, designada de Museu Taurino onde é possível visitar um pequeno espólio alusivo à festa brava do concelho, composto por trajes, fotografias e objetos emblemáticos da tauromaquia, assim como duas salas dedicadas a duas figuras emblemáticas: o cavaleiro e o salineiro.²⁴⁵

Mais recentemente, em 2005, foi inaugurado um novo pólo cultural, administrado pela CMA, apresentado como Fórum Cultural de Alcochete. Este espaço, inserido num edifício novo e moderno organizado em dois pisos junto à Praia dos Moinhos, destina-se a uma vasta oferta cultural, composta pelos seguintes espaços: um auditório (com capacidade para 374 pessoas e apta para receber congressos, conferências, espetáculos artísticos passando pela música, a dança, o teatro, etc.), uma sala polivalente (destinada a exposições efémeras), quatro salas de ensaio (para reuniões, acções de formação, etc.), uma cafetaria, instalações sanitárias, balneários e camarins. No primeiro piso, conta ainda com mais salas de ensaio e de tradução; a régie e os gabinetes destinados à coordenação do espaço.

Ao longo da sua existência foram vários os eventos que por aqui passaram, contribuindo para o desenvolvimento desta prática cultural no concelho, estimulando a aderência da população a este tipo de iniciativas, através do “*cartão amigo do fórum*” que pretende proporcionar ao titular do cartão um conjunto de benefícios entre os quais: promoções mensais especiais, oferta de bilhetes (após aquisição de cinco bilhetes), acesso privilegiado à informação dos eventos a decorrer mensalmente, entre outros. Para além desta oferta, o Fórum Cultural de Alcochete proporciona também uma ligação ao serviço educativo das

²⁴³ SILVA, Francisco (Conc. e dir.) – *Alcochete, um passeio à Beira-Tejo*, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete(Ed.), 2007, ISBN: 978-972-9217-38-8, p.42

²⁴⁴ *Idem Ibidem*, p.21

²⁴⁵ *Idem Ibidem*, p.62

escolas concelhias de forma a promover o desempenho artístico e cultural no seio da comunidade jovem.²⁴⁶

Desde a sua abertura, em 2005, que o número de visitantes aumenta gradualmente, podendo se constatar, que em 2010 foi o ano que atingiu o pico máximo do número de visitantes até a atualidade, com 35.247.²⁴⁷ (CONSULTAR ANEXO J, QUADRO 11)

Numa parceria entre a CMA, o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas e o Freeport Outlet, nasce em 2008 em plena Reserva Natural do Estuário do Tejo (RNET), o Pólo de Animação Ambiental do Sítio das Hortas dedicado à educação ambiental e ao desenvolvimento sustentável. Este projeto divide-se em duas áreas, designadas de Sítio das Hortas e o Pinhal das Areias, onde se pretende sensibilizar a comunidade jovem a valorizar os recursos naturais e a preservar o ambiente. A possibilidade de usufruir de uma diversidade de atividades ligadas à natureza e à preservação ambiental (passeios pedestres de bicicleta, fotografia, jogos tradicionais, observação da natureza, hortas pedagógicas, entre outros), enriquece os conhecimentos dos seus visitantes e desenvolve uma consciência crítica em relação ao ambiente.²⁴⁸

²⁴⁶ CM-ALCOCHETE – Câmara Municipal de Alcochete [em linha], Alcochete: SLP, 2013 – [Consult. 08 Jan. 2014], Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-alcochete.pt/pt/conteudos/areas+interesse/cultura/equipamentos/>>.

²⁴⁷ Dados cedidos pela Câmara Municipal de Alcochete em Janeiro de 2014.

²⁴⁸ CM-ALCOCHETE – Câmara Municipal de Alcochete [em linha], Alcochete: SLP, 2013 – [Consult. 21 Jan. 2014], Disponível na WWW: <URL: <http://www.cm-alcochete.pt/pt/conteudos/areas+interesse/patrimonio+natural/polohortas/>>.

CAPÍTULO IV. PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL EM ALCOCHETE

Alcochete é uma vila de histórias e tradições, marcada nas memórias de um povo desde sempre ligado às atividades da terra e do rio. São essas atividades, ligadas à agricultura, às salinas (outroa ligada às pescas), às tradições religiosas e tauromáquicas que nos transportam para uma dimensão onde a simbologia e a identidade do local necessitam de maior atenção, para garantir mais atratividade nas suas visitas aos monumentos, costumes/tradições e aos núcleos culturais, já elencados no capítulo III.

Os valores obtidos da CMA para o uso dos núcleos culturais, estão muito abaixo daquilo que poderiam estar. Por um lado, falta divulgação, por outro, faltam bons acessos e formas novas de criar um pacote atrativo. Comparando com o Museu Calouste Gulbenkian, que embora seja de grande notoriedade nacional e internacional, pelo seu valor cultural e artístico e pela sua localização, serve para conhecer o número de visitantes anuais de 2011 que foi de 1.238.133. O número de visitantes do Museu Municipal de Alcochete é de 2.243 visitantes anuais. Destacamos a diferença de escalas regionais onde os diferentes museus se inserem, mas serve de exemplo para verificar que a oferta cultural disponível em Alcochete está muito abaixo do seu potencial. Falta também a divulgação do museu que é uma forma de cativar visitantes.

4.1. COMO ATRAIR OS VISITANTES

A iniciativa de valorização e dinamização cultural do concelho tem vindo a ser feita, no entanto é necessário adotar novos meios de divulgação turística, de forma a atrair um maior número de visitantes às estruturas culturais já implementadas no concelho. No seguimento dos casos de estudo de sucesso e da revisão bibliográfica, identificamos pontos fracos quanto à acessibilidade e à criatividade para pôr a cultura na agenda.

Colocam-se várias questões quando pensamos em aumentar a atratividade de Alcochete: *Qual a oferta cultural de interesse e original em Alcochete? Que tipo de atratividades procuram os visitantes? Que tipo de esforços são usados para atrair os visitantes?* Para responder a estas questões foi elaborado um quadro que se encontra em anexo. (CONSULTAR ANEXO I, QUADRO 9)

4.2. FORMA DE ATRAIR A POPULAÇÃO LOCAL

Estimular o interesse da população local, tanto na dinamização cultural do concelho como na visita aos seus núcleos, é um fator muito importante para o desenvolvimento do projeto. A cooperação da população e a adesão às propostas do município é essencial. A população é então envolvida na apresentação das artes tradicionais, nos espetáculos de tauromaquia, nas festas religiosas e na gastronomia. As festas anuais que acontecem ao longo das ruas e praças são já uma prova dessa adesão, pretendendo incentivar a população para a realização de feiras, tornando-as mais frequentes, como por exemplo: feiras mensais durante os meses secos seria uma forma de atração. Assim, teriam a oportunidade de divulgar e apresentar o espólio de tradições e saberes da terra, onde os comerciantes locais, os artesãos, os salineiros, os campinos, os forcados e os pescadores poderão apresentar ao público aquilo que melhor caracteriza e simboliza a vila, como contributo da população.

São vários os produtos que poderiam ser vendidos e expostos nestas feiras, nomeadamente: trabalhos alusivos ao mundo marítimo, como as típicas miniaturas das embarcações do Tejo, objetos realizados em cascas de ostras, instrumentos musicais (guitarras, violas e cavaquinhos)²⁴⁹ e a presença dos artesãos a produzirem estes objetos seria essencial para atrair a curiosidade dos visitantes. Do ponto de vista da restauração, as feiras seriam uma forma de valorizar as iguarias gastronómicas típicas de Alcochete, servindo de exemplo a diversidade de pratos de peixe fresco e as típicas fogaças da região. Toda esta dinamização das feiras tem que ser acompanhada de uma oferta de marketing e divulgação. No entanto, os dois fatores culturais mais fortes e identitários em Alcochete, as salinas e a tauromaquia, não necessitam ser divulgados, por se tratar de uma tradição cultural da vila.

4.3. FORMA DE ATRAIR A POPULAÇÃO REGIONAL E NACIONAL

Os produtos a oferecer são os mesmos que foram mencionados para a população local, mas a divulgação e coocorrência de eventos, parece ser um ponto-chave para aumentar a atração de Alcochete à população regional e nacional. Ou seja, quando há touradas podia, também, aproveitar-se a data para organizar feiras ou mesmo visitas às salinas, através de pacotes turísticos, que se afirmaram de sucesso noutras cidades, como Avignon. Por

²⁴⁹ CM-ALCOCHETE – Câmara Municipal de Alcochete [em linha], Alcochete: SLP, 2013 – [Consult. 22 Jan. 2014], Disponível na WWW: <URL: http://www.cm-alcochete.pt/pt/conteudos/areas+interesse/turismo/artesanato_do%C3%A7aria/>.

exemplo, oferecer um pacote turístico onde os visitantes têm a possibilidade de visitar as salinas na parte da manhã, almoçar em Alcochete, assistir ao espetáculo tauromáquico e por fim adquirir produtos artesanais nas feiras, iria enriquecer a atração cultural, turística e económica local.

A ativação da economia local que se refere GEDDES quando defende *“que a estrutura primária da matriz urbana é definida pelos parques, jardins e instituições de cultura”*²⁵⁰, parece poder aqui aplicar-se quando se admite a capacidade que os núcleos culturais têm, em determinar o aumento da vitalidade urbana. De facto a economia local (restaurantes, artesanato, museus, feiras, etc.) é estimulada pela qualidade e o sucesso financeiro destas iniciativas culturais. Françoise CHOAY afirma também que estas iniciativas levam à fixação da população e consequente crescimento urbano, com base no património a *“mundialização dos valores e das referências ocidentais contribuiu para a expansão ecuménica das práticas patrimoniais.”*²⁵¹

4.4. PROPOSTA

Após a análise histórica e cultural do concelho, onde foi exposto por diversas vezes a importância patrimonial do seu conjunto material e imaterial, remetemos agora para o objetivo central desta dissertação, baseada nos casos de estudo analisados e na revisão bibliográfica, sobretudo nas teorias de planeamento urbano de Patrick GEDDES (analisado no Capítulo I). GEDDES observa a cidade como um sistema dinâmico, possível de ser estudado em conformidade com as alterações sociais e ambientais de uma cidade em evolução, baseando-se no conceito de *“região-natural”*, onde defende que qualquer planeamento só é passível de se realizar após a análise e conhecimento da região, realçando a importância nos entendimentos históricos, sociais e geográficos de cada região, para melhor entender a identidade do local, incorporando a sua história num crescimento onde a presença cultural permanece. Assim como, nos diferentes casos de estudo analisados, onde foi possível adaptar alguns exemplos ao problema de dinamização cultural de Alcochete.

Atrair a população internacional é uma ação mais complexa que as anteriores, que será analisada dentro desta proposta. Desta forma, procurou-se criar uma tríade semelhante à de Avignon aplicada em Alcochete – **Museu, Paisagem e Arte** – onde os três temas se unem na divulgação do património existente e produzem a sua própria vertente turística através da

²⁵⁰ STEINITZ, Carl, CASTEL-BRANCO, Cristina - *ArchiNews, Arquitetura Paisagista e Ecologia Urbana*, Revista de Arquitetura, Urbanismo, Interiores e Design, Edição Especial 01, Edição Argumentum, Lisboa, 2011, p 27

²⁵¹ CHOAY, Françoise - *A Alegoria do Património*, 10ª ed., Lisboa, Edições 70, 2006, ISBN: 972-44-1205-9, p.183

criação de programas bem organizados para conquistar o interesse do público, pagando para o efeito um único bilhete.

O sistema de *bilhete único* foi analisado no caso de estudo de Avignon, onde permite ao turista visitar um vasto percurso cultural aliado ao património material e imaterial que Alcochete tem para oferecer. Este bilhete revela-se uma mais-valia na divulgação das alternativas culturais atualmente expostas pelo município, que pela sua baixa procura, quer no número de visitantes do Museu Municipal, quer do Fórum Cultural (CONSULTAR ANEXO J, QUADRO 10 E 11), fica abaixo do crescimento que poderia ter com a implementação deste *bilhete único*.

Ora, a implementação de uma rota turística em Alcochete seria a melhor forma de unificar as temáticas acima descritas, partindo da divulgação do conjunto de património histórico, cultural e tradicional. É proposto um percurso (auxiliado por um comboio turístico), através de ruas, praças, largos e jardins, complementado por um passeio de barco, onde os visitantes têm a possibilidade de usufruir de uma viagem nas tradicionais embarcações, da qual é exemplo o Bote “Leão”, atualmente restaurado pelo município e em funcionamento para fins turísticos, culturais e históricos. O Pontão de Alcochete observa-se como uma excelente porta de entrada e de saída da vila, destinando-se ao ancoramento desta embarcação, possibilitando que esta rota tenha início a partir do centro da vila. No seguimento do itinerário cultural é possível visitar:

1. Igreja Matriz/Igreja de São João Batista;
2. Capela de Nossa Senhora da Vida;
3. Igreja da Misericórdia de Alcochete;
4. Fragmento do Pelourinho de Alcochete (Núcleo da Sede);
5. Museu Municipal – Núcleo da Sede;
6. Museu Municipal – Núcleo da Arte Sacra;
7. Museu Municipal – Núcleo do Sal (possível localização);
8. Aposento do Barrete Verde – Museu Taurino;
9. Praça de Touros;
10. Biblioteca de Alcochete;
11. Fórum Cultural de Alcochete;
12. Salinas;
13. Pólo de Animação Ambiental do Sítio das Hortas. (CONSULTAR ROTEIRO NO ANEXO L, FIGURA 18 E 19)

A ligação com o rio Tejo é um fator essencial no aumento de atratividade turística à vila, proporcionando novos acessos através de passeios de barco entre Lisboa, contribuindo para a diversificação da oferta turística com a capital, mas também com o Montijo, a Moita, o Barreiro e Almada, estabelecendo o contacto turístico concelhio. Estes passeios pelo rio

pretendem de algum modo preservar as tradições marítimas características do povo alcochetano, proporcionando não só o encontro entre a cultura, a história e a paisagem natural, mas também a promoção do património local dos concelhos mencionados e o desenvolvimento económico da região. (CONSULTAR ANEXO K, FIGURA 17)

Outro ponto importante no desenvolvimento desta proposta centra-se no método como é exposto o Núcleo do Sal do Museu Municipal. A sazonalidade da sua exposição condiciona o efeito contínuo que é oferecido aos visitantes nos restantes núcleos museológicos, propondo algumas alterações em determinados critérios de organização, contrariando a sazonalidade do Núcleo do Sal, a necessidade de marcação prévia e a escassa informação nos meses em que se encontra encerrado.

Assim, novos métodos de apresentação do Núcleo do Sal são, igualmente, propostos de forma a garantir aos turistas a possibilidade de visitar permanentemente os três núcleos enunciados pelo Museu Municipal através de um espaço físico diferente, uma vez que a atual localização da Casa da Marinha não permite a continuidade da exposição, não só pelo alagamento das marinhas nos meses de frio, mas também pelo excesso de humidade e salinidade que deterioram os objetos expostos. Desta forma, seria essencial a realocização do Núcleo do Sal para um possível edifício concelhio, central, que permitisse aos visitantes deslocarem-se facilmente entre os três núcleos museológicos. Uma vez afastados das salinas, seria importante adotar novos métodos de apresentação e interpretação da exposição, auxiliados por vídeos, sons, imagens, textos, simulações e testemunhos orais (de antigos salineiros), proporcionando aos visitantes uma viagem semelhante àquela que Patrick GEDDES pretendeu transmitir no seu museu da cidade – *Outlook Tower*, “*pelo efeito de harmonização da impressionante paisagem, próxima e distante*”²⁵². As mesmas palavras que descreve o sentimento do visitante ao percorrer a exposição dedicada às salinas, garantindo assim que um dos temas mais marcantes da história de Alcochete e com grande potencial turístico, não perca a sua continuidade e seja exposta durante todo o ano.

A necessidade de aumentar o número de visitantes do Fórum Cultural de Alcochete, remete-nos para uma proposta ligada à promoção de encontros científicos, apresentando-se como forma de estimular uma tipologia de turismo direcionada à investigação, aos negócios e ao empreendedorismo jovem. O Fórum Cultural de Alcochete é composto por um auditório com capacidade para receber 374 pessoas e diversas salas disponíveis (oito salas de ensaio e uma polivalente), as quais poderiam ser cedidas para a instalação de ateliers e escritórios, promovendo assim o desenvolvimento científico em Alcochete.

Ainda ligado ao Fórum Cultural de Alcochete, pretende-se incrementar um maior número de eventos artísticos nacionais e internacionais ligados às artes performativas (música, teatro,

²⁵² GEDDES, Patrick - *Cidades em Evolução*, São Paulo, Papyrus, 1994, ISBN: 85-308-0212-8, p. 149

dança, pintura, escultura, etc.), através da criação de protocolos com instituições culturais nacionais e internacionais, de forma a promover a divulgação e o desenvolvimento do turismo no concelho, mas também o intercâmbio de exposições temporárias de artistas conhecidos.

Direcionado também com as artes do espetáculo está a possibilidade de ligação com a emblemática Praça de Touros de Alcochete. Por se tratar de um dos elementos que melhor simboliza as tradições da vila, merece maior destaque, na procura de uma utilização mais diversificada ligada a espetáculos ao ar livre (com capacidade para receber 4.076 visitantes) e à ocorrência de feiras tradicionais nos dias de espetáculos e festas religiosas (não tendo tido a informação da frequência de pessoas nas festas, seria no futuro essencial a um projeto de dinamização cultural, obter o número de visitantes).

A par de qualquer interesse de preservação e valorização do vasto património já referenciado, é essencial o trabalho desenvolvido pelas entidades locais na divulgação e promoção dos elementos de interesse cultural que melhor ilustram o cartão-de-visita de Alcochete. Contribuindo para o enriquecimento turístico na região e, conseqüentemente, o crescimento económico local, refletindo-se não só no número de visitas ao património cultural e natural, na passagem dos visitantes pelas unidades hoteleiras, restaurantes e comércio local e finalmente a fixação da população em Alcochete.

A presente proposta segue os critérios de planeamento urbano de Patrick GEDDES, abordando diversas das suas metodologias, designadamente, o modo como a população se relaciona com os costumes da vila, incentivando a sua ligação às atividades culturais/ambientais/artísticas ao nível local, regional e internacional. Esta proposta beneficia da proximidade à capital, permitindo a chegada de turistas a Alcochete através dos novos acessos marítimos, mas também a valorização e divulgação das memórias do local, através de um roteiro turístico que promove a apreciação do conjunto patrimonial local, respeitando as aptidões naturais do lugar e, otimiza as qualidades do território e da população.

CONCLUSÃO

Para analisar os métodos que contribuem para a valorização do património cultural nos núcleos urbanos, foi necessário recorrer a uma extensa revisão bibliográfica, que nos ajudou a entender o crescimento evolutivo das cidades e os respetivos modelos urbanísticos. A rápida expansão que ocupou as grandes cidades industriais, conduziu à acumulação de graves problemas urbanos, levando ao surgimento de modelos urbanísticos com vista a minimizar o estado caótico em que as cidades se encontravam. Foi a partir do final do século XIX, e durante o século XX, que surgiram esses modelos urbanos, compreendidos através de uma extensa revisão entre o pré-urbanismo e o urbanismo atual que, de acordo com Françoise CHOAY, se divide em dois métodos que marcaram com ideias firmes e distintas o percurso das cidades – o Progressista e o Culturalista. Destaca-se a oposição por eles defendidas, por um lado a ciência e a técnica como símbolo de progresso e, por outro, a estética, a essência do lugar (como forma de devolver a nostalgia do passado às cidades), o avanço das técnicas e a introdução da natureza. Dos autores analisados, destacam-se por um lado, HAUSSMANN e LE CORBUSIER como mentores do progressismo na história do urbanismo, e, por outro, o modelo culturalista, do qual se resumiram os princípios e métodos de cinco autores: Camillo SITTE, Ebenezer HOWARD e Raymond UNWIN, Frederick Law OLMSTED e Charles ELIOT. Neste modelo são realçadas as relações fortes entre o homem (cidadão), o passado, a natureza e o contexto local. Do estudo destes modelos urbanísticos, foram adotados os princípios do culturalismo para aplicar ao caso de estudo e verificar a sua potencial exequibilidade, analisando de que forma as cidades evoluíram, quais as relações físicas que tinham com a cultura da sociedade, com o meio, a ecologia e o património material e imaterial.

A capacidade de Patrick GEDDES, como biólogo, de observar a cidade, permitiu-lhe reconhecer o espaço urbano como um sistema dinâmico, passível de ser estudado em conformidade com as alterações sociais e ambientais de uma cidade em evolução. O seu conceito de “região-natural” é a base de um planeamento executado em princípios e conhecimentos sólidos sobre a região, onde a importância histórica, social e geográfica de cada lugar, é fundamental no entendimento da identidade local, incorporando na sua evolução um crescimento onde a presença cultural permanece. Foi este exercício de identificação, que nesta dissertação se tentou repetir, permitindo-nos analisar a interação entre o espaço territorial/urbano e a valorização do património, aplicando os fatores ativos do culturalismo. Este exercício foi antecedido de uma apresentação do relacionamento entre as metodologias dos diferentes autores e casos de núcleos culturais com êxito. Finalmente aplicou-se a Alcochete os princípios enunciados pelos autores e defensores do culturalismo.

Com base nos modelos culturalistas foi analisado o posicionamento da cultura como fator central do desenvolvimento da cidade, assim como as iniciativas culturais de diversos casos de estudo nacionais e internacionais, onde é possível perceber a influência das suas teorias e simultaneamente analisar as estratégias culturais e turísticas de cada um deles.

A variedade de iniciativas encontradas nos núcleos culturais nacionais e internacionais apresentados, refletem-se no sucesso cultural, turístico e económico da região. Serviram de inspiração para Alcochete o caso de Avignon, onde o modo como ativaram o uso da cultura (através de roteiros conjuntos, monumentos, museus, espetáculos, arte, bilhetes únicos, acessibilidades, entre outros), serviu para alavancar o desenvolvimento da economia local, regional e nacional, conduzindo à fixação de nova população e consequente desenvolvimento urbano. São estes fatores, considerados de sucesso, que se pretende seguir em Alcochete, de forma a ativar os seus núcleos culturais e desenvolver o crescimento económico e urbano.

Pretendeu-se assim, com este exercício teórico, melhorar a divulgação do seu património, através de uma proposta de dinamização cultural, semelhante aos exemplos apresentados, onde se pretende fixar a população e criar núcleos urbanos de qualidade ligados à cultura. A multiplicidade cultural existente na vila de Alcochete permitiu avançar neste exercício onde se destacou a simbologia e a identidade do local. Neste sentido, foi feita uma caracterização cultural do concelho, onde foi exposto o interesse de diversos elementos e fatores que pela qualidade do seu conjunto, merecem uma proposta que dinamize o uso da cultura nesta vila. A localização privilegiada de Alcochete junto ao Tejo, a riqueza histórica e as tradições que marcam a identidade de um povo, há muito, ligado às atividades agrícolas, salineiras (outroa ligado às pescas) e às tradições religiosas e tauromáquicas, compõem um conjunto de património imaterial autêntico que pode constituir uma oferta original. Foi proposto com base nos temas, Museu, Paisagem e Arte, atividades capazes de impulsionar este desenvolvimento. Contribuindo para a divulgação do património existente, desenvolvendo uma nova vertente turística na região, através de programas organizados para atrair os turistas. Concluindo com a implementação de várias atividades que melhor aproveitam as atividades culturais já existentes, ou seja, uma rota turística onde os visitantes têm a possibilidade de usufruir de um itinerário cultural, através de museus, monumentos e tradições, acessível com um único bilhete e, eventos artísticos e científicos ligados ao Fórum Cultural de Alcochete. Divulgar as atividades na Praça de Touros e por fim o contacto com a natureza e com as memórias do local, através de passeios de barco e visitas às atividades salineiras em embarcações tradicionais. As atividades propostas têm o objetivo de alavancar o desenvolvimento urbano, social, turístico e económico através de uma nova centralidade criada pela cultura e pelo património.

BIBLIOGRAFIA

MONOGRAFIAS

ANDRESEN, Teresa (Coord.) – *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian. Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian Serviço de Belas-Artes, 2003, ISBN: 972-678-034-9.

BANDARIN, Francesco, OERS, Ron van - *The Historic Urban Landscape, managing heritage in an urban century*, 1ª ed., Oxfor, Wiley-Blackwell, 2012, ISBN: 978-0-470-65574-0.

BARDET, Gaston – *L'urbanisme*, 6ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1967.

BÉLANGER, Pierre - *Synthetic Surfaces*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1.

BENEVOLO, Leonardo – *As origens da urbanística moderna*, Lisboa, Editorial Presença, 1981.

BENEVOLO, Leonardo – *História de la Arquitectura Moderna*, 3ª ed., Barcelona, Gustavo Gili, 1979, ISBN: 84-252-0797-5.

BEVERIDGE, Charles E., ROCHELAU, Paul – *Frederick Law Olmsted, designing the American Landscape*, Nova Iorque, Rizzoli, 1995, ISBN: 0-8478-1842-X.

BIRNBAUM, Charles A. KARSON, Robin - *Pioneers of American Landscape Design, A project of the National Park Service Historic Landscape Initiative, Library of American Landscape History, Catalog of Landscape Records in the United States at Wave Hill, Cultural Landscape Foundation*, 1ª ed., Nova Iorque, McGraw-Hill Companies, 2000, ISBN: 0-07-134420-9.

BONESIO, Luisa - *Elogio da Conservação*, In SERRÃO, Adriana VERÍSSIMO (Coord.), *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*, 1ª ed., Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, ISBN: 978-972-8531-96-6.

CASTEL-BRANCO, Cristina – *D. Fernando II, o Rei-Paisagista*, In CASTEL-BRANCO, Cristina (Ed.) *Necessidades, jardins e cerca*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, ISBN: 972-24-1174-8.

CASTEL-BRANCO, Cristina et al. (Coord.) – *O Livro Verde – The Green Book, Expo 98*, Lisboa, Parque Expo 98 S.A., 1998, ISBN: 972-8495-09-9.

CHOAY, Françoise - *A Alegoria do Património*, 10ª ed., Lisboa, Edições 70, 2006, ISBN: 972-44-1205-9.

CHOAY, Françoise - *O Urbanismo, Utopias e realidades, uma antologia*, 5ª ed., São Paulo, Perspectiva S.A., 1998.

COLLINS, George R., SITTE, Camillo et al. – *Y el nacimiento del urbanismo moderno/ Construcción de ciudades según principios artísticos*, Barcelona, Gustavo Gili, 1980, ISBN: 84-252-0983-8.

CORBUSIER, Le - *Maneira de Pensar o Urbanismo*, 3ª ed., Mem Martins, Europa-América, 1995, ISBN: 978-972-103-370-2.

CORBUSIER, Le – *Principios de Urbanismo (La Carta de Atenas)*, 2ª ed., Barcelona, Editorial Ariel, 1973, ISBN: 84-344-0705-1.

CORBUSIER, Le – *Urbanisme*, Paris, Flammarion, 1994, ISBN: 2-081610-1.

CORNER, James - *Terra Fluxus*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1.

CZERNIAK, Julia - *Looking Back at Landscape Urbanism: Speculations on Site*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1.

DATO, Giuseppe – *L'urbanistica di Huassmann un modello impossibile?*, Roma, Officina Edizioni, 1995.

ANTUNES DIAS, A. MARQUES, J.M.S. – *Estuários. Estuário do Tejo: o seu valor e um pouco da sua história*, Setúbal, Corlito, 1999, ISBN: 972-8083-34-3.

DUBY, Georges – *Histoire de la France Urbaine: La ville de l'âge industriel*, Paris, Éditions du Seuil, 1983, ISBN: 2-02-006493-6.

FERREIRA, António Mega – *World Expo's: O que vale um tema*, In TRIGUEIROS, Luiz, SAT, Claudio (Ed.) – *Expo '98 Exposição Mundial de Lisboa – Arquitectura*, Lisboa, Editorial Blau, 1998, ISBN: 972-8311-22-2.

FISHMAN, Robert – *L'utopie urbaine au XXe siècle: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier*, Bruxelas, 1979, ISBN: 2-87009-111-7.

FORTUNA, Carlos - *Sociologia, cultura urbana e globalização*, In Carlos FORTUNA (Org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, 1ª ed., Oeiras, Celta Editora, 1997, ISBN: 972-8027-78-8.

GRAÇA, Luís Maria – *As Festas do Barrete Verde das Salinas em Alcochete*, Lisboa, Edição Elo, 1998, ISBN: 972-9181-53-5.

GRAÇA, Luís Maria – *Edifícios e monumentos notáveis do concelho de Alcochete*, Lisboa, Edição Elo, 1998, ISBN: 972-9181-50-0.

GEDDES, Patrick – *Cidades em Evolução*, São Paulo, Papirus, 1994, ISBN: 85-308-0212-8.

GIROT, Christophe – *Vision in Motion: Representing Landscape in Time*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1.

GOMES, Rogério Manuel Loureiro – *Um Modelo de Organização Regional para Portugal*, Lisboa, Colibri, 2012, ISBN: 978-989-689-209-8.

GUASCH, Anna Maria, ZULAIKA, Joseba (Eds.) – *Aprendiendo del Guggenheim Bilbao*, Madrid, Akal, S.A., 2007, ISBN: 84-460-2278-8.

HALL, Peter - *Cidades do amanhã*, São Paulo, Perspectiva S.A., 1995.

HOWARD, Ebenezer – *Garden Cities of To-Morrow*, Massachusetts, The Massachusetts Institute of Technology, 1966.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000, ISBN: 972-31-0606-X.

LYNCH, Kevin - *A Boa Forma da Cidade*, Lisboa, Edições 70, 2010, ISBN: 978-972-44-1330-3.

LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*, Lisboa, Edições 70, 1960, ISBN: 972-44-0379-3.

LYSTER, Clare - *Landscape of Exchange: Re-articulating Site*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1.

MACHADO, Aquilino – *Os espaços Públicos da Exposição do Mundo Português e da Expo '98*, Lisboa, Parque EXPO '98, S.A., 2006, ISBN: 972-8106-35-1.

MAGALHÃES, Manuela Raposo - *A Arquitectura Paisagista, Morfologia e Complexidade*, 1ª ed., Lisboa, Editorial Estampa, 2001, ISBN: 972-33-1686-2.

MARTINELL, Alfons – *Cultura e cidade: Uma aliança para o desenvolvimento – A experiência da Espanha*, In CANCLINI, Nestor et al., *Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*, Brasília, UNESCO, 2003.

MAUSBACH, Hans - *Urbanismo Contemporâneo, análise dos fundamentos do planeamento actual*, 3ª ed., Vila da Feira, Presença, 1977.

MCCLELLAN, Andrew – *The Art Museum from Boullée to Bilbao*, Londres, University of California Press, 2008, ISBN: 978-0-520-24767-3.

MCHARG, Ian L, STEINER, Frederick R - *To Heal the Earth, the selected writings of Ian L. McHarg*, 1ª ed., Washington D.C., Island Press, 1998, ISBN: 1-55963-573-8.

MOSSOP, Elizabeth - *Landscape of Infrastructure*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1.

MUMFORD, Lewis - *A Cidade na História, suas origens, transformações e perspectivas*, 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1982.

NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Nova Iorque, Rizzoli International Publications, Inc., 1980, ISBN: 0-8478-0287-6.

NUNES, Luiz Santos – *Vila de Alcochete e seu concelho*, Lisboa, Silvas C.T.G., S.l.: D.L. 1993.

OCKMAN, Joan – *La nueva política del espectáculo: "Bilbao" y la imaginación global*, In LASANSKY, D. Medina , MCLAREN, Brian (Eds.), *Arquitectura y turismo. Percepción, representación y lugar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2006, ISBN: 84-252-2105-6.

PEIXOTO, Paulo – *As Cidades e os Processos de Patrimonialização. A corrida ao estatuto de patrimonialização mundial e a identidade simbólica das cidades*, In Magda PINHEIRO, Magda et al. (Org.), *Cidade e Metrópole. Centralidades e Marginalidades*, Oeiras, Celta Editora, 2001, ISBN: 972-774-129-0.

PEVSNER, Nikolaus – *Os Pioneiros do Desenho Urbano*, Lisboa, Editora Ulisseia, 1962.

RENOUARD, Yves – *La Papauté a Avignon*, 2ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1962.

RODRIGUEZ, Arantxa, ABRAMO, Pedro – *Reinventar a Cidade. Urbanismo, Cultura e Governança na Regeneração de Bilbao*, In COELHO, Teixeira (Org.), *A Cultura pela Cidade*, São Paulo, Iluminuras, 2008.

ROWE, Colin, KOETTER, Fred – *Collage city*, Massachusetts, MIT Press, 1978, ISBN: 0-262-18086-3.

SHANNON, Kelly - *From theory to resistance: Landscape urbanism in Europe*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1.

SILVA, Francisco (Conc. e dir.) – *Alcochete, um passeio à Beira-Tejo*, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete(Ed.), 2007, ISBN: 978-972-9217-38-8.

SITTE, Camillo – *L'art de bâtir les villes*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, ISBN: 978-2-02-029327-3.

SOARES, Ana Luísa, CASTEL-BRANCO, Cristina – *As árvores da cidade de Lisboa*, In Silva, Joaquim Sande (Coord.), *Floresta e Sociedade, uma história em comum*, Lisboa, Público, 2007, ISBN: 978-989-619-104-7.

TOUSSAINT, Michel – *O Recinto da Expo '98*, In TRIGUEIROS, Luiz, SAT, Claudio (Ed.) – *Expo '98 Exposição Mundial de Lisboa – Arquitectura*, Lisboa, Editorial Blau, 1998, ISBN: 972-8311-22-2.

TOSTÕES, Ana (Coord.) – *Fundação Calouste Gulbenkian: Os edifícios*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, ISBN: 972-98728-8-0.

UNWIN, Raymond - *La Practica del Urbanismo, Una introduccion al arte de proyectar ciudades y barrios*, Barcelona, Gustavo Gili, 1984, ISBN: 84-252-1197-2.

VASSALO, Rosa – *Plano da Zona de Intervenção in EXPO '98, Arquitecturas e Planos*, Lisboa, Parque EXPO '98, S.A., 1996, ISBN: 972-8127-30-8.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel - *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du Xle au XVIe siècle*, Paris, Librairie-imprimeries réunies, 1860, Vol.7.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel – *Entretiens sur L'architecture*, Paris, Pierre Mardaga, 1986, ISBN:2-87009-076-5.

WALDHEIM, Charles - *Landscape as Urbanism*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1.

WALDHEIM, Charles - *A Reference Manifesto*, In Charles WALDHEIM (Ed.), *The Landscape Urbanism Reader*, 1ª ed., Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 2006, ISBN: 978-1-56898-439-1.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

BILBAO TURISMO, *Bilbao refuerza su “tiron” internacional en un año marcado por la crisis*, Info Bilbao, Prentsa Kabinetea – Gabinete de Prensa, Bilbao, 2012.

STEINITZ, Carl, CASTEL-BRANCO, Cristina - *ArchiNews, Arquitetura Paisagista e Ecologia Urbana*, Revista de Arquitetura, Urbanismo, Interiores e Design, Edição Especial 01, Edição Argumentum, Lisboa, 2011.

D'ARCIER, Bernard Faivre – *Panorama e Futuro dos Festivais: o exemplo do Festival D'Avignon*, 1º Colóquio Internacional no Reino dos Festivais, nº 19, Salvador, 2011.

DOSSIER DE PRESSE – *Avignon*, Edição 2013, Avignon Tourisme, 2013.

FABIANI, Jean-Louis, ETHIS, Emmanuel – *O Festival e a Cidade: O exemplo de Avignon*, Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 67, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003.

ESGAIO, Rui, VIERA, João *et al.* (Coord.) – *Relatório, balanços e contas de 2011*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2012, ISBN: 978-972-31-1437-9.

RESSANO GARCIA, Pedro – *Os espaços públicos na reconversão da zona da Expo '98*, Revista Lusófona de Arquitectura e Educação, nº4, LabART, Lisboa, 2010.

SARMENTO, João - *O Evolucionismo Cultural e o Planeamento Urbano e Regional. Texto em memória dos 150 anos do nascimento de Sir Patrick Geddes (1854-1932)*, Geo-Working Papers, Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, Universidade do Minho, Guimarães, ISBN: 1645-9369, 2004.

STEINITZ, Carl – *Toward a Sustainable Landscape with High Visual Preference na High Ecological Integrity: The Loop Road in Acadia National Park, U.S.A.*, Journal of Landscape and Urban Planning, nº 19, 1990.

PÉREZ, Xerardo Pereiro - *Turismo Cultural. Uma visão antropológica*, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Edição 02, Colección Pasos edita, Tenerife, 2009, ISBN: 978-84-88429-13-1.

PLURAL, PLANEAMENTO URBANO REGIONAL E DE TRANSPORTE — 1ª Revisão do Plano Director Municipal de Alcochete, Análise e Diagnóstico, Volume I, Câmara Municipal de Alcochete, 2007. (Documentação cedida pela CMA)

UNESCO - *Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage*, World Heritage Committee, Sessão 19, Berlim, 1995.

TESE DE DOUTORAMENTO

RIBEIRO, Luis P. A. F. – *The Cultural Landscape and the Uniqueness of Place: A Greenway Heritage Network for Landscape Conservation of Lisbon Metropolitan Area*, Degree of Doctor of Philosophy, Department of Landscape Architecture and Regional Planning, University of Massachusetts Amherst, 1998.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Decreto-lei n.º 4/2005, 14 de Fevereiro de 2005, Diário da República, *Convenção Europeia da Paisagem*, Florença.

FONTES COMPUTADORIZADAS

AVIGNON – Avignon – L’histoire d’Avignon [em linha], Avignon: SLP, 2000 – [Consult. 24 Agost. 2013], Disponível na WWW: <URL: <http://www.avignon.fr/fr/culture/histoire/>>.

CM-ALCOCHETE – Câmara Municipal de Alcochete [em linha], Alcochete: SLP, 2013 – [Consult. 13 Set. 2013], Disponível na WWW: <URL: http://www.cm-alcochete.pt/pt/?wbc_purpose=Basic>.

EUSTAT - Euskal Estatistika Erakundea, Instituto Vasco de Estadística [em linha], Vitoria-Gasteiz: SLP, 2004 – [Consult. 28 Agost. 2013], Disponível na WWW: http://es.eustat.es/bancopx/spanish/tipo_N/buscador.asp?buscar=visitantes&tipo=N#axzz2dlgEd9n3/>.

FESTIVAL D'AVIGNON – Festival-Avignon [em linha], Avignon: SLP, 2004 – [Consult. 26 Agost. 2013], Disponível na WWW: <URL:<http://www.festival-avignon.com/fr/FestivalNumber/>>.

GUGGENHEIM BILBAO – Museo Guggenheim Bilbao, Area de Prensa, Impacto de las actividades del Museo Guggenheim Bilbao en la economía del País Vasco 1997-2000 [em linha], Bilbao: SLP, 2013 – [Consult. 29 Agost. 2013], Disponível na WWW: <URL: <http://prensa.guggenheim-bilbao.es/notas-de-prensa/corporativo/impacto-economico-1997-2000-2001-01-12/>>.

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico – Portugal [em linha], Lisboa: SLP, 2013 – [Consult. 16 Dez. 2013], Disponível na WWW: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71170/>>.

INE – Instituto Nacional de Estatística, IP – Portugal [em linha], Lisboa: SLP, 2013 – [Consult. 12 Set. 2013], Disponível na WWW: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros />.

PALAIS DES PAPES – Palais-des-Papes, Avignon tourisme [em linha], Avignon: SLP, 2004 – [Consult. 26 Agost. 2013], Disponível na WWW: <URL: <http://www.palais-des-papes.com/fr/content/discover/>>.

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – Unesco World Heritage Centre [em linha], Paris: SLP, 1992 – [Consult. 23 Agost. 2013], Disponível na WWW: <URL: http://whc.unesco.org/archive/advisory_body_evaluation/228.pdf/>.

Anexos

ANEXO A – PATRICK GEDDES

Figura 1: Processo de conurbação de Patrick Geddes

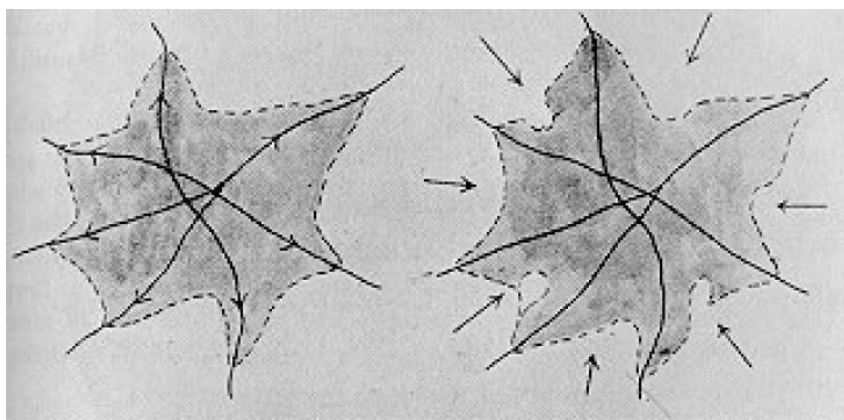
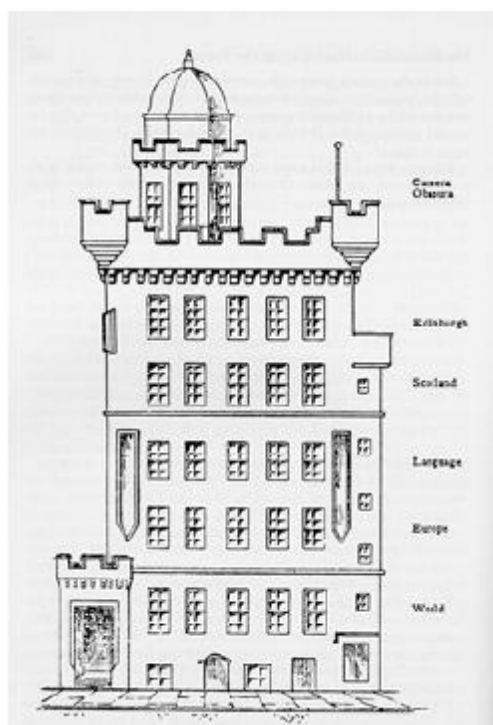


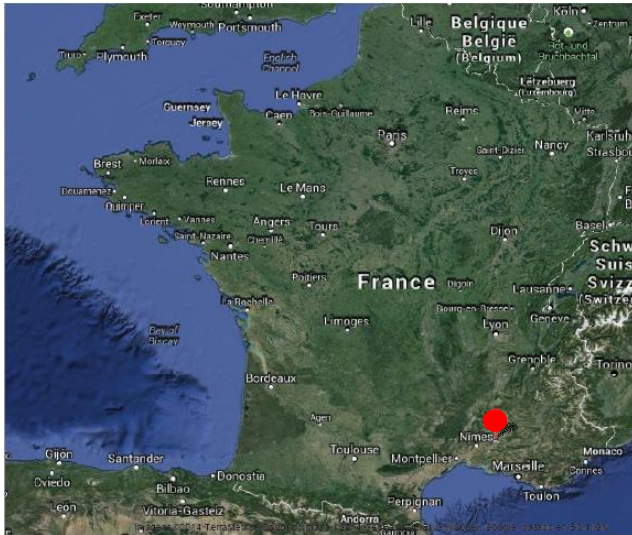
Figura 2: A *Outlook Tower* de Patrick Geddes, em Edimburgo



Fonte: GEDDES, Patrick - *Cidades em Evolução*, São Paulo, Papirus, 1994, ISBN: 85-308-0212-8.

ANEXO B – CASO DE ESTUDO DE AVIGNON

Figura 3: Localização de Avignon, em França



Fonte: Disponível em *maps.google.pt*

Figura 4: Mapa turístico de Avignon



Fonte: Dossier Presse – Avignon, Edição 2013, Avignon Tourisme, 2013

Figura 5: Vista do rio Rhône para a Ponte de Saint-Bénézet e para o Palais des Papes



Fonte: Disponível em WWW: <URL: <http://www.avignon-et-provence.com/avignon-tourisme/>>

ANEXO C – CASO DE ESTUDO DE BILBAU

Figura 6: Localização de Avignon, em França



Fonte: Disponível em maps.google.pt

Figura 7: Museu de Guggenheim, em Bilbao



Fonte: Disponível em <http://en.wikipedia.org/>

Quadro 1: Quadro representativo do número de visitantes nos três primeiros anos de abertura do Museu Guggenheim de Bilbao e dos últimos três anos

Anos	1998	1999	2000	2010	2011	2012
Total	1.300.274	1.065.459	974.976	958.173	726.000	734.215

Fonte: Disponível em
WWW:http://es.eustat.es/bancopx/spanish/tipo_N/buscador.asp?buscar=visitantes&tipo=N#axzz2dlgEd9n3

ANEXO D – EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS DE 1940

Figura 8: Plano da Exposição do Mundo Português



Fonte: Disponível em <http://www.leme.pt/>

ANEXO E – CASO DE ESTUDO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Quadro 2: Atividades distributivas da Fundação Calouste Gulbenkian com os respetivos números e custos (Euros) correspondentes ao ano 2011

Atividade distributivas	Números	Custos (€)
Subsídios	773	13 417 653
Bolsas de estudo	4863	7 808 947
Prémios	7	372 500
Despesas associadas	0	1 921 502

Quadro 3: Iniciativas da Fundação Calouste Gulbenkian com os respetivos números e custos (Euros) correspondentes ao ano 2011

Iniciativas	Números	Custos (€)
Exposições (inauguradas no ano)	35	2 452 338
Concertos (nº de sessões)	160	11 816 143
Cinema e outros espetáculos (nº de sessões)	50	262 309
Publicações	143	2 448 774
Colóquios e conferências	299	856 038
Atividades educativas	3 367	1 278 273
Cursos de formação	31	316 506
Projetos	267	5 514 108
Aquisição de obras de arte	8	104 675
Outras iniciativas	0	1 713 748

Quadro 4: Atividades permanentes da Fundação Calouste Gulbenkian com os respetivos números de visitantes e custos (Euros) correspondentes ao ano 2011

Atividades permanentes	Número de visitantes	Custos (€)
Museu Calouste Gulbenkian	1 238 133	2 817 094
Centro de Arte Moderna	87 555	2 024 209
Instituto Gulbenkian da Ciência	0	5 115 642
Biblioteca de Arte	4 144	2 229 886
Biblioteca da Delegação em França	1 479	484 840

Fonte: ESGAIO, Rui, VIERA, João *et al.* (Coord.) – *Relatório, balanços e contas de 2011*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2012, ISBN: 978-972-31-1437-9, p. 304

ANEXO F – CASO DE ESTUDO DE ALCOCHETE

Figura 9: Localização de Alcochete



Fonte: Disponível em <http://www.cm-alcochete.pt/>

Quadro 5: Monumento Nacional, Igreja de São João Baptista, Matriz de Alcochete

<p>Igreja de São João Baptista, Matriz de Alcochete</p>	<p>Caracterizada como exemplar único do estilo gótico português, foi classificada como MN, pelo Decreto de 16-06-1910, DG. n.º 136, de 23 de Junho de 1910, abrangida numa Zona Especial de Proteção (ZEP), pelo Anúncio n.º87/2013, DR, 2.ª Série, n.º 45, de 5 de Março de 2013. A sua fundação assenta em excedentes duma antiga mesquita muçulmana, marcada por um registo arquitetónico gótico, datado do século XVI, dando lugar à atual igreja matriz de Alcochete, dedicado ao orago S. João Baptista. O seu plano arquitetónico é composto por diversas características marcantes deste estilo, que de acordo com o registo de Luís Maria GRAÇA, apresenta <i>“um pórtico de arquivoltas em linha quadrada, rematado superiormente pela cruz de Santiago, em gablete, e é sobrepujado por uma magnífica rosácea gótica, cuja inspiração se filia na catedral de Évora. À direita, uma torre levantada em blocos de cantaria, bem aparelhados, termina com duplo arco sineiro e coruchéu de grimpas revestidas de azulejos hispano-árabes. [...] Interiormente, a igreja está dividida em três naves de quatro tramos, separadas por grandes arcos de corte ogival e capiteis profusamente lavrados de folhagem [...] Os tectos de madeira pintada, os pavimentos em cantaria e tijoleira [...] e o vestíbulo, forrado com azulejos azuis e brancos, setecentistas.”</i>^{253, 254}</p>
--	---

²⁵³ GRAÇA, Luís Maria – *Edifícios e monumentos notáveis do concelho de Alcochete*, Lisboa, Artes Gráficas, 1998, ISBN: 972-9181-50-0, pp-15-16

²⁵⁴ IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico – Portugal [em linha], Lisboa: SLP, 2013 – [Consult. 16 Dez. 2013], Disponível na WWW: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71170/>.

Quadro 6: Imóveis de Interesse Público, Igreja da Misericórdia de Alcochete e Capela de Nossa Senhora da Vida

Igreja da Misericórdia de Alcochete	<p>Igreja da segunda metade do século XVI, foi construída inicialmente junto à área apalaçada onde D.Manuel I nasceu. Classificada como IIP, pelo Decreto n.º 2/96 DR 56, de 6 de Março de 1996, abrangida numa ZEP, pelo Anúncio n.º87/2013, DR, 2.ª Série, n.º 45, de 5 de Março de 2013. O jogo de volumes pelo qual é caracterizado, confere a este conjunto arquitetónico de estilo Maneirista, um bom exemplo espacial de igreja Misericórdia. A sua proximidade com o rio Tejo e com o cais de Alcochete possibilitava-lhe maior proteção e vigilância face às chegadas marítimas, contendo numa das fachadas da igreja a seguinte inscrição – <i>“MARIA MATER GRATIAE / MATER MISERICORDIAE / TU NOS AB HOSTE PROTEGE ET HORA MORTIS SUSCIPE (Maria, Mãe cheia de graça / Mãe de Misericórdia / Protege-nos dos nossos inimigos e defendo-nos na hora da morte) ”</i> ^{255, 256}</p>
Capela de Nossa Senhora da Vida	<p>Capela emblemática pelo seu posicionamento junto ao rio, classificada como IIP, pelo Decreto n.º2/96, DR, I Série-B, n.º56, de 6 de Março de 1996 e igualmente abrangida pela ZEP, pelo Anúncio n.º87/2013, DR, 2.ª Série, n.º 45, de 5 de Março de 2013. Forma um dos vértices do concelho de Alcochete. A sua construção remonta a 1577, a mando de D. Afonso Garcia de Figueiredo e sua esposa Júlia de Carvalho, dedicando esta pequena capela a Espírito Santo (nome pela qual esta capela é também conhecida). Esta pequena capela, inserida num estilo tardo-renascentista erudita, é composta apenas por uma nave retangular e a capela-mor quadrangular com cobertura copulada. As paredes interiores são compostas por obras do século XVIII, que contribuem para o enriquecimento desta capela, pela sua relevância a nível regional, através de fileiras de azulejos azuis e brancos alusivos à vida de Nossa Senhora. ^{257, 258}</p>

Também o Pelourinho de Alcochete teve em via de ser classificado como IIP, pelo despacho de 6 de Agosto de 2008, mas devido à sua inexistência nessa data, foi decretado como monumento não classificado pelo Decreto n.º 23 122, DG, I Série, n.º 231, de 11 de Outubro

²⁵⁵ GRAÇA, Luís Maria – *Edifícios e monumentos notáveis do concelho de Alcochete*, Lisboa, Artes Gráficas, 1998, ISBN: 972-9181-50-0, p.20

²⁵⁶ IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico – Portugal [em linha], Lisboa: SLP, 2013 – [Consult. 16 Dez. 2013], Disponível na WWW: <http://www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74210/>>.

²⁵⁷ IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico – Portugal [em linha], Lisboa: SLP, 2013 – [Consult. 16 Dez. 2013], Disponível na WWW: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74209/>>.

²⁵⁸ GRAÇA, Luís Maria – *Edifícios e monumentos notáveis do concelho de Alcochete*, Lisboa, Artes Gráficas, 1998, ISBN: 972-9181-50-0, p.26

de 1933. Este terá sido um monumento de arquitetura civil política, construído em 1515 durante a atribuição do foral a Alcochete por D. Manuel. Atualmente resta apenas um fragmento representativo do pelourinho, que pode ser visto no Museu Municipal de Alcochete. (FIGURA 15)

Quadro 7: Interesse Municipal, Pórtico do antigo Convento de São Francisco

Pórtico do antigo Convento de São Francisco	<p>Do antigo Convento de São Francisco, resta apenas o seu pórtico, classificado como IM pelo Decreto n.º 2/96, DR, I Série-B, n.º 56 de 6 de Março de 1996. Este monumento antecedia um conjunto arquitetónico religioso, de meados do século XVI, dedicado à Nossa Senhora do Socorro, destinado aos frades franciscanos, que nele permaneceram até 1834, data em que foi extinta e vendida, levando posteriormente à sua destruição.</p> <p>Atualmente o pórtico é composto por três arcadas de volta perfeita, assentes em pilares retangulares. Os arcos são encimados por três frontões curvados em forma de bico e decorados com painéis de azulejos, azuis e brancos, com cenas alusivas aos santos franciscanos e especialmente a Santo António. Os frontões laterais terminam em forma de pináculos e o frontão central é rematado com uma cruz.²⁵⁹</p>
--	--

Quadro 8: Sítio de Interesse Público, Olaria Romana do Porto dos Cacos

Olaria Romana do Porto dos Cacos	<p>Dos vários elementos culturais que enriquecem a vila de Alcochete, encontra-se a Olaria Romana do Porto dos Cacos, descoberto em 1983 e classificada como SIT pela Portaria n.º 591/2011, DR, 2.ª Série, n.º 121, de 27 de Junho de 2011 e abrangida numa ZEP, pela Portaria n.º 591/2011, DR, 2.ª Série, n.º 121, de 27 de Junho de 2011. Foram encontrados dois fornos, destinados ao fabrico de ânforas e cerâmica, um alinhamento de ânforas e uma necrópole, estes objetos remetem à produção de cerâmica pelos romanos entre os séculos II e IV a.C.. A descoberta desta necrópole permitiu entender melhor o seu funcionamento, pressupondo a existência desta comunidade junto ao complexo industrial.²⁶⁰</p>
---	---

²⁵⁹ IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico – Portugal [em linha], Lisboa: SLP, 2013 – [Consult. 16 Dez. 2013], Disponível na WWW: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71046/>.

²⁶⁰ IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico – Portugal [em linha], Lisboa: SLP, 2013 – [Consult. 16 Dez. 2013], Disponível na WWW: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/70838/>.

ANEXO G – OUTROS ELEMENTOS HISTÓRICOS COM INTERESSE NO CONCELHO, BASEADO NA ANÁLISE DO PDM DE ALCOCHETE

Arquitetura Religiosa:

- Ermida de Santo António da Ussa, Alcochete
- Capela de Nossa Senhora dos Matos, Alcochete
- Igreja de São Brás, Samouco
- Capela do Cemitério de Samouco

Arquitetura Civil Privada:

- Casa no Largo do Troino, Alcochete
- Centro Paroquial Padre Cruz ou Antiga Casa dos Gouveia Abrantes, Alcochete
- Antigo Solar dos Netos ou Paço de São João, Alcochete
- Casa dos Beirados, Alcochete
- Casa dos Bustos, Alcochete
- Casa de Moysém, Alcochete
- Edifícios na Rua Dr. Ciprião de Figueiredo, Alcochete
- Edifício da Sociedade Imparcial, Alcochete
- Vivenda Matilde, Alcochete
- Solar da Quinta da Praia das Fontes ou Solar dos Soydos, Alcochete
- Edifícios no Largo de São João, Alcochete
- Edifício na Rua Comandante Sacadura Cabral, Alcochete
- Herdade da Barroca D'Alva, Alcochete
- Casa Mirante, Samouco

Arquitetura Civil Pública:

- Paços do Concelho ou Antigo Solar dos Pereiras, Alcochete
- Asilo Barão de Samora Correia ou Antiga Sede da Santa Casa da Misericórdia de Alcochete / Antigo Hospital), Alcochete
- Escola Primária Conde de Ferreira, Alcochete
- Coreto de Alcochete

Arquitetura Industrial:

- Moinhos de Vento no Serradinho da Praia, Alcochete
- Moinho de Maré da Praia das Fontes, Alcochete
- Moinho de Vento do Canto do Pinheiro, Alcochete
- Moinho de Vento do Vale da Rosa, Alcochete

- Moinho de Vento da Quinta da Atalaia, Alcochete
- Moinho de Vento da Barroca, Alcochete

Estruturas de Apoio:

- Fonte de Senhora, Alcochete
- Marco dos 3 Concelhos, Alcochete
- Marco de Divisão Concelhia do D. Jorge, Alcochete²⁶¹

²⁶¹ PLURAL, PLANEAMENTO URBANO REGIONAL E DE TRANSPORTE — 1ª Revisão do Plano Director Municipal de Alcochete, Análise e Diagnóstico, Volume I, Câmara Municipal de Alcochete, 2007, pp.123-131 (Documentação cedida pela CMA)

ANEXO H – CASO DE ESTUDO DE ALCOCHETE, FOTOGRAFIAS

Figura 10: Igreja São João Batista, Matriz de Alcochete



Fonte: Autor

Figura 11: Igreja da Misericórdia de Alcochete



Fonte: Autor

Figura 12: Capela de Nossa Senhora da Vida



Fonte: Disponível em <http://www.cm-alcochete.pt/>

Figura 13: Pórtico do antigo Convento de São Francisco



Fonte: Disponível em <http://www.cm-alcochete.pt/>

Figura 14: Olaria Romana do Porto dos Cacos



Fonte: Disponível em
<http://www.cm-alcochete.pt/>

Figura 15: Fragmento do Pelourinho de Alcochete



Fonte: Disponível em
<http://www.cm-alcochete.pt/>

Figura 16: Praça de Touros



Fonte: Autor

ANEXO I

Quadro 9: Questões estratégicas de atração turística pensadas para três grupos: população local, visitantes regionais e visitantes internacionais

	População local	Visitantes regionais	Visitantes internacionais
Qual a oferta cultural de interesse e original em Alcochete?			
Monumentos		X	X
Museus		X	X
Fórum Cultural de Alcochete	X	X	X
Tradições	X	X	X
Paisagem/Natureza	X	X	X
Que tipo de atividades procuram os visitantes?			
Roteiro conjunto com um único bilhete (Museu - Paisagem - Arte)		X	X
Passeios de barco		X	X
Eventos tradicionais			
Festas tauromáquicas	X	X	
Festas religiosas	X	X	
Gastronomia		X	X
Feiras	X	X	
Eventos artísticos			
Música	X	X	X
Dança	X	X	X
Teatro	X	X	X
Eventos científicos			
Congressos		X	X
Conferências		X	X
Paisagem/Natureza			
Salinas	X	X	X
Pólo de Animação Ambiental do Sítio das Hortas	X	X	X
Que tipo de esforços são usados para atrair os visitantes?			
Pólos culturais já existentes		X	X
Divulgação	X	X	X
Acessos de barco		X	X
Comboio turístico		X	X

Fonte: Autor

ANEXO J

Quadro 10: Tabela com os números relativos aos visitantes do Museu Municipal de Alcochete (três núcleos)

Anos	2010	2011	2012	2013
Nº de Visitas	3.141	2.243	3.289	2.184

Quadro 11: Tabela com os números relativos aos visitantes do Fórum Cultural de Alcochete

Anos	2005*	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Nº de Visitas	7.601	16.664	20.471	24.029	25.401	35.247	30.111	25.311	27.936

* O Fórum Cultural de Alcochete foi inauguração a 24 de Junho.

Fonte: Dados cedidos pela Câmara Municipal de Alcochete em Janeiro de 2014

ANEXO K

Figura 17: Esquema de percursos marítimos entre concelhos



- | | | |
|-------------|------------|-----------------------|
| ① Alcochete | ④ Barreiro | ● Aeroporto |
| ② Montijo | ⑤ Almada | --- Percurso de barco |
| ③ Moita | ⑥ Lisboa | entre concelhos |

Fonte: Imagem disponível em *maps.google.pt*
Esquema do autor

ANEXO L

Figura 18: Rota turística de Alcochete



Fonte: Autor

Figura 19: Aproximação ao núcleo histórico



Fonte: Autor
Sem escala